FON FON
AGUENTA FELIPPE!

O CONTO BRASILEIRO

JANUARIA

DE CARLOS RUBENS

JUVENAL MENDES e Cosme Leão sahiram do Banco, naquelle sabbado, ás 14 horas e desceram a Avenida Rio Branco, entrando no café Bellas Artes.

Como já haviam combinado, dahi foram ao *Salão;* ver o samba, de Manuel Faria, que um amigo lhes tinha recommendado. Entraram e foram admirando as estatuas e os quadros. Pararam aqui, ali; detinham-se em analyse pittoresca ou sentimental. Passaram adeante. Viram *Après le rêve*, de Humberto Corro; *Jaguarary*, de Carlota Nascimento; *volta do baptizado na Penha*, de Regina Veiga; *Moça das flores*, de H. Bernardelli; *Miscellanea*, de Gaspar Magalhães...

Sentaram-se deante de um retrato de mulher, morena e bonita, feita por Guttmann Bicho, e do *Nú*, de M. Constantino.

Foi Juvenal Mendes quem desviou a conversa.

— E Januaria?

— Foi como te disse. Quem vae para uma paixão é como quem caminha para o desconhecido, de olhos fechados. Inconscientemente. Só quando tropeça ou sae do perigo é que readquire a razão. E a vida não é outra coisa senão o imprevisto.

— De maneira que depois dos primeiros encontros...

— Não nos separamos mais. Veio o conhecimento reciproco, a communicação das idéas, a união de sentimentos, a mutua affeição, todos esses elementos que formam as cadeias que acorrentam as almas e as fundem no mesmo bemquerer, no mesmo amor.

— O que podia ser um affecto passageiro tornou-se numa paixão de toda a vida...

— Exactamente. E como não ser assim? Januaria é uma creatura de excepção. Rara. Bôa, intelligente, dá-se-me toda até o sacrificio. Enfrenta dissabores, perdôa aggravos. E tudo isso em troca de um affecto que lhe não vale nada.

— De sorte que...

— Quero-a cada vez mais. Procuro não dar-lhe motivos de tristezas, tudo faço por vêl-a contente, feliz no seu amor correspondido, fazendo por que ella veja a vida através de um prisma azul. E muitas vezes a alegria que lhe trasmitto, não é a alegria que anda em mim.

— Mas a tristeza de que falaste hontem?

— Vem do que não lhe posso dar. Do bem que lhe não faço. Sabendo das minhas difficuldades, quer compatilhar dellas. A minha ambição é possuir muito, que seria nada, para dar-lhe em troca de tudo que me dá. E' essa tristeza de possuir coisa nenhuma, que por vezes me acabrunha.

— De sorte que a mulher, a quem se vae amar devéras, nos chega um dia assim. Imprevistamente.

— Como a propria paixão que alimenta.

— E nos faz feliz.

— Quando não mata.

Silenciaram olhando o *Nú* de M. Constantino, estirado na "chaise-longue", dormindo, emquanto a retratada magistral de Guttmann Bicho sorria para elle um sorriso de mulher satisfeita.

— Vamos embora? — propoz Juvenal Mendes.

— Vamos — respondeu Cosme Leão.

Levantaram-se. Atravessaram as salas já percorridas e desceram as escadas.

Da Avenida Rio Branco foram a um cinema.

FELICIDADE PERDIDA

— ESTA' resolvido: amanhã, mesmo, deixarei o Rio...

— Julgas que essa solução resolve o problema?

— Não entro nessa apreciação; apenas sei que, com tal resolução, conseguirei um pouco de socego de espirito, e é quanto basta no momento.

— Entendo que és precitado, agindo de modo pelo qual queres agir; entretanto, deixo ao teu criterio a attitude que tomares. Lembro-te, apenas, que com isso me matarás...

* * *

Durante duas longas horas, Marco André deixou-se ficar trancado no quarto, sem ter qualquer contacto, fosse com quem fosse, e todo esse tempo Walkyria passou collada á porta, ouvido attento aos rumores que esperava viessem do aposento onde se encerrára Marco André; e apenas o ruido secco das teclas da machina de escrever, batendo sobre o papel, se ouvia...

Walkyria não se conteve, e, batendo á porta, chamou repetidas vezes e nervosamente por Marco André. O silencio se fez absoluto, pois nem mesmo o ruido sêcco das teclas da machina se ouviu mais.

— Marco André! Marco André! Abre, por favor! Attende ao meu pedido! Vamos, abre!...

Um chôro convulso e prolongado fez com que Marco André abrisse a porta e procurasse indagar de Walkyria, que se encontrava sentada no chão e tendo o rosto escondido entre as mãos, qual o motivo daquelle pranto sentido.

Walkyria limitou-se a pronunciar o nome de Marco André, escondendo o rosto no seu peito.

* * *

Sobre um divan de setim azul, Marco André, sentando Walkyria sobre os joelhos, acariciando-lhe os louros cabellos, submetteu-a a um doce interrogatorio:

— Por que choras, Walkyria? Por que dás a esses lindos olhos sonhadores o castigo das lagrimas vertidas sem cessar? Por que augmentas a minha agonia, soffrendo sem uma causa justa e chorando sem um motivo plausivel? Não vês que assim augmentas o meu desespero, maior tortura me infliges? Vamos, enxuga esses olhos e substitue esse ar triste por um sorriso communicativo... Vamos, um sorriso, e responde á minha pergunta!

— Que queres que eu responda, se sabes melhor do que eu os motivos da minha tragedia intima? Se estás farto de saber que sou uma desgraçada? Se só de ti depende a minha felicidade completa?... Que queres então que eu te diga, Marco André?

— Walkyria, francamente, não te comprehendo... Consideras-te uma desgraçada e dizes que só de mim depende a tua felicidade completa... Choras, e nem siquer articulas a menor queixa contra mim... E's incoherente comtigo mesma, minha filha! Sabes que tudo faço para te ver contente, satisfeita, para que tenhas ao menos a illusão de que és feliz! No emtanto, reclamas sempre, allegando que não és feliz completamente e que isso seria facillimo se eu quizesse fazer-te feliz... Não dizes, apesar da insistencia dos meus rogos, dos meus pedidos, o que é preciso que eu faça, para te considerares feliz... Queres, afinal, dizer, agora, o que devo fazer para conseguir tal objectivo? Vamos, Walkyria, fala! dize o que queres que eu faça, afinal.

— Marco André, innumeras vezes te tenho pedido que legalises a nossa situação, que, afinal, não é honrosa para qualquer de nós e muito menos para mim. Tu sempre desvias a conversa, habilmente e terminas por não tratar desse assumpto palpitante... Por que? Certamente, o assumpto não te interessa e disso estou plenamente convencida. Afinal, se me amas, como dizes a cada instante; se és capaz de todos os sacrificios, para que eu tenha ao menos a illusão de que sou feliz, por que não me attendes? Por que não discutes

De Orlantino Loredo

commigo esse assumpto tão maçante? Não o fazes, porque tal não te interessa e não disfarças, mesmo, o dissabôr que isso te causa.

— Walkyria, tu és evidentemente uma creança!... Fazes, de uma coisa banal e inutil como o casamento, uma questão de ordem importante, a ponto de causares a desharmonia entre nós... Julgas que o casamento trará essa felicidade tão ansiada por ti? E's creança, repito. O casamento Walkyria, não é o que suppões: condição precipua para a felicidade completa de duas creaturas que se estimam. Não. O casamento é uma convenção social... E' apenas um contracto commercial como outro qualquer, sujeito a clausulas que geralmente não são observadas pelos contractantes. Nem sempre o casamento é uma consequencia logica da eleição de dois corações. A maior parte das vezes, elle é de conveniencia, de calculo, de puro commercio. O mesmo não acontece com as creaturas que se estimam verdadeiramente e deliberam unir-se sem pedir o beneplacito da lei, mostrando a todos, e, ás vezes, á propria consciencia... Os que se unem sem pedir conselhos, sem consultar á lei, sem dar ouvidos aos rumores do mundo, ouvindo, apenas, a voz do coração, observa, são, em regra geral, felizes. A liberdade deve presidir a todos os actos da vida, inclusive ao amôr. Sou, portanto, como vês, apologista da liberdade do amôr e não posso admittir que tu, que me amas, penses de modo diverso ao meu... Tens a certeza de que tudo farei por ti; para que possas ter a compensação do sacrificio de te teres unido a mim; sabes que vivo só por ti e para ti, na ansia de te adivinhar os pensamentos, correndo a satisfazer aos teus desejos, sacrificando-me, ás vezes, para que não te falte o que idealizas; por que, então, essa imposição de uma formalidade banal, sem outra qualquer finalidade pratica, util, aproveitavel? Para que insistes, Walkyria, em exigir de mim essa submissão a uma das mais imbecis mentiras convencionaes? Dize-me ainda uma vez: tens a menor duvida sobre o meu amôr? Achas-me capaz de te querer menos do que te quero? Passa-te pela memoria que eu possa te pôr á margem por causa de outra mulher? Vamos, fala...

— Marco André, eu tenho a certeza do teu grande amôr; reconheço quanto és bom para mim, quanto és meu amigo; sei que não serás capaz de me trocar por outra; mas... entendo que minha felicidade só será completa quando legalizares a nossa união perante a sociedade em que vivemos.

— Falas em sociedade, como se a nossa união tivesse sido autorizada por alguem que nos désse o seu beneplacito... Fazes depender o nosso socego de espirito a nossa completa communhão de idéas, de uma farça, — que outra coisa não é o casamento —, querendo obrigar-me a dar publicamente uma prova de homem atrazado, de um perfeito imbecil...

— Imbecil como, Marco André?!...

— Sim; imbecil. Um homem que se une a uma creatura pela qual tem paixão e com ella vive, durante annos seguidos, na mais completa harmonia, num ambiente de perfeita felicidade, sem outra preoccupação que a do seu amôr, e vae, ao fim desse tempo, pedir á Lei e á Sociedade o consentimento para uma união já existente e feliz, apenas, para mentir a si proprio, é um imbecil!... Está resolvido: não nos casaremos! A nossa união já está legalizada por nós e peran-

(*Continúa na pagina seguinte*)

te cada um de nós! Basta! Mudemos de assumpto. Fala-me por exemplo: dos teus chapéos ou, si quizeres, das tuas amigas, de tudo, afinal, menos de casamento.

— Marco André, tu não me amas como dizes; tu tens mentido a ti proprio, acabo de me certificar com grande e indizivel tristeza; pois, se assim não fôra, tu me attenderias.

— Vaes ter a prova final do meu grande amôr por ti; por ti, por quem darei a vida em holocausto... Tu não terás mais alegria daqui para o futuro, agora que tens a certeza de que eu jamais me casarei. Pois bem; para não ser testemunha do teu soffrimento que será tambem o meu; para não ter de genuflexar-me aos teus pés, pedindo-te que não chores, eu prefiro carregar sozinho a cruz do meu Calvario, sem o auxilio alheio, até o dia em que o Destino de mim se compadeça e dê por terminada a minha odysséa, entregando-me aos braços da Morte. Dá-me um beijo, Walkyria, — talvez seja o ultimo — e vae repousar. Adeus!

* * *

Madrugada alta. Walkyria que se havia recostado, ergue-se subitamente do leito, e depois de se certificar que Marco André não se encontrava no aposento, sahiu a procural-o pela casa, chamando pelo seu nome desesperadamente. O seu appello ficava sem resposta, e, apenas, se ouvia no silencio sepulchral da casa, o éco das suas proprias palavras angustiadas.

Certificando-se de que Marco André não estava, Walkyria foi presa de forte crise nervosa, que se prolongou até o raiar do dia, quando, num esforço supremo, conseguiu dominar-se e tomar uma atitude. Desvairada, ella sahiu em busca de um conforto e nessa esperança foi ter á casa de sua mãe, que, ante a chegada inesperada de Walkyria áquella hora matinal, se assustou, interpellando-a soffregamente.

— Minha filha, tu, aqui, a esta hora, desgrenhada, com essa roupa em desalinho?!... Que te aconteceu de grave, minha filha? — Fala, para esse choro e responde-me, minha filha! Não vês a minha afflicção?...

Felicidade perdida

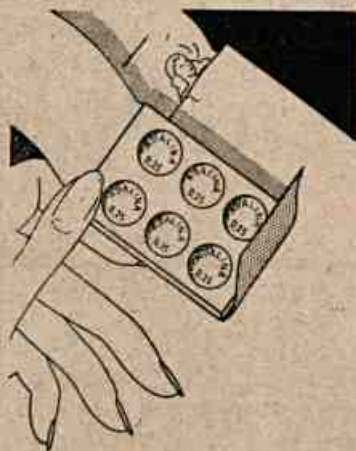
(Conclusão)

— Minha mãesinha, eu sou uma desgraçada, a mais desgraçada de todas as mulheres!...

— Que te aconteceu, minha filha? Fala, pelo amôr de Deus!...

— Minha mãe, Marco André abandonou-me, sahiu de casa, hontem, á noite, e não voltou até agora... Eu sou uma desgraçada!...

— Que houve de grave entre vocês para que elle fosse obrigado a tomar tal atitude, esquecendo-se dos seus protestos, do seu tão decantado amôr por ti e, (por que não dizer?) esquecendo-se das suas obrigações?

— Minha mãe, Marco André não me estima, como diz... Hontem, so porque eu, novamente, lhe falasse no nosso casamento, elle, como sempre acontecia, se aborreceu com isso e acabou discutindo commigo, mas, de modo, que me deixou perplexa, ante as suas theorias, até agora para mim desconhecidas, atacando vigorosamente o casamento e defendendo com desusado calôr a liberdade do amôr. Teve a coragem de me dizer que seria imbecil se casasse commigo. Depois de discutirmos muito tempo, elle mandou que eu fosse descansar. Recolhi-me ao quarto. Cansada, abatida, nervosa como estava, recostei-me na cama e creio que dormi, porque não me lembro de mais nada. Pela madrugada, acordei, e não o vi ao meu lado. Procurei-o no quarto; não estava. Levantei-me e corri a casa á sua procura, sem resultado. Chamei pelo seu nome e apenas o éco das minhas proprias palavras se ouvia em resposta. Verifiquei surpresa e triste que elle não estava em casa. Para onde foi Marco André? Por que me abandonou e de modo tão desattencioso? Que mal lhe fiz eu? Só porque lhe repeti o meu desejo de ver legalizada a nossa união pelo casamento? Mas, isso, não é causa tão grave para uma resolução como a que elle acaba de tomar. Que dizes a isso, minha mãe?

— Minha filha, não acredito que Marco André te tenha abandonado. Elle, provavelmente, após a discussão que vocês tiveram, se sentiu mal com o succedido, teve a sua rêde nervosa abalada e sahiu para espairecer, devendo voltar logo que se sentir novamente senhor de si, reintegrado na posse plena do dominio de si mesmo. Retorna á tua casa, minha filha, e fica calma e esperançosa, que Marco André voltará logo.

Walkyria, depois de aconselhar-se com sua mãe, beijou-a e partiu com destino á casa.

* * *

Seis mezes são passados. Walkyria, obediente aos conselhos maternos, aguarda esperançosa a volta de Marco André, maldizendo o casamento, que lhe roubou a felicidade em que vivêra durante longos annos, unida apenas ao seu amado pelos laços sagrados e indissoluveis do coração.

ROYAL BRIAR

O preferido pelas senhoras de gosto

Prefiram tambem o
Rouge Royal Briar
em quatro côres da
ultima moda —.

ATKINSONS

AT.-11-10-34

Esperar...

O destino de muita gente é o de esperar; esperar por tudo: pela menor das cousas!...

Assim como a macieira dá maçãs, com a maior naturalidade ha creaturas que "esperam" naturalmente a vida inteira. Esperam um emprego, uma condecoração, a sorte grande, ou um sorriso amavel da sogra.

Eusebio Muniz só tinha vindo ao mundo para esperar. Esperou, para nascer, que sete irmãos nascessem antes delle e desde então, durante os 26 annos que decorreram, a partir do momento em que vira a luz pela primeira vez, não tinha feito outra cousa senão esperar o bello prazer da mãe, das irmãs, dos tios, dos amigos e das namoradas. Finalmente, num dia de maior desespero, pensou que teria mais sórte se fôsse noivo e pediu em casamento a mais graciosa de suas namoradas...

Além de graciosa, Laurita Soares era sensata, intelligente, ordenada e criteriósa... Eusebio estava certo de que com ella findaria o seu martyrio. Mas ai do pobre rapaz!... Depois de alguns dias de successivas esperas, o mallogrado mancebo se convencêra de que suas aspirações não passavam de méras illusões. Combinaram ir juntos trez vezes por semana ao cinema, marcando o encontro no passeio da Cinelandia, bem em frente á porta do cinema Odeon; porém Laurita chegava sempre, *mathematicamente*, com meia hora de atrazo, no minimo... Devia ser um principio de... orientação tactica *pre-conjugal*? Ninguem sabe. Mas, quando por acaso ella era pontual, dava uma grande volta pelas ruas adjacentes antes de apparecer deante do noivo exactamente 30 ou 45 minutos depois da hora marcada.

Laurita pensava, talvez com sagacidade, que demonstrar muito zelo é mão e indica fraqueza de caracter... Só se dá ás cousas o devido valor, quando as desejou durante muito tempo. O rapaz supportava este certame de constancia com grande amôr e muito heroismo. (E o vocabulo não é demasiadamente forte, porque os namorados que esperam já se não pertencem; seu espirito vagueia longe, sobre as azas da duvida e do ciume).

Mas é uma peleja esgottante. Todavia, Eusebio esquecia tudo, mal a encantadora figurinha de Laurita surgia deante delle.

Era tão mimosa e engraçadinha, que não ousava ralhar com a noiva. Com o tempo, porém, uma idéa avassaladora dos heroismos inuteis surgiu no cerebro de Eusebio Muniz. Desde que sua noiva *nunca* era pontual, bastaria que elle tambem chegasse atrazado ao encontro; e adoptou immediatamente o estratagema genial. Mas é inutil; o destino das creaturas com pouca sorte é ser logo apanhadas em falta, na primeira occasião.

Quando no dia seguinte Eusebio chegou, satisfeitissimo, á porta do Odeon 35 minutos depois da hora marcada, ficou gelado, sem respiração. Laurita já lá estava esperando havia dois minutos, que, sommados um ao outro, formavam um seculo de espera... Imagine-se como o infeliz rapaz foi recebido! Maltratado pela noiva, enervadissima, que acabou chorando, Eusebio jurou que não recomeçaria nunca mais. Retomou assim suas pacientes facções sob os olhares compadecidos do homem dos jornaes e dos empregados do proprio cinema. Mas assim não poderia continuar!... Foi andando uma vez para desenferrujar as pernas até a Confeitaria Americana, de onde poderia observar facilmente os transeuntes através das vidraças. Sentou-se e pediu um café; na segunda vez experimentou um vinho do Porto e gostou... Quando Laurita soube do ocorrido, enfureceu-se e gritou logo que se tratasse de escolher entre ella e o apperitivo, porque de modo algum se casaria com um bebado! E assim Eusebio Muniz, arrancado ao vicio incipiente por mão de ferro, recomeçou a esperar sob o vento, a chuva e o sol em frente á porta do cinema Odeon.

Uma tarde, emquanto aguardava a chegada de Laurita, notou que não estava só, na paciente e dolorosa postura de quem espera alguem. Era uma mocinha que espreitava, impacientando-se como elle.

Finalmente, chegou um rapaz e a mocinha, abra-

De

Itala Gomes Vaz de Carvalho

ando-o, jubilosa, entrou em seguida, com elle, no cinema. Trez dias depois, repetiu-se a mesma scena, com a differença de que o tal rapaz desconhecido se apresentou com o atrazo de uma hora... Na semana seguinte, Eusebio tornou a encontrar a mocinha no mesmo logar. Chovia, e a chuva, cada vez mais forte, os obrigou a se refugiarem sob um toldo ao lado. Eusebio podia assim observar bem a sua companheira fortuita. Era loura e graciosa, com dois immensos olhos dourados e a expressão ingenua de quem possúe uma alma passiva e predisposta a todas as submissões. Eusebio, contemplando-a, experimentava um sentimento estranho, feito de piedade e de indignação ao mesmo tempo. Instinctivamente, os dois começaram a se entreolhar de esguelha; depois, com maior firmeza. A semelhança da provação que estavam soffrendo os approximava pouco a pouco, e seus suspiros eram irmãos gemeos.

A mocinha andava naquelle dia de um para o outro lado, numa indizivel impaciencia... Eusebio decidiu-se, enfim, a fallar:

— Fazem-na tambem esperar, não é verdade?

— Ah! — gemeu ella, levantando os olhos ao céu.

— Francamente, não é delicado da parte delle!

A jovem desconhecida retrucou promptamente:

— Tal qual como para o senhor. Se ella tivesse coração, seria um pouco mais attenciosa.

Eusebio synthetizou brutalmente a situação de ambos:

— Quer que lhe diga? São dois perfeitos egoistas!

A mocinha sorriu, e depois consultou o relojinho de pulso:

— Já os estamos esperando ha mais de uma hora!... E' uma vergonha!

— Estão zombando de nós!

— E' o que parece.

Satisfeito com a approvação, Eusebio criou mais coragem:

— Precisamos dar-lhes uma bôa lição!

A mocinha, enthusiasmada, bateu palmas:

— ¡Vamos embóra? Vamos juntos?

Mas ella ficou séria, e disse, franzindo a testa:

— Como o senhor é apressado!

Eusebio insinuou:

— E' uma occasião magnifica!... Calcule a cara que elles vão fazer quando não encontrarem ninguem!

Muito tentada, a mocinha olhou-o com olhos brejeiros, emquanto elle a tomava pela mão:

— Venha!... Venha!

E fêl-a entrar num *taxi* que passava na occasião. A tarde que decorreu para elles, assim juntinhos, foi-se rapida como um sonho luminoso. Descobriram tantas semelhanças nos seus corações e no espirito de ambos, que lhes parecêra impossivel poder encarar mais a vida longe um do outro, e só se repararam com a intenção de se encontrarem de novo:

— Quando? — perguntou ella.

— Amanhã!

No dia seguinte elle chegou na hora justa ao logar indicado, com o coração palpitante e cheio da certeza de que sua nova conquista não o faria esperar.

Olhou em redor e nada, não havia ninguem. Mas sorriu com indulgencia. Uma mulher nunca deve ser pontual ao primeiro encontro. E imaginava que ella ainda estaria pondo "rouge" nos labios e na face, com um pouco de *listre* nas palpebras. A elaboração desta symphonia tricolôr é antes commovedora para a pessôa a quem ella se destina. E para ter paciencia começou a fumar um cigarro, depois um segundo. Terminava justamente o terceiro quando a mocinha appareceu, tão graciosa quanto a outra e com os olhos que pediam perdão.

Desculpou-se com uma graça irresistivel, que desarmou o nosso Eusebio; mas quando chegou mais perto do rapaz, aspirou o ar e fez uma careta:

— Que horror! Como cheira a cigarro!

Elle fez um gesto de defesa, e quiz desculpar-se; mas não teve tempo:

— De hoje em deante — disse a mocinha — quando *esperar* por mim, faça-me o favor de não fumar!

Eusebio olhou-a um momento espantado; depois suspirou profundamente, e, já resignado, abaixou a cabeça sem dizer nada. Quem, neste mundo de miserias, póde escapar á sua sina?...

RAINHA DE SABÁ

DE

HORMINO LYRA

NINGUEM mais linda que a rainha de Sabá.

A gente moça dava-lhe esse appellido pelo facto della gostar de magnificencias, como acontecêra á authentica Balkins.

Era Danga o nome da pseudo-rainha.

Casára muito joven na Paulicéa e fôra feliz durante alguns annos. Mais tarde, porém, lhe adoecêra o marido.

Adoecêra, seguira para Campos do Jordão e de lá não voltára, deixando-lhe duas interessantes filhas e um seguro de duzentos contos.

Não obstante Danga ter um viver discreto e viver unicamente cuidando das filhas, começára a requestál-a certo cidadão de bôa figura, o qual andára em todo o tempo á cata de um dote.

Não era cavalheiro de linhagem e não tinha a propensão natural para o trato de usos sociaes nem da vida domestica, mas aparentava fina atitude e alcançára a sympathia da linda senhora, pedindo-a em casamento.

Como estivesse elle acorde, por fingimento, para demonstrar superioridade, casaram com separação de bens, por conselho do advogado della.

Elle, entanto, perdêra logo as illusões: o segundo esposo, senhor Remo, na intimidade tinha costumes que repugnavam ao seu modo de vida.

Creatura delicada no gosto, no temperamento, na compleição, não pudéra tolerar aquelle espirito sem valor, aleijão dissimulado.

Apparecêra, entrementes, joven capitalista do escol social paulistano, ao qual, em razão do estado de espirito da gentil senhora, facil fôra com meiguice e muitos rogos conseguir-lhe os favores do coração mimoso.

Percebêra o senhor Remo o que se estava passando. Danga propuzéra-lhe então o desquite amigavel. Se. Acceitára-o condicionalmente... Separaram-se.

Como, porém, fôra ella a causadora do rompimento, consoante se queixava o marido, e provada depois a infidelidade da mulher, ficára o senhor Remo dando conta da tutela das enteadas, as duas interessantes meninas Lena e Lina. Ficando elle com a tutoria cuidava do proprio interesse.

Passára Danga a morar com capitalista. Este déra-lhe palacete magnifico; dava-lhe tudo o que pedisse ella, mas esta não estava contente, pois queria a posse integral do homem a quem amava.

Era elle casado e dividia entre a esposa e a amante os sentimentos affectivos. Não tivera coragem de se separar da esposa legitima.

Em represália, passára Danga a ter outros amantes. Todos muito ricos.

Ostentava sumptuosidade. Mostrava, por vangloria, magnificencia no vestir. Pompeava.

Era o encantamento dos prazeres da juventude [illegible] mimosa, linda, pompeando. E' fôra nessa situação que a gente moça começára a chamar-lhe rainha de Sabá.

* * *

Emquanto alardeava luxo e levava vida licenciosa, cresciam as duas meninas sob a tutela do padrasto.

(Continúa na pagina seguinte)

Mau Cheiro da Pele

Mau Halito

O cheiro desagradavel da pele em muitas pessoas, sejam homens ou mulheres, é um incomodo que impressiona e entristece; mas hoje, que se conhece a causa, é facil o tratamento, si se fizer o que em seguida aconselhamos.

Sabem os medicos como o estomago é caprichoso.

Ha pessoas que sofrem perturbações do estomago quando comem queijo; outras sofrem quando comem presunto e ovos; ainda outras quando comem carne, gorduras, certos peixes, cremes, doces, conservas e outros alimentos; até certas frutas, vinho, cerveja, licores e outras bebidas causam perturbações do estomago e intestinos em muita gente.

O mais grave é que estas perturbações do estomago e intestinos sempre aparecem sem que ninguem desconfie, nem sinta nada; mas a verdade é que muitos sofrimentos e doenças começam assim.

O mau cheiro da pele, o suor que cheira mal, o mau halito e outras alterações da saude, quasi sempre são causadas pelo acumulo de impurezas e por fermentações toxicas no estomago e intestinos, que tanto mal fazem ao sangue.

Além disso, todos fumam hoje, homens e mulheres, o que, com o tempo, enfraquece o estomago e aumenta as fermentações perigosas.

Para evitar este perigo é indispensavel usar um bom remedio que tonifique as camadas musculares do estomago e intestinos, e limpe estes orgãos das fermentações.

Use **Ventre-Livre**

Ventre-Livre é um remedio de inteira confiança para evitar e tratar o mau halito, os maus cheiros da pele e outros padecimentos graves, porque tonifica as camadas musculares do estomago e intestinos, e os limpa das substancias infectadas e fermentações toxicas que tão grande mal fazem ao sangue.

Todas as noites, antes de dormir, tome duas ou tres colheres (das de chá) de **Ventre-Livre** em meio copo de agua.

Assim se trata o estomago sujo e os intestinos.

Somente assim se evita e se trata o mau halito e outros maus cheiros.

Use **Ventre-Livre**

• • •

Deposito de **Ventre-Livre** e *Regulador* **Gesteira** em **França:**

La Pharmacie **Roberts et Cie., 5 Rue de la Paix 5, Paris.**

O Dr. J. Gesteira tem tambem Laboratorios nos Estados Unidos.

Dr. J. Gesteira : **Butterick Building**

161 Sixth Avenue 161, New York, N. Y.

e

6555 East Jefferson Ave. 6555, Detroit, Mich., U. S. A.

Ventre-Livre e *Regulador* **Gesteira** são os unicos remedios brasileiros que se vendem nos paizes estrangeiros, facto que os brasileiros que viajam podem sempre verificar pessoalmente.

Danga tinha licença de visitar as filhas aos domingos e levava-lhes muitos presentes e dava-lhes sempre dinheiro. Na hora determinada, a preceptora das meninas acompanhava-as ao logar do encontro dominical e ficava com ellas até as despedidas.

O physico de Lena e Lina desenvolvia-se gradualmente; o espirito evoluia. Eram as duas já mocinhas quando, uma vez, a primogenita contára á mamãe certas liberdades que estava tomando o padrasto...

Rainha de Sabá

(Conclusão)

Nunca mais tivéra socego a rainha de Sabá. Os zelos de mãe pelo bom conceito das filhas traziam na agora perturbada, de mil idéas. Aquella revelação da pobrezinha era de certo um aviso de proxima fatalidade...

Faláras ao advogado pelo telephone e pedira-lhe marcasse hora para uma conferencia.

Esta realizára-se no mesmo dia. Contára-lhe a occorrencia: Queria de novo a posse das filhas. Renunciaria a tudo; até a um thesouro, si lho offerecessem. Nada queria a não ser a posse das filhas, afim de cuidar dellas. Nenhuma outra ambição tinha mais no mundo. Nada. Queria só ter Lena e Lina comsigo.

Como Maria de Magdala, illuminada de fé, despoja-se das galas de dama e jóias preciosas, das magnificentes commodidades só creadas pela imaginação oriental, para seguir humildemente o Mestre, afim de obter a graça do Pae Eterno, illuminada de probidade, renuncia Danga ás sumptuosidades, ao luxo immoderado, para acompanhar meigamente as filhas, afim de não a accusar em nada a sua consciencia.

E vendêra o magnifico palacete, vendera o luxuoso carro; fôra ser negociante. Estabelecera-se com casa de modas, á qual déra o nome de "Madame Danga".

Resignada, cheia de alegrias, já vinha ella no bonde, vestida com modestia mas mui distincta, ladeada de Lena e Lina para a elegante casa de negocio.

Descia do veiculo na Praça Direita; percorria-a com lentidão; em seguida, corria a rua Quinze de principio ao fim e uma parte da ladeira de São Bento, sempre ladeada das interessantes jovens que, apesar da idade louçã, não eram tão bonitas quanto a mamã; e seguia após para o da sua casa commercial numa rua das immediações do "Triangulo".

Lena fazia a caixa; Danga administrava em pessôa o estabelecimento; Lina auxiliava-a na administração.

Ainda que desquitada e afim de poder cuidar das filhas, a conselho do advogado sujeitou-se a viver de novo sob o mesmo tecto com aquelle mesmo individuo mal educado, até a maioridade das senhoritas. Só sentia tristeza quando fixava os olhos nelle, pois vivia feliz em companhia dellas.

Agora tinha outro sonho: vêl-as casadas para cuidar dos netos. E não lhe occorria aspiração mais elevada. Vivia absorta: devia ser um encanto o primeiro netinho.

Moralmente renovada, desse tempo em deante irradiava sympathia. As pessôas, que lhe conheciam a vida cheia de episodios e com caracter de lenda, tinham attenções para com ella. Senhores respeitaveis tiravam o chapéu á sua passagem. Os proprios mancebos, quando cediam tambem assim e, preferiam já estes entre si se lhe referiam a Danga, lhe chamavam "madame" ao invés de rainha de Sabá.

DANÇA DE FÔGO - De Mauro de Sanhauá

Chico Bolena. Um dos mais encarniçados escravagistas de antanho.

Sabia, porém, a contento, na vida, representar o seu papel de comedia.

Espadas de muitos gumes. Cortava á Machiavel. Como os Molières, como os Champions...

Com esses processos chegára a ganhar fóros de homem de bem.

A sociedade, em verdade, é muito simplista na fórma de seus julgamentos.

Acceita tudo pelas apparencias...

Não quer ter o trabalho do senso proprio á indagação conscienciosa.

Si um patife qualquer, algum reles diffamador, se atira a uma reputação, tentando destruil-a, na furia de um cataclisma, quasi toda gente se embrulha no sortilegio.

Si, ao revez, um flibusteiro berra, insinuando as bôas qualidades de qualquer aventureiro, eis que quasi todos cahem redondamente no logro, acreditando na miragem.

O mundo é assim...

E por isso mesmo Chico Bolena era ouvido no seio de sua claque como um oraculo.

Como que conquistára, nesse ambiente deleterio, o beneplacito de christão piedoso, interessado pela desventura alheia.

Irmão do cura parochial, com essa credencial, simulava, em certas rodas, o mais puro sentimento humano.

Mas triste da "presa" de quem elle se approximasse com os seus intuitos de protector.

Estava ás portas da desgraça... Era fatal!

Um incommensuravel tartufo. No emtanto, o rumor de sua "bondade" repercutia ao longe.

* * *

Vida amarga...

Josepha Maria, mestiça, era branca pelo sentimento e pelo coração.

Não conhecia empecilhos á inviolabilidade de sua honra.

No recesso do lar em que o seu conceito de cabloca honesta se firmára, desde o nascimento, nunca ninguem lembrára a sua condição inferior.

Era filha de escrava.

Mas soubéra conquistar uma invejavel situação moral no solar em que vivia.

Por isso era querida, acatada.

Os seus bons sentimentos e dedicação aos deveres domesticos lhe creara bem estar.

Bem estar de suave consideração.

E assim Josepha Maria compartilhava de todas as alegrias e contrariedades da familia a que a fatalidade a manietára.

Anna Amelia, esposa de Simplicio Serapião, dizia para uma das sobrinhas, que não gostavam da mestiça:

— Seja indulgente, Cotinha. Não escarneça de Josepha. Ella é, principalmente, uma torturada do destino, ao nosso serviço, por força desta pessima organisação social. Mas docilmente, está vinculada ás nossas dôres e incertezas. Está identificada ás nossas emoções.

Cotinha era uma personalidadezinha cheia de preconceitos e demais irritante.

Não havia geito para que deixasse de ferir e cobrir de labéus a infortunada moça.

* * *

Chico Bolena era matrimonialmente vinculado á nobreza do solar.

Affeito a toda sorte de aviltamentos e ludibrios, tudo fizera

(Continúa na pagina seguinte)

por enlamear Josepha Maria, modelo de candura e bondade.

Quizéra induzil-a a ser má. Empregára, para tanto, as artimanhas de que costumava se utilizar.

Josepha Maria, no entanto, santa creatura, escapára illesa do ignobil seductor.

* * *

Dança de fôgo

(C O N C L U S Ã O)

Dias transcorridos, a victima sentira-se envolvida na trama do mais terrivel labyrintho de intrigas.

Heroina da honra, não se abatêra ante a caudal de villanias.

Continuava de pé.

Desse conflicto da mentira com a verdade, dessa luta da infamia com a honra, resultou o que ordinariamente succede, em todos os quadrantes da existencia.

A Josepha Maria, cuja mãe fôra uma epileptica, sobreveiu terrivel psychose.

Helena, sua unica confidente e amiga, profundamente commovida, lamentava a horrivel desgraça.

Um dilemma: de um lado a conveniencia de não jogar ao escandalo um nome que, embora ignobil, se ligara ao de sua irmã. Do outro, a pureza de uma organização moral, digna de todos os sacrificios.

A sensibilidade nervosa de Josepha Maria dia a dia tomava aspectos mais alarmantes. Uma manhã ficou ella sem sentidos.

Os seus membros superiores e inferiores contorciam-se em convulsões.

Os olhos parados, as pupillas immoveis, as veias distendidas, a respiração entrecortada, o pulso pequeno, cachos espumosos a lhe escorrerem pelas extremidades da bocca.

Era o primeiro ataque da molestia que herdára da mãe e avó. Era a "gotta", manifestada em todas as suas caracteristicas.

O diagnostico medico a confirmou. O exame clinico precisou e definiu a origem: epilepsia hereditaria.

O morbus vivêra incubado. Irrompêra subitamente á violencia do choque que abalára sua organização nervosa.

* * *

Ataques successivos: a gotta coral percorrendo fatalmente a sua escala fatidica. Surdez, idiotismo, paralysia cerebral...

* * *

Uma solennidade no solar reunira amigos e parentes da familia.

Ao almoço, Chico Bolena figurou como um dos convivas.

Josepha Maria, de seu aposento de resguardo, furtivamente o avistára.

Acommettida de incontida excitação, tresloucadamente, banhou as vestes de petroleo, ateando-lhe fogo.

As labaredas subiram e cresceram diabolicamente. A desgraçada, ardendo em chammas, sahia a pular espavorida, phantastica, numa horrivel e macabra dansa de fogo.

Saibam todos...

COLOMBINA (S. Paulo) — Recebi, por intermedio da sua amiga *Almery*, a collaboração que me enviou. Perfeitamente. O seu pedido, ou melhor, os seus pedidos serão satisfeitos. Não sei porque, ao ler, na sua carta lilaz, a sua despedida — "Um afectuoso aperto de mão da sua velha amiga"... — não sei porque, recordei os dias esmaecidos que se foram, inflammados de enthusiasmo e de febre, crepitantes de um sentimento vulcanico, hoje extincto...

E, naturalmente, me vieram á memoria inquieta os versos de Villaespesa:

¡Que harás en esta hora? ¡Que
[harás mientras medito
estos versos extraños donde, loco,
[quisiera
decirte lo que nunca decirme a mi
[supiera...

Entre os amargores do espirito, recordar é, sem duvida, o menos amargo de todos. Porque, em uma recordação, ha sempre um pouco de doçura, para suavizar a saudade que ella nos traz...

MARTYR (Capital) — Antes de tudo, leiamos a sua carta afflicta, para apprehender bem o sentido da minha resposta.

Escreve-me V. ex.:

"Yves. Venho n'uma crise de supremo desespero, a si, como a um patricio, a um irmão, possuidor de grande talento, pratica da vida, e grande coração. Pelo amôr de Deus Yves socorra-me com um conselho, estou ficando quasi louca de tanto pensar, e o meu soffrimento secreto e immenso está minando a minha saúde. Procurava na morte um fim a este martyrio, mas tenho medo da morte, pois sou muito religiosa.

O caso de que desejo tratar é o seguinte: Eu gosto immensamente de um rapaz, que já não é muito jovem, mas gosto delle mesmo assim, porque não me dou bem com rapazolas sem juizo. Minha familia não quer o namoro, mas eu faço tudo para falar com elle, e não é essa luta que faz que eu ainda o ame mais.

Já procurei namorar outros moços, mas logo me arrependo, e acho que commetto um crime gostando delle e enganál-o. Sou-lhe sincera até á morte.

Mas acontece que ha um mez eu fui a um baile escondido delle, não foi por minha vontade, foram maus conselhos de amigas (essas amigas que riem, depois, do soffrimento da gente). Elle soube de tudo e interpellou-me, com grosseria e eu confessei que estava arrependida, pois não havia dansado, só pensando nelle. Elle, porém, não quiz saber de nada, e disse "está tudo acabado" e foi namorar uma conhecida minha de quem eu não gosto (foi o que me disseram) e elle tambem me disse a mesma coisa.

Fas um mez que não como nem durmo direito. E' verdade que dei motivo, mas elle foi bruto em brigar commigo.

Depois do que te exponho, que acha que devo fazer? Tenho o telephone delle e me dou com a irmã delle. Devo telephonar ou fazer uma visita e ver como elle me trata? Não acha que vou ficar por baixo? Elle tem razão, reconheço, mas tambem elle foi namorar a outra pequena que eu não gosto. Yves pelo amôr de Deus diga o que devo fazer? Eu não posso viver sem elle, e em casa todos brigam porque eu vivo triste e desgostosa. Dê-me um conselho, sim? E Deus o recompensará?

Responda com urgencia.

Da sua admiradora — *Martyr*."

Uff! A sua carta parece até um romance.

Comprehendo bem o seu estado de alma. E' o remorso de ter ludibriado o moço, que a amava, talvez confiante em excesso.

Nesses casos de amôr, cada um resolve por si mesmo. Porque, cada "caso" apresenta uma particularidade. Mas, sempre pensei que, quando se ama devéras, não se deve vacillar, si um fica "de cima" e si o outro fica "por baixo". O amôr é justamente essa contradicção, entre a logica pura e a do coração. Não ha linhas rectas, nem regras, nem codigos, para o amôr. Ou nós amamos ou não amamos. No primeiro caso, tudo o que fazemos, está direito; no segundo, tambem está. O principal é que se faça tudo com sinceridade, e de maneira espontanea. Faça aquillo que seu coração ditar. Ouça-lhe a voz, siga-lhe os impulsos, que irá muito bem. Não ouça conselhos nem insinuações. Só nós mesmos nos interessamos pela nossa felicidade.

E si quer ser razoavel, pense bem no seguinte: V. ex., seja como fôr, deu um motivo para que o moço fôsse grosseiro e rompesse. Bem sabe que não ha homem que admitta ser ludibriado, ou *tapeado*, como se diz na gyria. O que deu motivo a grosseria delle, foi o logro que lhe pregou, com o caso do baile. Logo, V. ex. é quem o deve procurar. Estou certo de que será bem recebida.

Sabe por que? Pura psychologia. Elle a ama. E a prova é que brigou por ciume. E um homem só rende a homenagem do seu ciume, a uma mulher, quando a ama realmente. Quando ella lhe é indifferente, póde ir aos bailes que entender, porque elle sorri e dirá: "Parabens". E quanto ao caso de namorar *outra* é, ainda, prova de ciume. Não ha homem que, estando enciumado — hoje — de uma mulher, vá — amanhã — "namorar outra", gostando dessa "outra"... Essa "outra" será, quando muito, uma vingança...!

E' tudo uma questão de raciocinio. Si a mulher raciocinasse, não erraria tanto. Mas é que ella vae sempre pelos primeiros impulsos dalma, e pela falta de... logica.

Vamos! Telephone para o rapaz ou vá fazer-lhe uma visita. Sem duvida, elle tambem deve estar soffrendo pela sua... "tapeação..."

N. N. (S. Paulo) — O seu proprio pseudonymo parece estar indicando as iniciaes da negativa, que deve receber: "Não e não!"

Em todo caso, vejamos a sua carta:

"São Paulo, 18 de Setembro de 1934. Caro Senhor "Yves". Rio de Janeiro. Saudações. Leitor antigo do FON-FON, acompanho ha muito, com interêsse, a secção "Saibam-Todos", — primeiro degráu em que pisam os nossos futuros poétas e, ao mesmo tempo, barreira intransponivel aos "agua-dôces..."

Enchendo-me de coragem, junto um pequeno verso, que submetto ao julgar do Amigo, que me in-

(Continúa na pagina seguinte)

centivará ao estudo, ou me fará procurar outras occupações...

Aguardo a palavra sincera de um artista, seja êlla qual fôr; devo confessar que não tenho estudos de metrificação, nem tão pouco de versificação, apenas, uma cultura musical me habituou a um pouco de compasso, tendo gravado no verso que envio quasi um sentimento rhythmado, mais musical do que poético.

Observo, contudo, a grande harmonia que ha, em certos pontos, entre a musica e a poesia; porisso, como na musica julgo ter algum valôr a espontaneidade de uma phrase, ou de quasi um verso. Não fôsse ésta idéia minha e, por cérto, teria cingido a minha "veia-poética" ao ditado popular: "de poéta e de louco, todos nós temos um pouco..."

Aprecio muito a Poesia; tenho lido uma infinidade de óbras de autores modernos, contemporaneos e classicos; conheço quasi todos os Poétas brasileiros, portuguezes e alguns francezes, espanhóes e italianos; nas minhas hóras de nostalgia, de "spleen", sinto-me atrahido para a Arte, para a Musica e particularmente para a Poesia; entretanto, a minha producção... se restringe a alguns versos, além do que envio, em fórma de "Sonetos", escriptos em hóras de vibração...

Muito grato ficaria ao caro "Yves", por uma palavra de estimulo, ou um conselho de Amigo...

Do leitor,

PERDÃO

(A' Rósa Maria)

Como exilado, que após longos
[annos
A' patria vólve, o coração suspenso,
Assim, querida, com o olhar per-
[dido,
Alma ajoelhada, todo desenganos,
O teu perdão, o teu perdão im-
[menso,
Venho pedir, contricto e arrepen-
[dido!

N. N.

SAIBAM TODOS...

(Conclusão)

S. Paulo, Maio - 1931.

P. S.: — Si fôr aproveitavel e houvesse um pequeno espaço no FON-FON... *N. N.*"

Como vê, o sr., depois que o mundo é mundo, descobriu que ha harmonia entre a musica e a poesia. E, por isso, põe de lado a musica da poesia, para fazer a poesia mais bôba desta vida.

Não valia a pena perder tempo com tão pouca coisa.

CITA (S. Paulo) — A sua cartinha é rôxa e longa. E tão rôxa quanto longa.

A côr, a meu vêr, é symbolica. O rôxo dá a idéa de... roxura. E que coisa é, senão roxura..., amorosa, a sua paixão inflammada?

A sua historia, ou por outra, o seu romance sentimental, se resume nisto: V. ex. que tem 16 annos, é de bôa familia; possúe fortuna, e é contrariada nos seus amores, pela severidade paterna. O seu ideal de amôr é um conductor de bonde...

E é só.

Até me faz lembrar a anecdota daquella joven, cujo sonho era passear de automovel... E como era pobre — zás! — casou com um chauffeur...

V. ex., ao que parece, se contenta com passeios de bonde... E' um sonho muito banal, e, sobretudo, vagaroso e barato: sonho dividido em secções de cem réis...

E como está na bella idade de 16 annos, era natural que tivesse um sonho mais alto e mais veloz... Um sonho que se accommodasse, por exemplo, na nacelle de um avião... Talvez, por isso, os seus illustres paes desejem vêl-a casada com um aviador... E não com um simples conductor de bonde...

Não se trata, quero crêr, de uma questão de ideal; mas de vehiculo, de velocidade e profissão. E' o que deve interessar e convir á sua adoravel pessôa: — um aviador. De bonde, com o seu conductor, v. ex. chegaria tarde á prétoria...

JURITI (Capital) — Uma cartinha côr de ouro. Dentro... Dentro, algumas palavras bonitas e que, embora convencionaes, são sempre muito agradaveis.

Eis o texto de sua bella missiva:

"Rio. Yves. Quero que a Primavera lhe traga lindas inspirações, sonhos deliciosamente loucos e muito amor...

Um sorriso da — *Juriti*."

Realmente, na primavera tudo deve ser bello, alegre, dourado e esvoaçante. Porque essa estação é um logar-commum do tempo, que se repete sempre...

Lembro-me até dos lindos versos de Juana de Ibarbourou:

En esta primavera
Se alegrarán los pájaros,
Se alegrarán los árboles,
Se alegrarán los hombres...

Os homens deviam estar alegres na primavera... E' o que devia acontecer, na verdade. Mas, essa alegria primaveril, não se fez para todos os homens. E muito menos para os de letras... Ella se fez, essencialmente, para os burguezes, para os homens das finanças, para os millionarios.

Não creia que, sem automovel, um livro de cheques (com fundos, num banco sólido...) não creia, dizia eu, que um escriptor, um intellectual possa, hoje, no seculo XX, em 1934, ter "lindas inspirações, sonhos deliciosamente loucos e muito amôr...

Pas d'argent, pas d'amour...

Amôr, sonhos, inspirações, sem dinheiro — é chimera, é illusão, é bobagem. E os homens de hoje não perdem o seu tempo com bobagem. Não ha tempo para perder tempo, *Juriti*, que arrulha bonitinhas, tão longe tão longe...

YVES

Toda e qualquer correspondencia designada a "Saibam todos" deve ser dirigida a Yves, nesta redacção. Mas para isso é necessario enviar-nos coupon abaixo, devidamente preenchido.

ENDEREÇO

Rua Republica do Perú, 62
Caixa Postal 97
Telephone: 2-4136

F O N - F O N — 13 - 10 - 934

Data da consulta............
Nome do consulente.........
....

Regina Flory

DE ROBERTO LACOURRIÈRE

COM o mysterioso desapparecimento de Regina Flory, uma das actrizes mais populares e mais bellas de Paris, se vem a descobrir um dos aspectos mais originaes, mais raros e mais pittorescos da vida que se vive em certos circulos da capital franceza.

O fim tragico dessa artista, festejada dos publicos de Paris e Londres, que poz uma grave interrogação no espirito de seus amigos, de seus admiradores e da propria justiça. *Mademoiselle* Flory, é evidente, havia actuado de uma estranha maneira durante os ultimos tempos. Mas seus exitos mundanos e artisticos não faziam suspeitar de que essa mulher joven, formosa, rica e intelligente viésse a deixar de existir da fórma por que se divulgou. Dizia-se que seu corpo inerte foi encontrado, uma tarde, em seu luxuoso apartamento, uma tarde, depois de ter visitado o famoso empresario inglez mr. Alfredo Butts, com o qual Regina havia firmado um esplendido contracto para se exhibir em um dos theatros mais de moda em Londres.

Porque Mlle. Flory havia resolvido deixar de uma fórma tão violenta este mundo? Ninguem poude dar razão alguma. O proprio empresario Butts foi quem aclarou o mysterio, referindo a ultima conversação que tivéra com a admirada actriz.

Regina Flory fôra uma victima de seu estranho temperamento. A theoria de que fôra escrava dos alcaloides depressa se dessipou. Flory jamais havia recorrido a nenhum desses estimulantes fataes. Era, sim, uma victima involuntaria da *Casa dos Sonhos*.

Ha doze annos funcciona em Paris, ás costas da policia, um sanatorio que é o unico no mundo. Para elle vão as pessôas que querem recordar ou que desejam esquecer. As que querem recordar pessôas ou tempos que as fizeram felizes, ahi conseguem os seus propositos. Por meio do hypnotismo e da suggestão praticados pelo director do sanatorio — um famoso medico yankee, que em virtude de um escandalo social se viu obrigado a abandonar os Estados Unidos, — os pacientes vivem, durante o tempo que permanecem no sanatorio, uma vida completamente artificial.

Diz-se que alli lhes dão uma droga que os adormece, e que, quando despertam, se encontram sem vontade. Então começa o trabalho da suggestão. Suggestionados julgam viver na época, no logar e com as pessôas que desejam. Trata-se, como se poderá vêr, de dar a essa gente o que ella não tem ou ambiciona ter. Tal theoria está baseada na idéa de que a maioria das pessôas vive uma especie de vida que não deseja viver. O director desse estranho sanatorio sustenta que sem medico para obter os paraisos artificiaes, é melhor, mais são e menos perigoso que o que offerecem os alcaloides. Emquanto estes arruinam a saúde e o espirito, aquelle só actúa sobre este ultimo.

Regina Flory, cujo descontentamento com a vida era manifesto, recorreu á *Casa dos Sonhos* em busca, ella mesma, não sabia de que. Regina desejava encontrar alguma cousa que, por ser differente de tudo o que lhe offerecia a vida, lhe proporcionasse uma verdadeira felicidade.

Não se sabe quanto custou a mlle. Flory o tratamento. Mas essa

(*Continúa na pagina seguinte*)

nova paciente permaneceu cerca de um mez nesse mysterioso sanatorio. Quando sahiu delle, não só não estava curada, mas ainda padecia de um fastio tão grande, que era quasi desesperação. Segundo ella propria o referiu, parece que a pretendida cura na *Casa dos Sonhos* consistiu na irresistivel suggestão que sobre os internados exerce o director da mesma. Previamente Regina ingeriu essa estranha droga que devia tirar-lhe toda a pouca vontade que ainda lhe restava. Uma vez completamente abúlica, isto é, sem energia, sem vontade alguma, começou o trabalho de suggestão. Regina deitava-se em um sofá ficando ao lado della o *doutor dos sonhos*. Conta Regina que, pouco a pouco o doutor a foi adormecendo. Que ella viu um anel enorme no céo, através do qual a fez passar o medico. Depois viu, assombrada, que tudo o que até então fôra escuro começava a brilhar extraordinariamente. Tinha a sensação de estar suspensa no ar, tão leve era o seu corpo e tão leves suas idéas.

Os amigos de mlle. Flory conseguiram persuadil-a de que deixasse esse sanatorio e voltasse á vida real. Ali estava o theatro que a esperava. Regina deixou-se convencer. Triumphou mais uma vez. Mas sua tristeza era, agora, infinita. Declarava que, em sonhos, havia chegado a conhecer um homem maravilhoso, que jamais poderia achar na vida real. Já desesperada, uma noite de inverno se atirou ao Sena, com o intuito de suicidar-se. Queria achar na morte a illusão que havia descoberto nos sonhos.

REGINA FLORY

(Conclusão)

Uma vez, parecendo curada, Regina surgiu em um dos theatros de Paris interpretando o papel de *Pas sur la bouche*. Foi um de seus êxitos mais retumbantes.

Quasi simultaneamente com seu restabelecimento, Regina começou a crer que seria feliz. Segundo confessou a seus amigos, havia encontrado, na vida real, o homem que amára em sonhos. Era casado, o que induziu Regina a ir falar com a esposa delle.

— Senhora — disse-lhe — possúo um theatro em Paris, e minha fortuna está solidamente invertida; sou millionaria. Tudo isso lhe offereço em troca de seu marido. Si a senhora se divorciar delle, terá tudo o que me pertence.

A esposa repelliu a proposta. Regina, possuida sempre de idéas tão estranhas, negou-se a voltar a ver o homem a quem venerava. E foi esse esforço desesperado, o esforço de fugir da pessôa que ella amava e que nunca seria completamente sua, que a levou a afastar-se longo tempo de Paris.

Quando Regina chegou ao theatro Drury Lane, depois de desembarcar do aeroplano que a conduziu de Paris a Londres, o emprezario do mesmo, sir Alfredo Butts a esperava sorrindo com seu telegramma na mão.

— Por que essa desesperação, mlle. Flory? — perguntou-lhe o grande emprezario.

— E' que desejo, ainda esta noite, um contracto para algum theatro de Londres ou de Berlim. E' necessario que seja ainda esta noite. Não quero voltar a Paris. Quero estar longe da capital franceza...

Mr. Butts suppôz que ella exagerava.

— Por emquanto, nada lhe posso offerecer. Espere uma semana no maximo. Passar-lhe-ei um telegramma. Prometto-lho.

Regina abriu desmesuradamente os olhos. Voltar a Paris, voltar a sentir a fria realidade de um amôr impossivel? Sua unica salvação estava, precisamente, em fugir da realidade.

Sem que sir Alfred Butts pudesse evital-o, mlle. Flory, sacando de um primoroso revolver, desfechou um tiro contra a propria cabeça...

E assim, tragicamente, acabou Regina Flory, a mulher que possuia tudo o que a vida e o mundo podiam dar-lhe; mas tambem a mulher que nunca poude transformar em realidade os sonhos phantasticos de sua estranha imaginação.

HUMORISMO

MUITOS dizem ser o Brasil a terra da tristeza. Carece de fundamento, porem, segundo julgo, tal affirmativa. Sendo o Brasil a terra do sol, é tambem a terra do riso e da alegria. Ahi está o carnaval para asseverar nitidamente a existencia da alegria brasileira. Ahi está tambem o Procopio. Procopio é um symbolo. Quando o nariz do grande artista surge em publico, logo se alastra pela platéa um riso amplo e sadio. Um riso genuinamente nosso.

Na literatura indigena, grande é o numero de escriptores humoristas. Entre os modernos, podem ser citados: Humberto de Campos, Bastos Tigre, Mendes Fradique, Berilo Neves, Bastos Portelo, Peregrino Junior, Terra de Senna, Olegario Mariano. Entre os antigos, Arthur Azevedo, Emilio de Menezes, França Junior, Machado de Assis.

* * *

Machado de Assis foi, talvez, o nosso maior humorista.

Vivendo para o seu mundo interior, só apparecia em publico para sorrir ironicamente... Nos seus livros ha paginas de humorismo delicado, onde a ironia é fina como um poema de Petronio.

* * *

Afranio Peixoto escreveu um livro interessante sobre o assumpto.

O breviario de humorismo de autoria do sr. Afranio Peixoto foi por mim lido com verdadeira volupia intellectual.

PAULO FREITAS

IODOSAN
Serenidade
Harmonia
Encanto...
IODOSAN
ZAMBELETTI

Scena Moderna

— De Edmylson Perdigão Nogueira —

EM 1 ACTO

(Thema: — Um marido passeiador e uma esposa que "faz renda" em casa).

TRÊZ badaladas resôam por todo ambiente, em onduladas vibrações amortecidas, até os tympanos de Lili, que, irrequieta, procura reconciliar o somno, invocando os brandos e deliciosos braços de Morpheu. Bate com as delicadas mãozinhas sobre o mimoso e macio travesseiro de setim róseo, que bordára com tanto capricho e que vivia a frescura de seu rostinho encantador.

Ella, em pleno ardôr de seus dezoito annos tropicaes, ainda mergulhada num immenso mar de illusões romanticas, sente fugir, entre as vagas agitadas e incertas, num bailado trágico e macabro, as mais bellas aspirações que pudéra conceber. E, em multiplas divagações e conjecturas, adormece.

Pé ante pé, alguem se aproxima cuidadosamente, galgando os brancos e polidos degraus de mármore singelo. E' o marido. Typo moreno, alto, esperto e muito farrista. Os hábitos de solteiro acompanham-no. Simula conferencias politicas, reuniões pedagógicas, convenios, etc., aos quaes sempre necessita comparecer e cujos assumptos pouco interessam á esposa. Acaba de penetrar na alcova, dirigindo-se (após desprezar o chapéu de feltro amarrotado e o negro sobretudo no gancho do pequeno cabide embutido na parede desenhada de figuras góticas), aos colchões convidativos de sua cama turca. Nesse momento marca o relogio quatro e cincoenta da manhã. Morosamente, já descalço um pé, procura tirar a meia, quando de subito, dá alarme o pequeno despertador. Scena rapida. Quasi instinctivamente, tenta abafar o tilintar da inopportuna campainha. A esposa acorda. Occorre-lhe uma idéa. Em vez de se descalçar, começa a vestir a meia.

— Bom dia, meu bem! — diz o marido, com voz meiga e carinhosa. Dormiste muito?

— ?

— Então, não falas? Coitadinha, está com frio!...

Procura beijál-a, porém ella se esquiva, envolvendo o rosto com o oiro dos cabellos ondulados.

Emquanto isto, os ponteiros do minusculo despertador, indifferente, sob a acção mechanica dum conjuncto articulado, marcam, preguiçosamente, os minutos da tragedia que se aproxima.

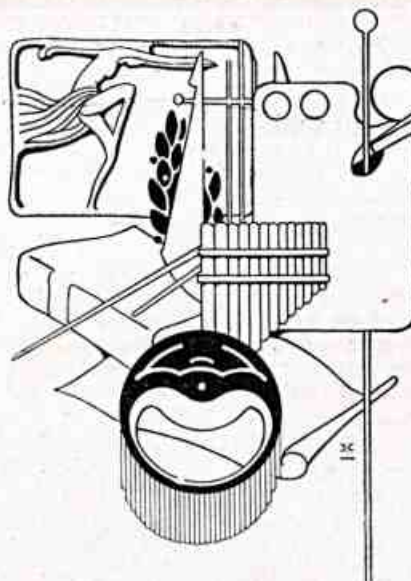
Nova investida; o mesmo resultado. Passam-se rapidos segundos, quando uma voz abafada, sob o calor dos cobertores, quebra o silencio daquelle momento delicado:

— Ingrato, máu! Nem parece que nos casámos ha pouco; jamais pensei em "lua de mel" tão monótona e fria...

— Meu bem, estou só chegando agora; não vês que são cinco horas?

— Mentira! [illegible]: vou para casa de mamãe; você com essas "conferencias" me tem martyrizado muito. Não supporto mais! Você não sabe o que é amar...

(Cont. na pag. 23)

Notas de ARTE

BIDÚ SAYÃO. — Engalanou-se o Theatro Municipal em a noite de 6 de outubro para ouvir, no apogeu da sua carreira artistica, a grande cantora patricia, sra. Bidú Sayão. Com o concurso da orchestra do Municipal, dirigida pelo mº. Henrique Spedini, foram cantados, além de um bis e um extra, estes numeros: I) DONIZETTI — *Grande Scena e Aria da Loucura* (a caracter) da op. "Lucia de Lammermoor"; II) GRÉTRY — *Recitativo e aria* (com flauta) da op. "Céphale et Procris" (1ª audição); MOZART — *Thema com variações* de A. Adam (com flauta); III) BEETHOVEN — *Adelaide*; MOZART — *Marcha Turca*, arranjo de Alexander Aslanoff (1ª audição). Cada parte vocal foi precedida de outra instrumental, executada pela orchestra: I) CASTELNUOVO TEDESCO — *Abertura* da comedia lyrica "La Bisbetica Domata"; II) WAGNER — *Preludio* da "Lohengrin"; FR. BRAGA — *Contemplativa* (poema symphonico); III) LALO — *Abertura* da op. "Le Roi d'Ys".

Bidú Sayão é exemplo vivo da palavra celebre de Newton — *o genio é uma grande paciencia*. Não fôra a paciencia incansavel de conservar e melhorar o thesouro da sua voz, trabalhando-a sem cessar, reconhecendo implicitamente a verdade do conceito do philosopho grego que não se cansava de repetir — *quanto mais se sabe mais se sabe que nada se sabe* — Bidú Sayão não seria hoje a cantora que é, dotada de uma arte tão quintessenciada que parece mais predicado da natureza que producto do estudo. Através das abracadabrantes gymnasticas dos altos agudos, quando o ouvinte receia um deslise, uma queda das alturas vertiginosas em que paira o canto, o que se ouve são notas crystalinas e puras, sem uma aspereza, sem a mais imperceptivel estridencia; não rolam dos cimos, mas vôam pelo azul numa revoada de sons estrellados a illuminarem a platéa deslumbrada.

Mas não é só a voz em si, apurada pela cultura, é ainda a sensibilidade communicativa que imprime ao canto. Vendo-a e ouvindo-a na grande scena e aria da, talvez mais celebre, op. de Donizetti, repete-se com o poeta:

Teus nos ais de Lucia, a louca,
Palavras de ouro na bocca
E' musica até no olhar...

Na *Marcha Turca* attingiu a cimos inaccessiveis. Sente-se que dispensaria a orchestra; cantaria só todo o poemeto de Mozart. A voz só por si teria orchestral effeito. Não resistimos e gritámos — bravo!... E que dizer da linda pagina da tragedia lyrica de Grétry, das variações sobre um thema de Mozart e do romance de Beethoven, da famosa e formosa "Adelaide", que alguns criticos apontam como producto inferior na obra genial do mestre de Bonn mas que Bidú Sayão soube realçar, tauxiando-a com bellezas de uma meia-voz extasiante e communicativa?! Tudo primores.

Palmas e chamados, frequentes e calorosos, brindaram a cantora illustre, que tão bem representa o Brasil na arte lyrica do mundo contemporaneo. Correspondendo aos anseios do auditorio, ainda o galardoou com dois numeros, dos quaes um, o bis da [illegible] interpretação que foi a *Marcha Turca*, de Mozart.

Após o concerto, Bidú Sayão foi alvo de especial glorificação. Perante grande numero senão a totalidade de espectadores, inaugurou-se no sumptuoso *foyer* do T. M. o busto da cantora, offerecido pela [illegible] e eloquente discurso do escriptor patricio dr. Claudio de Souza, e recebido pelo prefeito interino dr. Amaral Peixoto. Mais uma vez durante os percursos do palco ao *foyer* e do *foyer* ao palco, e logo após a cerimonia da inauguração, recebeu a [illegible] musa do canto cumprimentos e applausos de todos os que assistiram á justa e bella homenagem.

(Continúa na pagina seguinte)

Registremos afinal o exito obtido pela orchestra do Municipal, quer acompanhando a cantora, quer executando as tres photophonias e o poema symphonico. Pelo que participou tambem dos applausos a Bidú Sayão, o maestro Henrique Spedini.

CHRISTINA MARISTANY. — Em 5ª concerto da série official deste anno, apresentou a As. B. M. no Salão Leopoldo Miguez do I. N. M., em a noite de marcedia, 3a-feira, 2 de outubro, a cantora brasileira, sra. Christina Maristany, acompanhada ao piano pelo mº. Fr. Mignone, e que se fez ouvir nos numeros deste programma, além de alguns extra: I) Gretry — *Arieste*, de "Les deux Avares"; Scarlatti — *Se Florindo é fedele"*; Nicolo Isouard — *Rondó du billet de loterie*; II) Villa Lobos — *Modinha*; Radamés Gnatalli — *O Violão*; Fr. Mignone — *Trovas, Canto de Negros, Assombração*; Ravel — *La flute enchantée*; René Rabey — *La chanson du sabotier*; III) J. Nin. — *Montañesa*; Obradors — *Al Amor, Corazon porque pasais..., El majo celoso, Cantar, Copias de curro dulce*.

A sra. Christina Maristany — que não nos lembramos ter ouvido antes — tem bôa voz, de bello timbre nos médios e de regular extensão e volume. Mas o que mais a distingue é a cultura. Trata-se de voz finamente educada. Se pairasse no mesmo plano vocal a mimica expressiva, teria a cantora brilhado ainda mais do que brilhou.

A não ser certos numeros que a nossa sensibilidade repelle, qualquer

NOTAS DE ARTE

(Conclusão)

que lhes seja o valor para outras sensibilidades, applaudimos com espontaneidade e calor todos os outros, como *Se Florindo e fedele, La flute enchantée, Montañesa, Corazon porque passais...., El majo celoso* e, acima de tudo *Rondó du billet de loterie*, onde a voz e a arte da cantora convergiram para o mesmo effeito de belleza. A sra. Christina Maristany deu ao *Rondó* bello esplendor canoro e dramatico. Se nada mais cantasse, só esse numero bastaria para recommendal-a ao publico e á critica. Injustiça do publico, bisando outros e deixando sem bis esse numero, o mais empolgante da serata.

Não terminamos sem assignalar o que chamaremos — *effeito Maristany*, para usar de uma linguagem que a sciencia emprega quando quer designar um novo phenomeno descoberto pelo scientista que assim lhe dá o nome. Se não foi uma illusão acústica, ouvimos varias vezes a voz média da cantora musicalizar de tal modo o ambiente, que parecia vir mais da sala que ouvia, do que da artista que cantava, voz que se desintegralizava totalmente do apparelho phonador e adquiria vida independente no meio em que se propalava. Como que vindos de longe, sons melifluos cantavam pela sala. Bellissimo !...

Tanto a recitalista como o acompanhador, alvo de frequentes ovações. Houve mesmo especial manifestação de applauso ao acompanhador, não como tal mas como compositor. As suas duas ultimas composições foram bisadas.

MARIA DA GLORIA. — Em beneficio da Casa Santa Ignez, e no Theatro Casino de Copacabana, em a noite de venerdia, 6a-f., 5 de outubro, realizou a artista patricia Maria da Gloria, justamente notavel no genero a que se consagrou, um recital de canções francezas da Renascença e do Seculo XVIII, e brasileiras da época colonial e imperial, acompanhada ao piano pela pianista srta. Edith Capote Valente. Além de meia duzia de extra, foram ouvidas as canções enumeradas neste programma: I) (Renascença) — *Helas! si j'ai, vais pouvoir d'oublier* (Sec. XIII), de Thibault de Champagne; *Plainte de celle qui n'est pas aimée* (Anonymo — Sec XIV); *Chanson*, de Clément Marot (Sec. XVI); *Qui veut ouir chanson?* (1560-1563); *Mignone, allons voir si la rose* (1576) de Ronsard (ode); II) (Sec. XVIII) *Bergerettes et Pastourelles*, harmonizadas por Weckerlin e J. Tiersot: *Menuet d'Exaudet, Margoton va-t-à l'eau, Lison dormait, La mort du mari, Paris est au Roy*; III) (Canções antigas brasileiras) — *Flores e Não Catharineta; Roseas flores d'alvorada; Busco a campina serena*; (modinhas imperiaes, colleccionadas por Mario de Andrade), *Chiquinho meu ladrãozinho, Minha Maria é bonita, Biscoitinhos*.

Ouvimos todas as canções do programma em punho para marcar as que mais nos impressionassem, e afinal... marcamos todas. Embora o genero não seja dos que mais apreciamos, nem por isso deixamos de applaudil-o quando seleccionado e exhibido por artistas de raça. E foi semelhante exhibição a que nos proporcionou a sra. Maria da Gloria.

E' preciso antes de tudo assignalar que se não trata de uma cancionista no sentido de simples cantora de canções mas de uma interprete que faz da canção verdadeira obra de arte. Alegre ou triste, lyrica ou satyrica, séria ou jocosa, a canção vive integral na voz e nos gestos, na palavra musical ou musicalizada da artista; nos ademanes eloquentes e com requintes de sensibilidade communicativa. E é de ver-se e de admirar-se-lhe a malleabilidade do talento, dando a impressão de que cada canção tem uma interprete differente. A cantora se desdobra e se [illegible] liza para encarnar o genio de cada canção. Quem a ouve em *La mort du mari* não se lembra mais de que é a mesma que cantou a *Plainte de celle qui n'est pas aimée*; quem a vê em *Não Catarineta* se esquece da que ouviu em *Qui veut ouir chanson?* Mas essa amnesia do ouvinte-espectador é immediatamente corrigida pela persistencia do talento em todas as interpretações do mesmo [illegible] da artista, que faz de uma pequena, uma grande arte.

Embora difficil destacar entre as perfeições, assignalamos as maiores, além das citadas, *Margoton va-t-à l'eau, Lison dormait, Paris est au Roy, Chiquinho meu ladrãozinho* [illegible]

Notemos ainda a [illegible] com que a pianista srta. Edith Capote acompanhou a recitalista. A srta. Valente foi mais do que acompanhadora, foi collaboradora da cancionista.

E' escusado registrar o que era de esperar: abundantes os applausos e as flores que brindaram a recitalista.

Registremos ainda a formosa e delicada locução que precedeu o recital, pronunciada pelo dr. Rodrigo Octavio Filho, e em que o orador apresentou da artista agradecimentos, em nome da Casa Santa Ignez, ao publico e a recitalista, e fez breves mas interessantes commentarios sobre o que ia ser ouvido.

OSCAR D'ALVA

ROBERTO, o incansavel irmão da ordem dos sports, o dandy bem feito de corpo e de rosto quasi redondo como a peteca que brinca com a ponteira da bóta, viajava, de volta das Antilhas, para a majestosa Buenos-Aires quando, a bordo, uma silhueta fragil de mulher lhe tomou todos os pensamentos e reflexões.

Pouco tempo de relativa intimidade e já o rapaz bonito do Prata sentia o coração nas mãos da formosa senhorita brasileira.

Certa noite, quando á amurada do navio os dois embalavam confidencias na brisa leve que vinha dos grandes lenços bordados de espuma que o mar escuro agitava, tinha-se a impressão de que todas as nuvens se quedavam para não perturbar a curiosidade da lua...

Desde esse momento ninguem mais os viu separados. Ao chegar, porém, o grande transatlantico ao porto do Rio de Janeiro, rebentou-se o fio de ouro dos seus gorgeios. E' que um dos passarinhos chegára ao pouso final. Como o companheiro ainda tivesse de continuar o vôo, toda a mutua affeição profunda se recolhia aos corações dedicados para temperar a saudade que os deveria acompanhar até novo encontro, para a felicidade final.

Fizeram o juramento: um beijo de soldado que ficou na sua bandeira...

Como passa o tempo!

Sem noticias da bem amada, noticias que desappareceram como por encanto, Roberto Lazaña retoma o caminho do Rio de Janeiro. Na parada em Santos convidam-no para uma visita a S. Paulo. Chegando a consulado de seu paiz levam-no aos funeraes do attaché.

No Araçá, em um tumulo singelo e recem construido, uma photographia de mulher bonita o apunhala no coração e.... os seus amigos ainda hoje não sabem de que elle morreu ..

BRAZ GUERRA

Um retrato de mulher

Scena Moderna

(Conclusão)

E, em soluços, as ultimas syllabas prendem-se-lhe na garganta...

Elle está immovel, sentindo a tristeza de seu papel e prevendo o resultado de suas leviandades. Após um instante de hesitação, chega-se á esposa, faz-lhe promessas, juras de lealdade, e, pedindo-lhe perdão, deixa-se vencer sob a chuva deliciosa dos mais ardentes beijos dos labios de quem ama...

E novamente reinam a paz e a felicidade conjugaes.

REMORSO

Lourenço se approximava dos setenta annos, e João Pedro, seu filho, passava, já, dos 30. Moravam ambos numa choça em plena serra, perto dos Pyrineus, e eram pastores. De tarde em tarde, cada trez ou quatro mezes, desciam á aldeia, situada na planicie e a uma distancia de varios kilometros. Um caminho em ferradura, retorcido como um anzol, conduzia até ali.

Desde que Lourenço enviuvára, os dois homens viviam sós, e aquelle isolamento melancolico, a q u e l l a existencia montanheza e selvagem parecia ter-lhes saturado a alma de frio e de silencio. Toda a sua rudimentar vida espiritual era interior. F a l a v a m pouco, e em seus labios finos e duros poucas vezes se desenhava a bondade de um riso. Sua vivenda constava de um unico aposento, que lhe servia, ao mesmo tempo, de dormitorio e de cozinha. As tarimbas em que repousavam, as cadeiras e o caixão de cedro onde guardavam as roupas e as espingardas se alinhavam ao longo das paredes, obscurecidas pela fumaça do fogão. Pae e filho madrugavam com os gallos, quebravam o j e j u m, frugalmente, e partiam para o bosque, onde permaneciam até o anoitecer. O velho tinha os cabellos inteiramente brancos, o nariz aquilino, o rosto enxuto, e seu corpo, que fôra elegante, começava a se curvar ao peso dos annos. João Pedro era musculoso e mostrava uma bôcca em fórma de focinho, e uma testa assassina e sensual. Não conhecia o mêdo. Uma noite de Natal, suas mãos toscas, como que de pedras, haviam estrangulado um lobo.

Uma tarde, já quasi noite, João Pedro voltou á choça. Regressava da aldeia e trazia erosões nas faces e manchas de sangue nas mãos.

— Que houve comtigo? — perguntou-lhe o pae, inquieto.

O moço r e s p o n d e u, numa evasiva.

— Foi uma queda.

— Uma queda?!... E onde está o que foste comprar?...

— Ora... nem sei mais... Ah, sim! Perdi-o ao cahir. De repente, escorreguei, e...

Medindo as palavras, e sem levantar os olhos do chão, teceu uma explicação complicada, que não satisfez ao velho. Este, no emtanto, temendo encolerizar João Pedro, não disse nada.

A partir daquelle dia, o genio do moço se tornou mais irritavel e mais hermetico, e a nada de quanto seu pae dizia respondia, como si levasse na bôcca um segredo e receiasse que este lhe escapasse. De noite dormia mal.

— Este rapaz precisa casar — meditava Lourenço. — Na verdade, vivemos muito isolados...

Decorreram dois mezes.

Uma tarde, em que João Pedro ficou no bosque, cortando lenha, o velho chegou sózinho á choça e, ao abrir a porta, pareceu-lhe sentir nas faces um leve sopro de ar: algo tão subtil como uma respiração. Depois, ao sentar-se deante do lume, voltou a cabeça: junto a seu ouvido alguem acabava de pronunciar seu nome. Inquieto, olhou para todos os lados, e então comprehendeu que não era aquella a primeira vez que o chamavam nem que sentia roçar-lhe o rosto aquelle sopro de ar. E mal se apercebeu disso, quando teve a impressão de que aquelle sopro o envolvia todo. Sentiu-o ao mesmo tempo, na frente, nas mãos em torno do corpo, na nuca... Era o braço do mysterio!

— Sou capaz de jurar como ha alguem aqui! — exclamou o velho a meia voz.

Quando João Pedro appareceu, exhausto sob o feixe de lenha que trazia aos hombros, Lourenço, sem saber por que, dissimulou o que acabava de sentir. A estranha sensação, não obstante, continuou a se produzir: repetia-se diariamente, e com energia tão crescente, que o velho pastor chegou a se persuadir de que naquella casa havia outra pessôa.

— Talvez seja a alma de minha mulher, que quer dizer-me alguma cousa — pensou.

Esta idéa ingenua o serenou, e elle começou a sentir-se mais acompanhado e mais protegido...

Uma madrugada, pae e filho sahiram para o trabalho. Ainda brilhavam estrellas sobre o dorso cerúleo das montanhas. Ao fechar a porta da choça e emquanto dava volta á chave, Lourenço murmurou:

— Até logo.

João Pedro, que caminhava alguns passos adeante, voltou a cabeça. Seu rosto se havia coberto de pallidez.

— De quem se despede o senhor, pae? — perguntou.

O velho tremeu; havia falado machinalmen-

De Eduardo Zamacois

te. João Pedro continuava interrogando-o com os olhos, que tanto reluziam de ferocidade como de pavor. Mas Lourenço, para evitar explicações, preferiu negar.

— De quem me vou despedir? — exclamou — Tens cada pergunta!...

João Pedro, receioso, repetiu:

— Tinha-me parecido...

O humor do moço continuou, cada dia que passava, a se ensombrecer mais. João Pedro queria pedir a seu pae a explicação daquellas palavras estranhas; daquellas palavras devoradoras, allucinantes, que tinha certeza haver-lhe ouvido. Mas, não se atrevia. Afinal, um dia, encheu-se de coragem, e, á tardinha, quando voltou do bosque, perguntou:

— Pae, o senhor vae confessar-me a verdade...

— Que verdade? — exclamou o velho.

Os dois homens haviam parado e, ao cessar o ruido de seus passos, o immenso silencio do campo se tornou mais profundo em redor delles.

— Pae, não me engane: de quem se despediu o senhor, ha dias, pela madrugada? A quem disse até logo?...

Lourenço procurou defender-se.

— Talvez uma distracção... Ouviste-me novamente falar sozinho?...

— Sim, pae — insistiu o moço, cuja voz tremia.

— Porque ha pensamentos, senhor, que "eu ouço"... e todas as manhãs, quando fecha a casa, eu escuto dizer até logo, embora seus labios estejam quietos. De quem se despede o sr., pae?...

Sua voz, de supplicante, tornava-se aggressiva. Assim instado, o velho procurou descrever aquella emoção fria, que apenas durava segundos e era semelhante a um rapidissimo effluvio.

O moço, horrivelmente pallido, o escutou em silencio. Depois os dois se puzeram a caminhar atraz do rebanho, e durante o resto do dia não mais trocaram palavras. A' noite, João Pedro não quiz jantar e se deitou vestido e com a espingarda ao alcance da mão. Seus olhos ardiam como chammas.

Seu pae o interpellou:

— Que fazes, rapaz?

Elle respondeu, conciso e enygmatico:

— Deixe-me, pae: cada um sabe de si...

Em noites successivas occorreu o mesmo. Mal se occultava o sol, João não falava, nem comia, nem se afastava de sua espingarda, e o menor ruido o fazia tremer.

— Parece bruxaria — dizia comsigo Lourenço.

O velho pastor ignorava a verdade: e a terrivel verdade era que João Pedro, na noite em que voltou a sua casa com as mãos maculadas de sangue, havia assassinado uma mulher. O drama foi rápido: encontrando-a no caminho, João Pedro segurou-a por um braço, ella resistiu, e o bruto, então, cégo, a estrangulou... Em seguida, arrastou o cadaver um longo trecho do caminho, até atirá-lo por um despenhadeiro.

Havia algum tempo que as ultimas andorinhas tinham passado rumo do

(Cont. na pag. 57)

SORTIDOS
AYMORE
UM CHÁ BEM SERVIDO
REQUER OS DELICIOSOS
25 TYPOS
A' SUA ESCOLHA
AGUA
ALPHABETO
CARIOCA
CHAMPAGNE
CHA' RICO
CHOCOLATE
CHOCOLATE-CREME
CHOCO
COCO
COMBINAÇÃO
CREAM CRACKERS
DIGESTIVOS
GINGER NUT
INDIGENAS
LEITE
LUZITANOS
MAIZENA
MARIE
MEL
PEROLAS
PETIT BEURRE
SORTIDOS
THE' DANSANT
TRIGO E ARARUTA
"31"
ZOOLOGICOS
AYMORE
Chocolate Cream
B A
AYMORE
BISCOITOS AYMORE'
MARCA REGISTRADA

ANNO XXVIII

FON-FON

NUMERO 41

Director: SERGIO SILVA

Rio de Janeiro, 13 de Outubro de 1934

O U T U B R O

As primeiras folhas estão cahindo, e as arvores, que a primavera vestira de verde, se despem melancolicamente. Ha uma angústia abafada na natureza. Os grandes dias de sol deste mez claro e deslumbrante não chegam para illuminar as sombras interiores que marcam a paizagem das almas tristes. Nem conseguem avelludar a physionomia áspera dos homens que sentem, na suffocação de outubro, o declinio da propria vida.

Outomno... Gosto de ouvir o rumor do vento suspirando, desoladamente, a canção do fim e agitando a silhueta vegetal das arvores sem flôr. Gosto de ver o chão salpicado de folhas amarellas, e o esqueleto dos galhos nús fixando um symbolo amargo da vida.

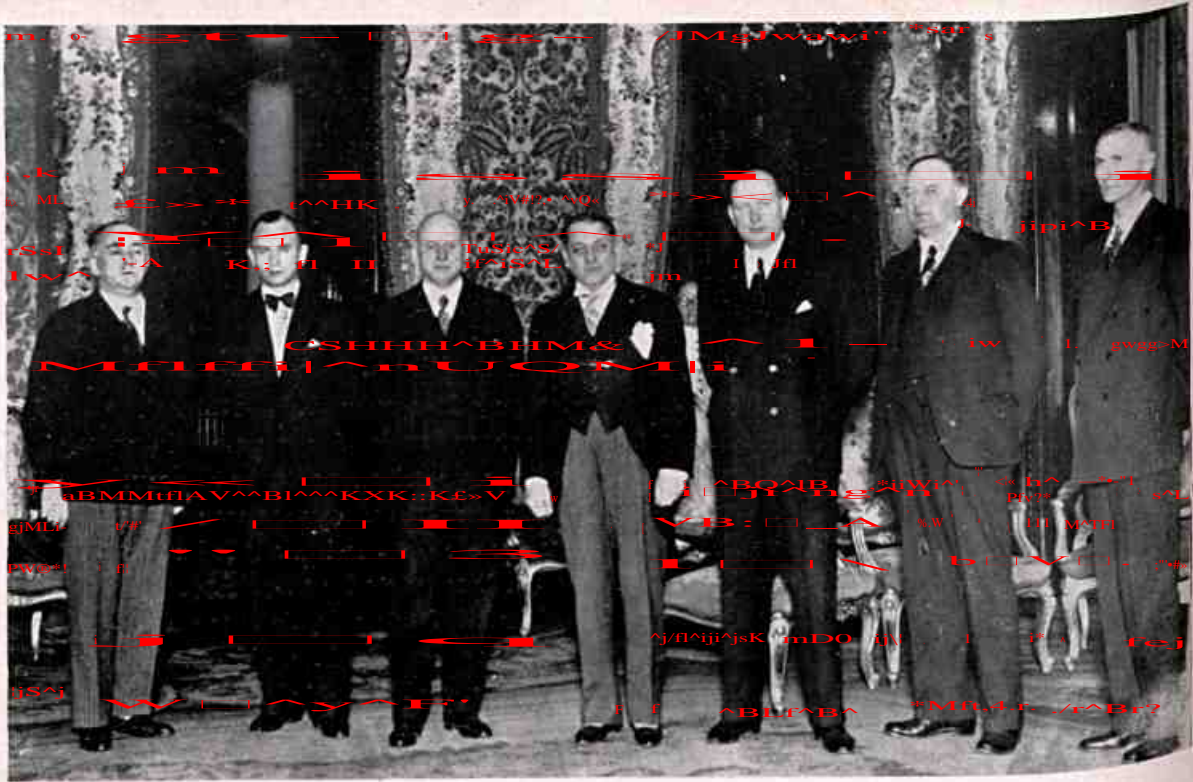
Gosto de outubro. Dos seus dias quentes. Das suas noites lyricas. Dos seus temporaes violentos, que varrem as folhas mortas e agitam, ousadamente, as vestes vaporosas da carioca da Praia, da carioca do *footing*, da carioca fulgurante das *baratinhas* vertiginosas... Gosto da languidez de outubro. E do seu mormaço. E do seu luar esmaltando de prata imponderavel o dôrso das montanhas exhaustas que dormem sob a sua caricia voluptuosa...

Outubro é o outomno para toda gente. E' o cahir das folhas desoladas. E' o cansaço. E' o começo do fim. E' quasi um adeus. Por isso mesmo, se sente constrangido e angustiado entre as festas convencionaes das arvores de setembro e o sorriso espontaneo das caveiras de novembro, que representam o drama forte da transitoriedade humana. De um lado, elle vê a alegria rumorosa da illusão. Contempla no outro a tristeza impressionante da realidade. A juventude cantando e a velhice chorando. O riso e o pranto. Os dois polos symbolicos do destino humano. A inquietação e a serenidade. A vibração adolescente e o suspiro outomnal...

O destino de outubro é um destino de contrastes. A vida tambem é assim. Resume-se em duas estações: a primavera e o outomno. Em duas estações permanentes, que apenas mudam na sensibilidade e na visão dos homens. Crianças cantando — as illusões de setembro. Tumulos floridos — as cinzas de novembro. A vida e a morte. A vibração dos sentimentos e o nada.

Mas o outomno só existe para quem cêdo se desilludiu das promessas risonhas e festivas da primavera. Para quem não viu as galas da esperança illuminando a sua propria inquietação interior. Para quem não encontrou, no seu caminho, a figura esplendente do Amor. E envelheceu com o coração vazio...

Outubro, mez do outomno e do abandono, a tua angústia não me contagia. Não me desanima a tua indolencia. Nem me apavora a tua fama outomnal. E's a minha alegria. E's o meu consolo. E's a minha primavera...

MARTINS CAPISTRANO

O ministro das Relações Exteriores, dr. José Carlos Macedo Soares, entre os membros da Delegação Economica Allemã que visita o Brasil e que foi recebida por s. ex. no palacio Itamaraty.

ORIENTE E OCCIDENTE

Em face do apodrecimento occidental, muitos intellectuaes francezes voltam-se para o Oriente em busca de remedios moraes para os males da sociedade. Por isso, Romain Rolland celebra o Mahatma Gandhi, Louis Latourettí prega o budismo messiânico e René Guenon se pronuncia a favor do vedantismo. Alem disso, o instituto budista de Paris attinge a um desenvolvimento espantoso e goza de tanta influencia que obtem gordissima subvenção do governo francez.

E' um erro o Occidente, que é acção e vontade, procurar remedios moraes no Oriente, que é estagnação e contemplação. Deve buscal-os dentro de si proprio, no amago do seu coração, no fundo de suas tradições. Só o christianismo, crystallizado divinamente na Igreja, lhe dará a seiva que pedir e de que necessitar para refazer a synthese social perdida no nacionalismo materialista.

Photographia tirada na embaixada de França, quarta-feira penultima, durante a recepção offerecida pelo embaixador Louis Hermite a sua eminencia o cardeal Verdier, arcebispo de Paris, que, a bordo do «Massilia», transitou, naquelle dia, por esta capital, a caminho Buenos Aires.

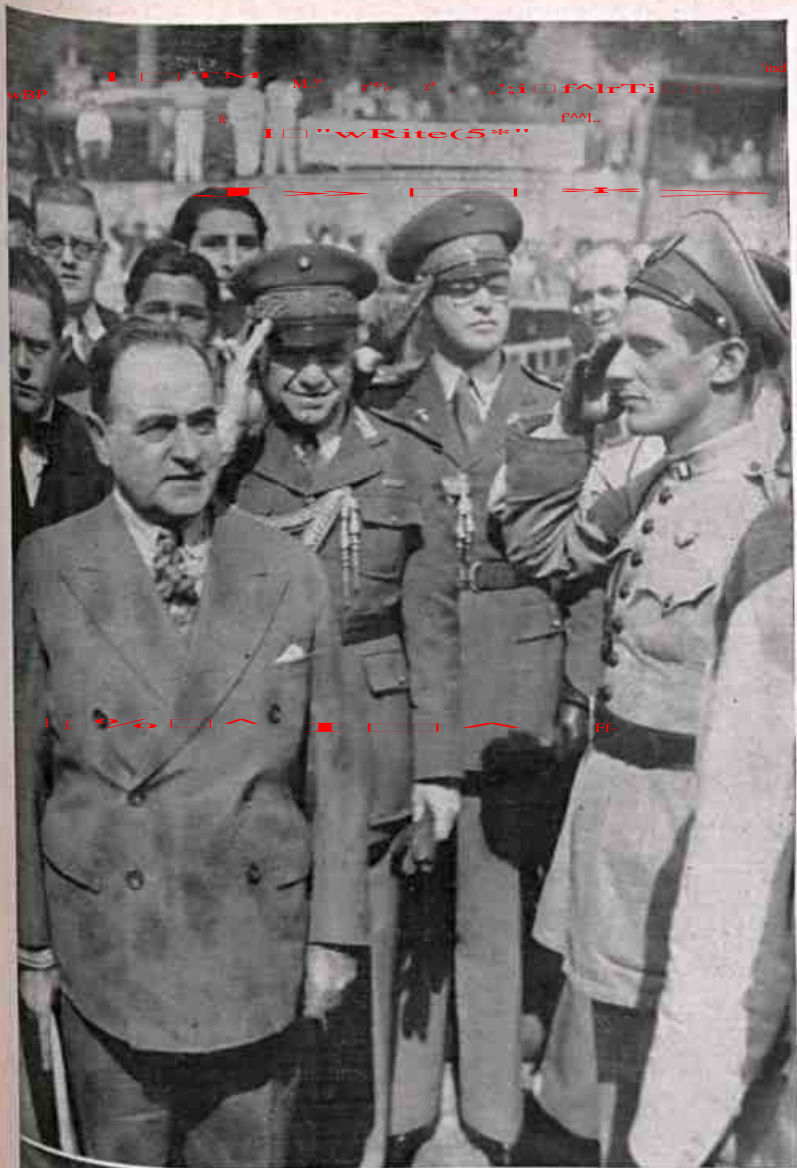
CREAÇÕES JEAN PATOU

Robe du soir en satin Impérial blanc. Ceinture de velours rouge.

(Photo Luigi Diaz — especial para FON-FOX).

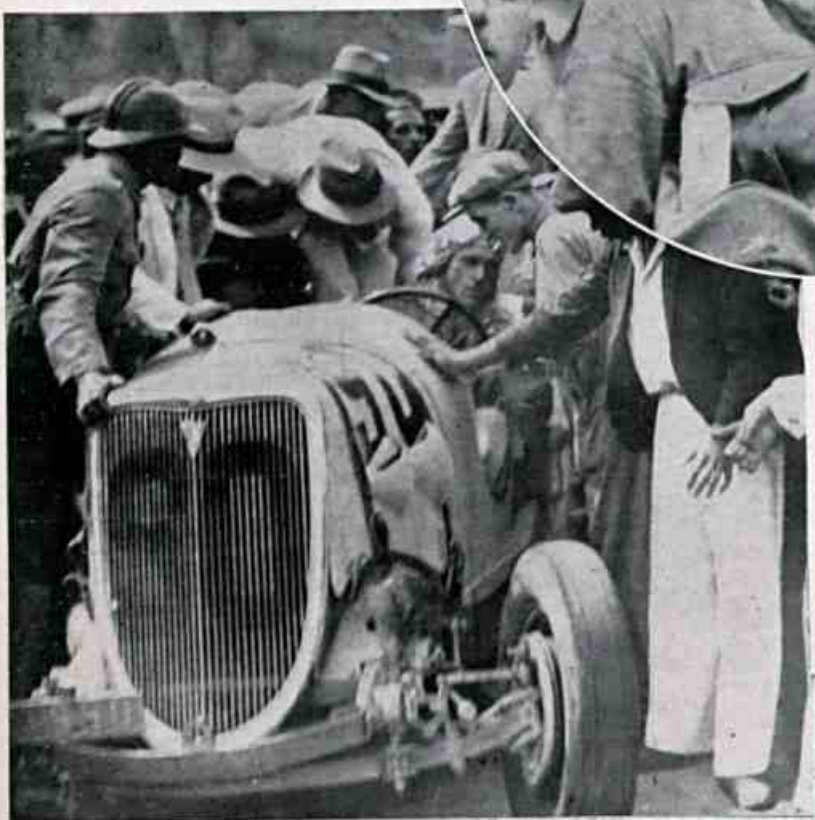
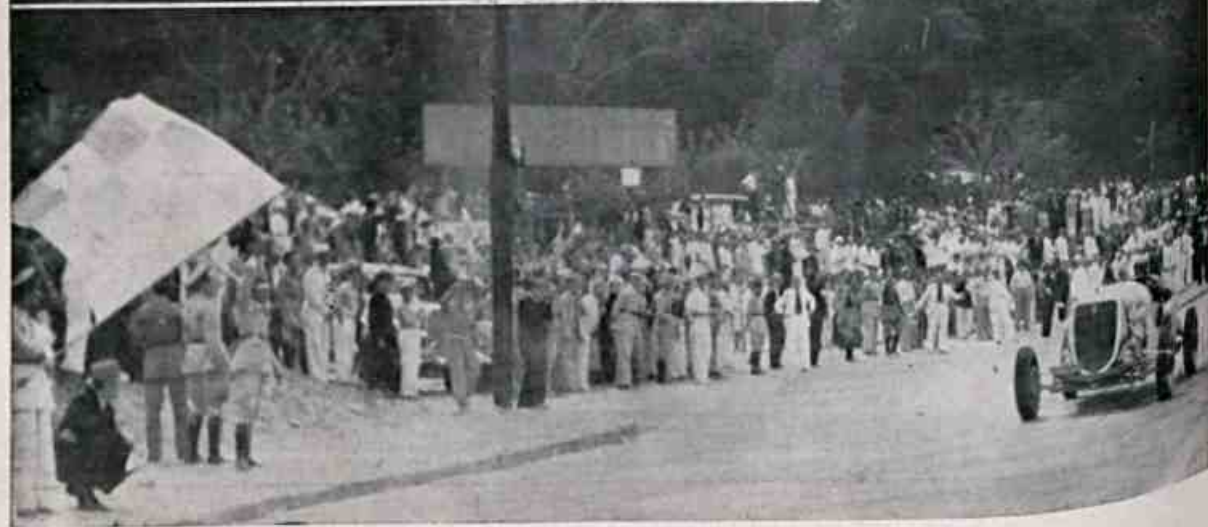
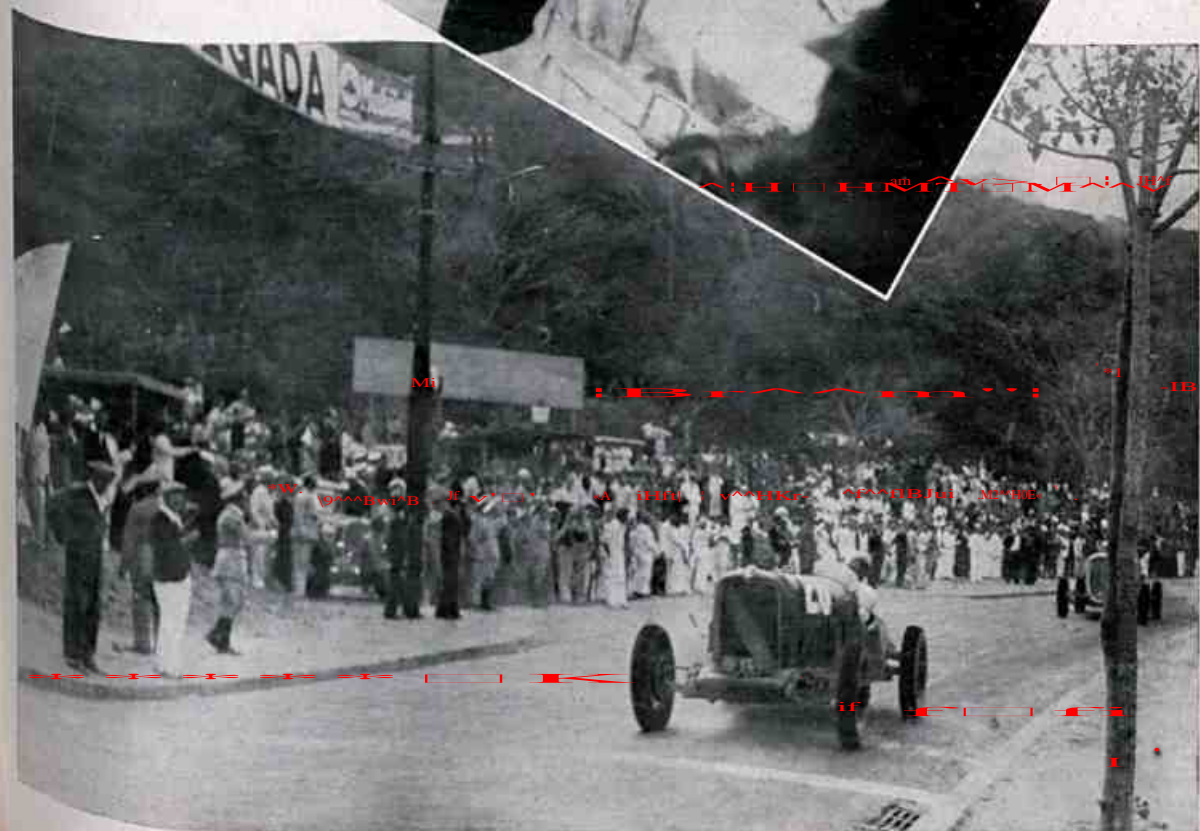
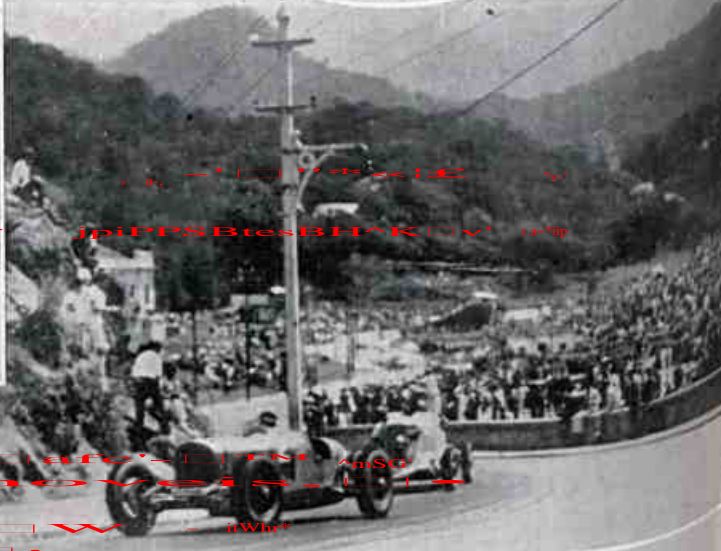
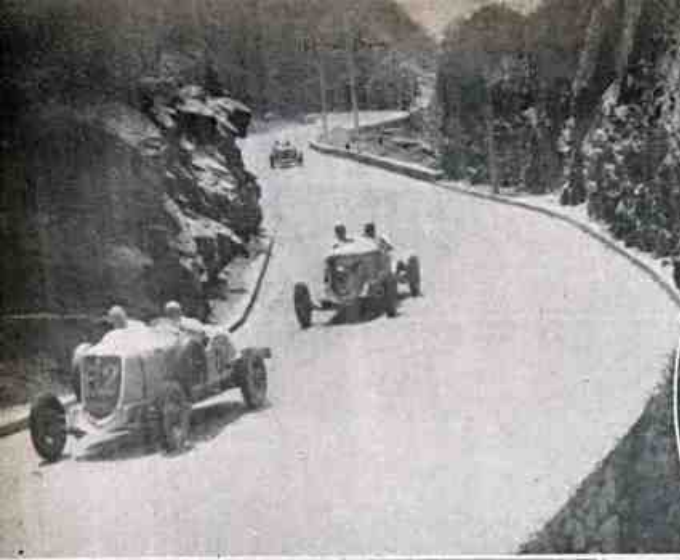
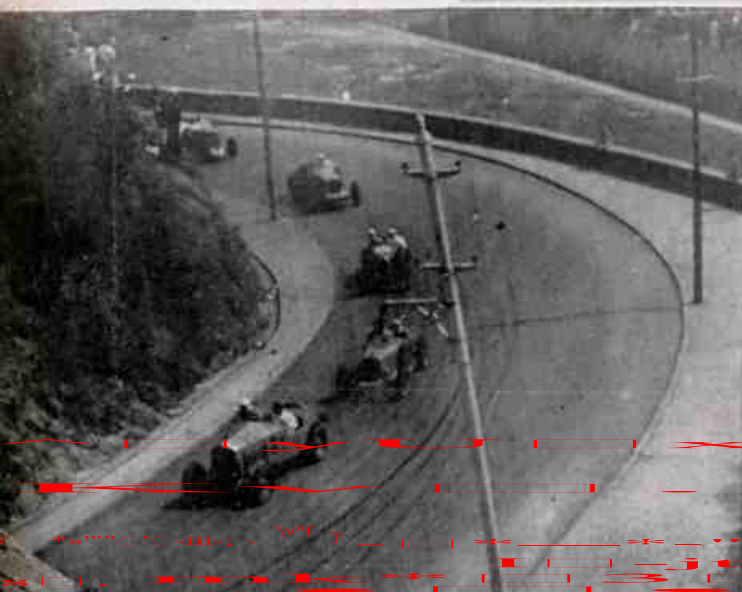
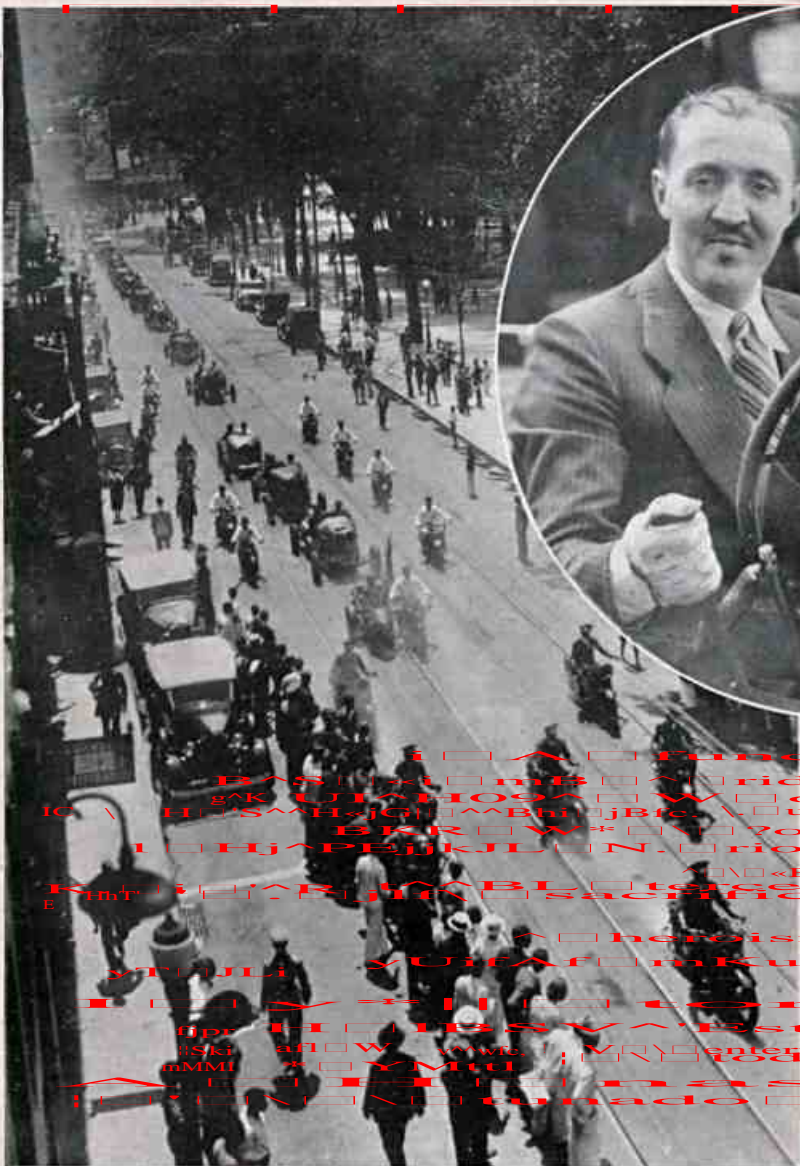
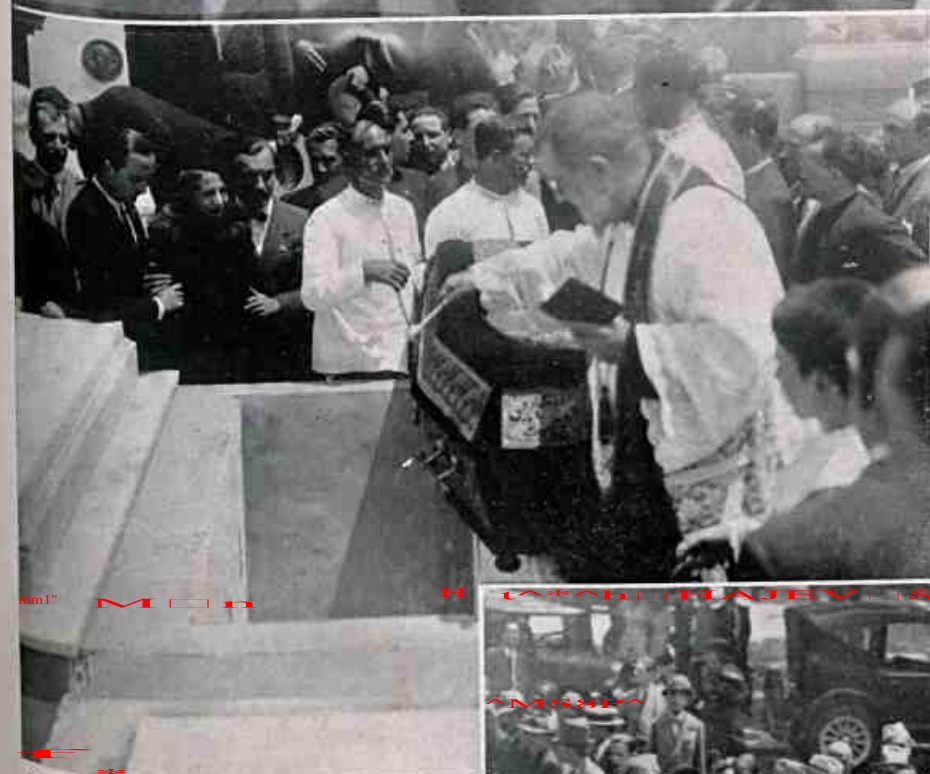
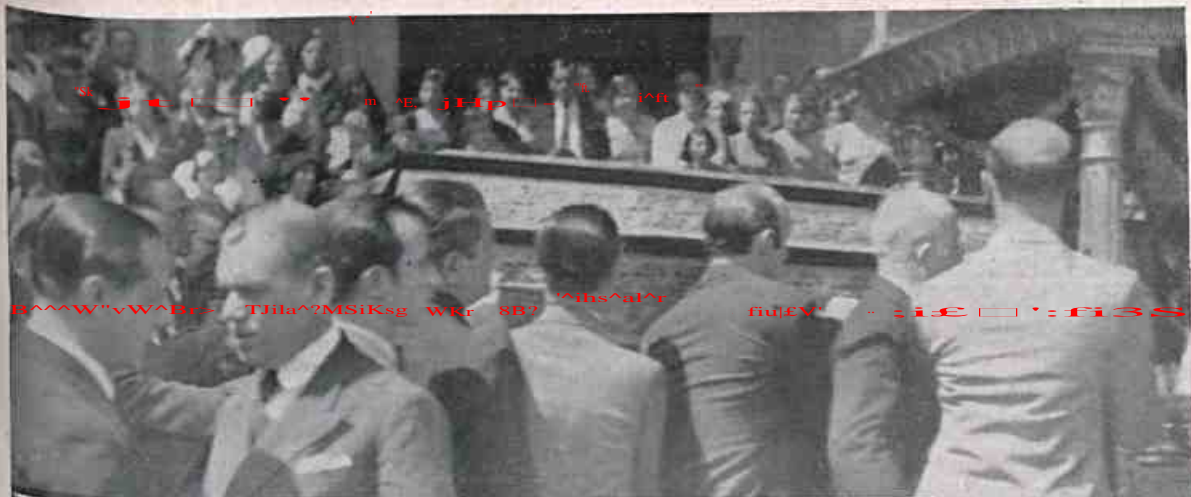
Trez expressivos flagrantes da grandiosa manifestação prestada pelo professorado municipal aos drs. Pedro Ernesto e Anisio Teixeira, de reconhecimento e consagração á obra educacional dos dois eminentes brasileiros. O dr. Anisio Teixeira pronunciou, por essa occasião, magistral peça oratoria.

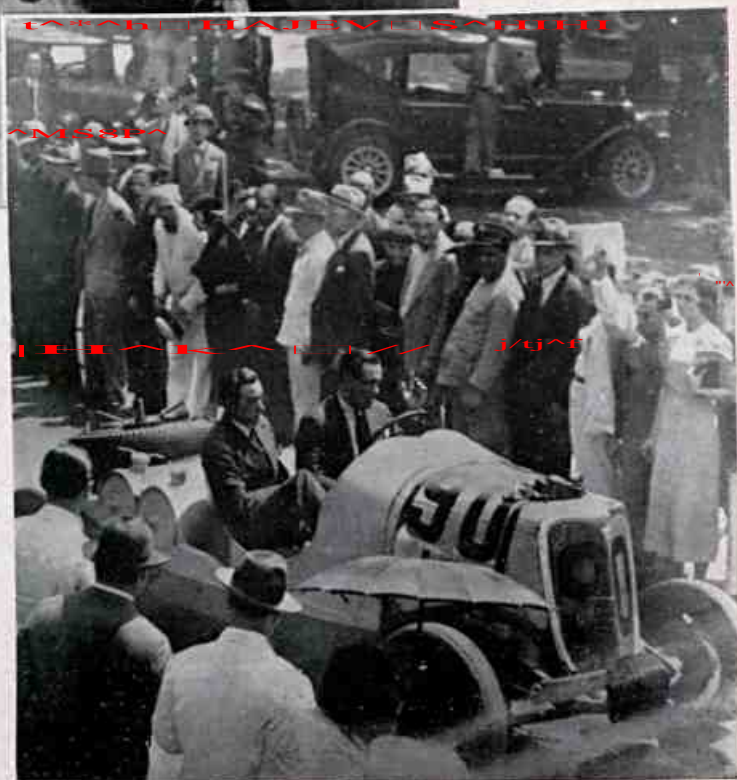
AS CORRIDAS INTERNACIONAES DE AUTOMOVEIS

Foi um espectaculo verdadeiramente estonteante o das Corridas Internacionaes de Automoveis, na quarta-feira, 3 do corrente, promovidas pelo Automovel Club do Brasil, para disputa do Grande Premio Cidade do Rio de Janeiro. O «Circuito da Gavea» constituia para os valentes azes do volante uma prova excepcional, capaz de estimular os mais experimentados corredores. A espectativa foi plenamente confirmada, com o exito de um prelio que, por sua importancia, marcou um acontecimento inedito na vida sportiva do Continente. O impressionante espectaculo mobilizou milhares e milhares de pessôas, que povoaram as margens da extensa pista e os cimos dos morros proximos, dando á scena um effeito grandioso e empolgante, nunca visto no Rio. A immensa multidão electrizava-se á passagem dos corredores, tendo saudado freneticamente a victoria de Irineu Corrêa, quando o formidavel corredor fez a 25ª volta do Circuito, tambem chamado pelos volantes estrangeiros de Trampolim do Diabo.

Irineu Correia foi o vencedor magnifico das grandes Corridas Internacionaes de Automoveis. Coube-lhe o Grande Premio Cidade do Rio de Janeiro, consagrador da gloriosa «performance». Esta pagina apresenta o admiravel volante cercado ao final da prova e a sua chegada, sob as estrepitosas acclamações da multidão electrizada.

* * *

OS DOIS PERIGOS

Entrevistado por Paul Le Cour, director da revista *Atlantis*, entre outras, o grande escriptor Dimitri de Merejkovski fez estas declarações: "Só pelo estudo dos mysterios é possivel attingir a alma das civilizações desapparecidas. Entre os methodos da antiguidade e nossos methodos modernos, ha uma profunda differença. Nosso methodo, todo exterior, se oppõe ao de outróra, te... do introspectivo, nossa inducção á sua intuição. Mas ainda não é tu... do. Nossa civilização está exposta a dois perigos. O primeiro é uma no... va guerra mundial. Mas a guerra internacional nada vale deante da guerra civil, de que a Russia é um fóco ainda não apagado. O segundo perigo é o desvio do sentido profundo da sexualidade. Na Austria, Freud; na França, Proust e André Gide se tornaram campeões desse desequilibrio que visa erigir em dogmas as peores anomalias sexuaes, proclamando alto e bom som sua legitimidade ou mesmo necessidade. E os outros paizes, Allemanha, Inglaterra e America do Norte, não estão menos contaminados..."

O volante brasileiro Domingos Lopes, que conquistou o segundo logar no grande «meeting» automobilistico do dia 3, ao lado de seu mecanico, em «pose» para FON-FON, após a corrida. Em baixo, a barata de Domingos Lopes no momento em que atravessava a faixa da chegada.

Varios detalhes das Corridas Internacionaes de Automoveis, registrados á passagem dos carros em disputa do Grande Premio Cidade do Rio de Janeiro, no Circuito da Gavea.

No dia seguinte ao da realização das Corridas Internacionaes de Automoveis, effectuaram-se, na séde do Automovel Club do Brasil, varias ceremonias para entrega dos premios conferidos aos vencedores. São aspectos dessas ceremonias, que não se revestiram de caracter festivo, em consequencia do luctuoso acontecimento, que sacrificou a vida de Nino Crespi, que a nossa pagina registra. Vêem-se directores do Automovel Club do Brasil e autoridades no acto da entrega daquelles premios aos primeiros collocados na classificação final da grande disputa automobilistica.

Houve uma nota de consternação profunda no desenvolvimento das Corridas Internacionaes de Automoveis: o desastre, que victimou Nino Crespi, uma das mais completas organizações sportivas, empenhadas no glorioso prelio. Nino Crespi, na sua «Bugatti», corria admiravelmente em terceiro logar, quando a fatalidade o sacrificou a sua mocidade e o seu heroismo, num doloroso e consternante desastre, que reduziu o seu carro a um montão de ruinas. Ao lado de Crespi, o seu mecanico Heitor Blasi, tambem gravemente ferido, já foi considerado fóra de perigo. Esta pagina registra aspectos do seu enterramento, vendo-se o cortejo de todos os carros, que tomaram parte nas corridas. No medalhão, o infortunado Nino Crespi, na sua «Bugatti»...

Trez aspectos dos funeraes de Nino Crespi, sacrificado em pleno vigor de seu heroísmo e de seu desprendimento. A encommendação do corpo do desventurado corredor, no cemiterio de S. João Baptista, por occasião do seu enterramento. Em baixo, Irineu Corrêa, o vencedor do Grande Prêmio Cidade do Rio de Janeiro, no carro em que ganhou a corrida e em que compareceu aos funeraes do seu mallogrado amigo.

GALANTEIOS

Muito se tem escripto a respeito da mulher. Apesar de já se ter gasto com o assumpto muita tinta, tempo e papel, a mulher continúa a ser sempre a mesma coisa. Continúa a ser apenas mulher. Isto é, futil, versátil, volúvel, variavel e frivola.

* * *

Conheci um cidadão viuvo que teve a infeliz idéa de visitar o tumulo da esposa.

Uma columna do tumulo cahiu sobre o referido cidadão, partindo-lhe o craneo.

Nem mesmo depois de mortas, deve-se acreditar nas mulheres...

* * *

O celebre poeta Ovidio affirma que a facilidade das lagrimas nos olhos das mulheres resulta de estudos pacientes e continuos. O poeta tem razão...

* * *

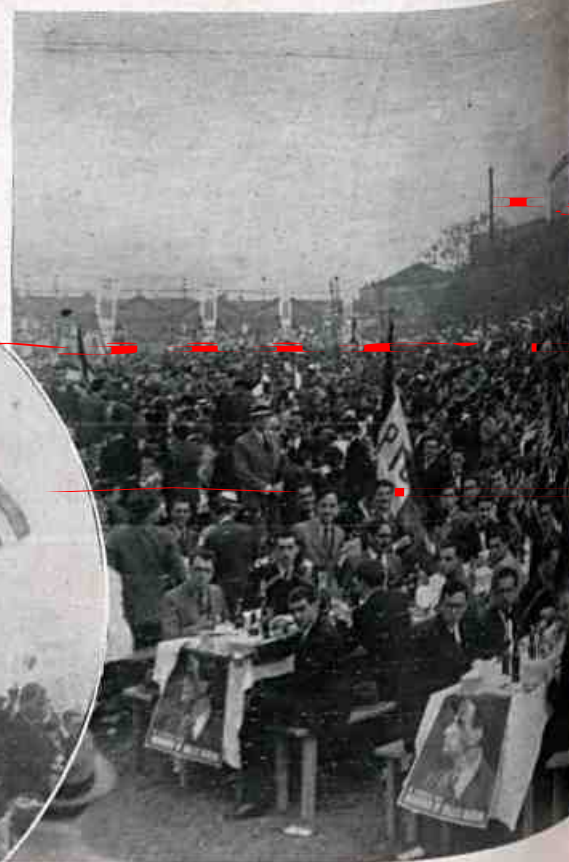
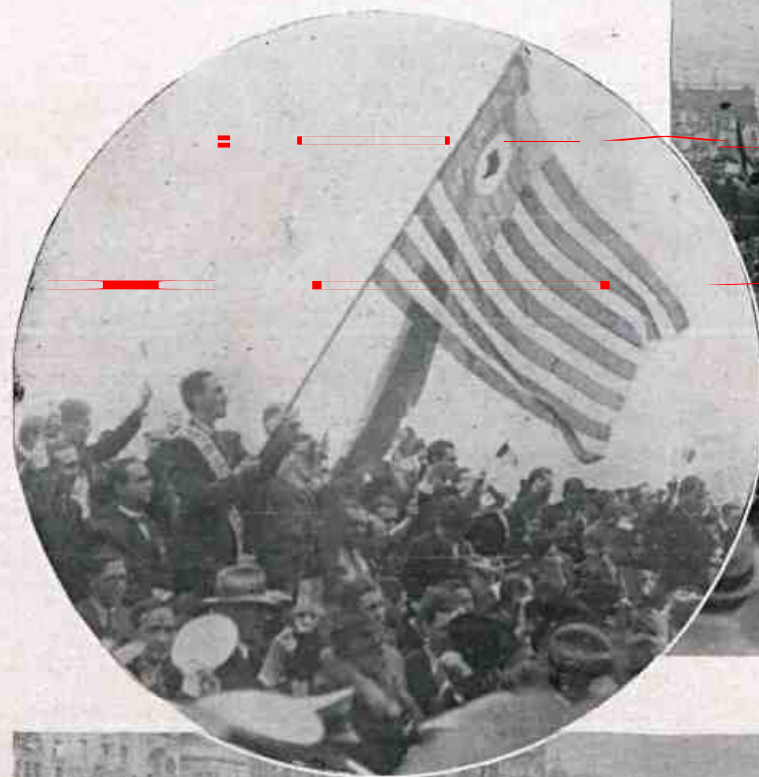
A mulher, para vencer na luta pela vida, não necessita fazer gymnasticas de intelligencia.

É nas praias de banho que se calcula o verdadeiro valor da mulher, em coisas de gymnasticas.

Paulo Freitas

«FON-FON» EM SÃO PAULO

A GRANDE HOMENAGEM DO PARTIDO CONSTITUCIONALISTA AO INTERVENTOR ARMANDO DE SALLES OLIVEIRA

Constituiu um verdadeiro acontecimento politico a grande homenagem prestada ao dr. Armando de Salles Oliveira pelo Partido Constitucionalista e pelo povo de São Paulo, no dia 6 do corrente, na capital bandeirante. Traduzida num almoço de doze mil talheres, seguido de um desfile pelas ruas da Paulicéa, essa homenagem lembrou, no seu expressivo enthusiasmo e no brilho da sua imponência, uma das grandiosas concentrações civicas que, após a revolução de 1932, têm empolgado a alma heroica de São Paulo. Isso prova o interesse publico que a campanha eleitoral desenvolvida intensamente pelo Partido Constitucionalista despertou em todo o Estado de São Paulo, sacudindo a velha indifferença com que o povo em geral acolhia as manifestações de caracter politico. Regista esta pagina, nos seus expressivos detalhes photographicos, aspectos da excepcional manifestação promovida pelo Partido Constitucionalista ao seu candidato á presidencia de São Paulo.

O DIA DA VIOLETA

UM numeroso bando de garrulas creanças e de gentis senhoritas percorreu, o ultimo sabbado, as principaes artérias da cidade, fazendo uma collecta em favor da Associação de São Vicente de Paulo.

A mimosa flor que, em troca do obulo espontaneo do publico, as graciosas vendeuses offereciam, era a violeta — flor de recato e de modéstia, symbolica de gentileza e de humildade.

As ruas encheram-se da multidão habitual dos sabbados. E as violetas floriram muitas botoeiras elegantes e muitos collos bonitos, com a sua doçura de flor retrahida e simples.

* * *

Compõem a Associação de S. Vicente de Paulo, entre outros nomes representativos, as senhoras Zulmira Muniz Barretto, Lúcia Pereira Soares, Chimelli [illegible], Laet, Amoroso Costa, Cruz Brilhante, Jackson de Figueiredo, Laura Nabuco de Gouvêa, Margarida Anysio de Sá e Herminia Lyra.

Essas distinctissimas senhoras chefiaram varios grupos de encantadoras raparigas e gentis meninas na collecta de sabbado.

O publico do Rio mostrou-se, como sempre, urbano, concorrendo para auxiliar a obra piedosa da Associação de São Vicente de Paulo.

* * *

O trecho comprehendido entre a Avenida e a rua Gonçalves Dias constituiu, por assim dizer, o Quartel General das vendeuses.

Alli passaria, como passou, a sociedade que ia fazer o tour das tardes de sabbado, via Ouvidor.

Vi, por exemplo: a senhora Juvenal Murtinho Nobre, como sempre, elegantissima; a senhora Antonio de Piro, que está passando a lua de mel no Rio, sem nenhuma saudade, com certeza, da sua Paulicéa... E mais: a senhora [illegible] Curvello de Mendonça, a senhora Miguel Oakim, a dra. Ernesta von Weber, a dra. Ida Uchôa, etc.

* * *

A senhorita que collocou na botoeira do meu casaco uma mimosa violeta deve ter uma alma assim retrahida e timida.

Nunca vi uma mulher se parecer tanto com uma flor...

RECEPÇÕES

AS gentilissimas senhoritas Yolanda e Yedda Couto deram ás suas numerosas relações sociaes, no mez de setembro findo, duas encantadoras recepções.

A residencia do dr. Elysio do Couto encheu-se de figuras representativas da elegancia carioca, ás quaes as senhoritas Yolanda e Yedda fôram incansaveis em distinguir e homenagear.

Números de musica e de canto deliciaram os ouvintes, tendo ainda as senhoritas Couto brilhado na execução de varias peças.

* * *

Entre as pessôas presentes ás recepções, contam-se: o ministro da Rumania e senhora Zamfirescu; o conselheiro da embaixada do Uruguay e senhora Saavedra Barroso; o secretario da legação da Polônia e senhora [illegible] Wagner; senhor e senhora Henrique Roxo; senhor e senhora Ranulpho Bocayuva Cunha; senhor e senhora Adolpho Menge; senhor e senhora Archimedes Pires de Carvalho; senhor e senhora João Luso; senhor e senhora Antonio de Castro Barbosa; senhora Octavio Mangabeira; senhora Antonio Azeredo; senhora Tanco y Argaez; senhora Ismenia Cardoso de Almeida; senhora Constancia [illegible].

"ANCHIETA"

JORGE DE LIMA acaba de revelar ao Brasil a figura humana de Anchieta, sem cheiro de santidade, como um exemplar da nossa natureza, sublimado pelos dons mais raros do espirito christão.

O grande mérito desse trabalho, verdadeiramente excepcional, pode ser apreciado sob dois pontos de vista: a humanização de Anchieta, substancial na psychologia do formoso apostolo das selvas; a arte literaria do notável retratista, que Jorge de Lima se mostra, fazendo resaltar a effighe lendária de Anchieta dum plano de acontecimentos, que são a propria historia da infancia do Brasil.

O critico surprehende, desde as primeiras paginas da obra, essas duas expressões características, que se completam para dar ao estudo magistral uma feição inteiramente nova.

A gente vae "comprehendendo" melhor esse Anchieta humano, que acaba por nos reconciliar com a nossa propria natureza.

Valladares; senhora Clelia Silva; senhora Carola Forns; senhora Elvira Chavez; senhora Vera Janacopulos; senhora Rose Marie Weinschenk; senhora Heloisa Sampaio Malan e senhoritas Sarlat Saavedra Barroso, Edla Mangabeira, Maria Guimarães, Gloria Faria, Leticia Levy Carneiro, Julieta Sereno, Anna e Vera Amado, Maria de Lourdes e Josephine Dubeux, Odette Maria Luiza Reis, Maria Dulce Parreira Horta, Glorinha Rodrigues, Lydia Maiall, Maria Helena Ferraz, Mary e Ilka Gracie, Nerah Fonseca e Carmen Botelho.

EXPOSIÇÃO M. CONSTANTINO

No saguão do Lyceu de Artes e Officios, Manuel Constantino vem de fazer uma exposição de seus ultimos trabalhos.

Artista consciencioso, com um brilhante senso esthusiastico, M. Constantino alcançou recentemente, no Salão Official, a medalha de ouro. Os seus grandes meritos são justamente apreciados. A critica unanime vê no joven e talentoso artista um dos nossos mais vigorosos pintores modernos.

A sua mostra de trabalhos do Lyceu de Artes e Officios comprehende alguns de impressionante brilho pictural.

Uma numerosa sociedade tem visitado a exposição de M. Constantino.

* * *

Uma destas tardes, no momento em que o reporter renovava a sua visita ao saguão do Lyceu de Artes e Officios, viam-se, entre outras, as seguintes pessôas: a senhora Jorge de Lima, a senhora Martins Capistrano, a senhora Alfredo Jabor, a senhorita Heitor Motta, a senhora C. Paula Barros e senhoritas Maria Helena Nelson Pinto, Alice França, Ruth Santiago, Elisa Machado, Mariazinha da Rocha, etc.

RIVAL-THEATRO

A linda boite, onde a Companhia Dulcina Moraes-Odilon Azevedo vem actuando, com exito verdadeiramente novo na vida do theatro nacional, tornou-se um centro de elegancia e de chic.

Todas as noites, o Rival-Theatro attráe á sua platéa, ás suas frisas, aos seus camarotes o que o Rio tem de maior distincção na sua sociedade.

Os espectaculos da já famosa boite da Cinelandia são verdadeiras paradas de bom gosto.

O Rival-Theatro marcou o advento de uma éra nova. Theatro de comedia, theatro de facto...

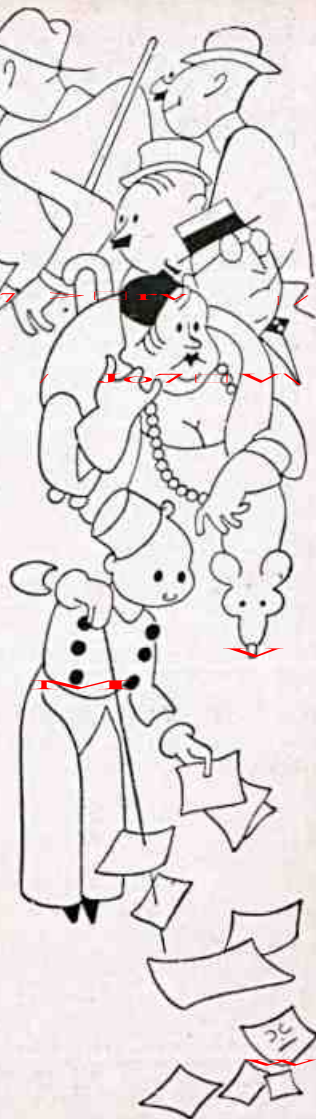
* * *

Dulcina Moraes conquistou, por seu talento e por seu trabalho, o titulo de primeira artista brasileira. A personalidade de Dulcina já se pode considerar hors concours.

O seu papel em *O ultimo Lord*, ora em scena, é impeccavel. Ella interpreta a figura de uma descendente da nobreza com uma graça irreprehensivel. Seu trabalho é marcante. Os grandes applausos, que lhe são conferidos, ao lado de Dulcina, notável na sua creação, e de Aristóteles Penna, valem por uma consagração.

O Rival-Theatro rehabilitou a scena brasileira.

Quer nos espectaculos da noite, quer nas vesperaes, a sociedade que comparece ao Rival é a mais distincta. Diplomatas e artistas, homens de letras, academicos, banqueiros. E as senhoras mais em evidencia do mundanismo carioca.

A bonita sala de espectaculos apresentava uma destas noites uma numerosa assistencia. Alguns nomes repontavam: a senhora Carneiro de Mendonça, a senhora Hamilcar Nelson Machado, a senhora Luiz Bezerra Cavalcanti, a senhora José Manhães, a senhora Jarbas Andréa.

Ao mesmo tempo, a explicação do meio primitivo, em que elle viveu e "obrou os milagres" de que o accusam (diria eu) nos convence de que a sua maravilhosa acção foi ainda muito maior.

O estudo de Jorge de Lima fugiu aos moldes das biographias em uso. O seu ensaio de psychologia e de historia é uma novidade literaria entre nós.

Está visto que não cabe aqui, no espaço desta chroniqueta, mais do que uma annotação á margem desse trabalho. Como nas provas de exame, na exigua margem em branco, só se pode escrever a nota conquistada. Esse grau 10, sabe-o o proprio Jorge de Lima que o obteve por merecimento indiscutivel.

"Anchieta" offerece á critica literaria opportunidade para desenvolver um longo estudo em torno da grandeza humana do apostolo e do milagre literario, com que o autor soube retratal-o, tirando-o do "meio" brasileiro, com a technica de um cinematographista extraordinario.

Luciano

Com destino á capital da Republica Argentina, passou por este porto, a bordo do «Conte Grande», sua eminencia o cardeal Eugenio Pacelli, secretario de Estado de Sua Santidade o Papa Pio XI e Legado Pontificio. O eminente prelado, que, nesta capital, foi cumprimentado em nome do governo brasileiro e alvo das mais expressivas demonstrações de apreço e carinho, por parte do clero e da sociedade carioca, vae participar do Congresso Eucharistico Internacional de Buenos Aires, onde representará o chefe supremo da Igreja Catholica. As nossas gravuras offerecem dois aspectos das homenagens prestadas, a bordo do paquete italiano, e no cáes da praça Mauá, ao illustre antistite.

O MANTO DE ARLEQUIM

RETALHOS E BISALHOS

As theorias sobre a origem das religiões são as mais contradictórias possivel. Lang, Frazer e Reinach procuraram-na no totemismo dos povos primitivos. Durkheim, Glotz e Conissin buscam-na no fetichismo. Os materialistas, em geral, desde Lucrecio, enraizam-na no medo.

A essas negações da revelação, Paul Le Cour responde:

"Se o homem não accender elle proprio sua pequenina lampada, como poderá, nas trevas que o rodeiam, ser visto pelos deuses do alto do Olympo?"

* * *

No discurso de recepção a Paul Valéry, na Academia Franceza, o sr. Gabriel Hanotaux pronunciou estas palavras: "Nesta hora, a humanidade como que se acha suspensa. Não se sabe o que de grande e extraordinario vae apparecer. O mundo escuta e cala-se numa espera ansiosa." O espirito de Phileas Lebesgue, commentando os periplos dos Mystéres de l'Orient, de Merejkovski, que sente bater o coração da Humanidade, declara: "A mentira e a verdade travam hoje sua suprema, corpo a corpo. O mundo attingiu não se sabe que akme e oscilla como sobre a ponta duma faca. Como a humanidade poderá salvar-se?"

A essa angústia que constringe os intellectuaes de bôa fé, Merejkovski respondeu com esta conclusão formidavel: "A historia universal se desenrola á sombra da Cruz!"

* * *

Oleganio Marianno é candidato a deputado pelo Districto Federal, nas eleições de amanhã. O grande poeta brasileiro, eleito á Constituinte, foi uma das mais altas expressões da mentalidade nacional na memoravel Assembléa. A renovação do seu mandato popular se impõe ao eleitorado carioca, como um imperativo do espirito de selecção, que deve orientar as preferencias do Districto na formação das «élites» intellectuaes do Parlamento. Olegario Marianno é uma organização excepcional de homem de letras e de artista. A sua eleição para a Camara honra o eleitorado independente pela significação da escolha. O seu nome, glorificado pela sua obra, constitúe por si só a mais bella recommendação eleitoral. Olegario Marianno é um legitimo candidato intellectual, desses que, em outras civilizações, são capazes de ascender a altitudes magnificas na idolatria dos universitarios e das classes dirigentes do pensamento nacional.

"Nada de novo na Frente Occidental" é o titulo dum livro celebre sobre a guerra, premiado e diffundido, mas cheio dum perigoso espirito dissolvente. Em resposta a esse livro, sentindo-se a renovação espiritual que impelle presentemente as nações occidentaes, tem-se vontade de dizer: "Muita coisa de novo na Frente Occidental"...

* * *

"Volta-te para dentro de ti proprio — ensina Plotino, e, se não encontrares ainda a belleza, faze como o artista que lima, concerta, pule e apura sem cansar a sua estatua até ornál-a com todos os dons da Belleza... Então, olha para dentro da tua alma e descobrirás a Belleza..."

Vida interior! Os homens de hoje, dos casinos e dos automoveis, pensam unica e exclusivamente na vida exterior. Olham para tudo, menos para dentro delles mesmos...

* * *

O cinema é um dos flagellos dos tempos modernos pela tolice e mediocridade geral de seus films de enredo. Outro flagello é a imprensa que dá o logar de preponderancia aos crimes e ás mentiras. O terceiro, emfim, é o sport com o absurdo das suas corridas mortiferas e dos seus campeonatos de méra especulação.

Com esses trez pratos diariamente se alimenta a ignorancia do homem do povo e a quasi ignorancia do homem da classe média.

BEMTEVI

A FESTA DO THERMOMETRO

A Festa do Thermometro, tradicional nos circulos estudantinos e sociaes desta capital, realizou-se, este anno, no Automovel Club do Brasil, cujos salões se encheram de destacados elementos da «élite» carioca, para a solennidade da transmissão symbolica do thermometro dos actuaes doutorandos de medicina aos seus collegas da quinta série e para o elegante baile que se seguiu á brilhante cerimonia.

PARA VOCÊ... E' esse o titulo, simples e suggestivo, do novo livro de Raul Lellis, nosso querido e distincto collaborador. Escriptor elegante, canteur admiravel, Raul Lellis, em Para você..., offerece aos seus numerosos admiradores e, sobretudo, ás suas admiradoras um rosario cheio de belleza, de encanto, de doçura e de ternura. E' do victorioso autor de Para você... esta pagina delicada e fina.

ORAÇÃO

CREIO em Deus, Senhor Supremo, cuja vontade se agita no que vive — nos homens e nas coisas — de quem eu vim quando a vida começou e para quem caminharei quando tudo parar ante meus olhos. Creio na Sua vontade soberana, sem a qual nada foi e nada é; na Sua vida occulta, immensa e infinda, multiplicada em formas variadas em tudo que tem corpo e que no mundo existe. Creio que Elle é Senhor, Principio e Fim, que d'Elle tudo vem e a Elle tudo volta; que o Seu sopro é para tudo a vida eterna, na qual a morte põe um véo sem pôr um termo. Creio que Elle me vê, me segue e julga; que pesa e guarda de minhas mãos o bem e o mal, e que ante Elle um dia voltarei, misero verme para o Nada feito, para dar contas de tudo que aos Seus olhos não foi puro.

Creio na Vida que me enche e anima, que é hálito divino e força occulta, que é minha, é de todos e é de tudo, porque se agita igual nos seres, nas coisas e nas folhas, como um todo gigante em milhões de moléculas partido.

Creio na Belleza que me cerca, que é immensa no mar, no céo, na terra, multiplicada em fórmas e harmonias para attender á ansia dos espiritos. Nella meus sentidos se embriagam, na cadência das côres e dos sons; nella meus olhos se deslumbram, pois que por ella é tudo grande e novo, mesmo aquillo que é eterno e que não muda.

E creio em Você, que é para mim a grande animadora da fé em Deus, na Vida e na Belleza; em Você, que chegou na hora extrema em que a descrença ia fazendo sua esta minha alma que demais soffrêra; em Você, que trouxe para dar, semeadora do Bem e do Sublime, a agua da Fé e o trigo da Esperança.

E com a minha fé em Deus, em Você, na Belleza e na Vida, nada mais quero, nada anseio e nada espero senão viver assim, sereno e agradecido, murmurando uma prece em que a alma se curve, esmagada ao peso do bem que tem vivido: Obrigado, Senhor! Eu Te agradeço, mas tanta felicidade é mais do que mereço!

RAUL LELLIS

E' hoje o dia da collecta em beneficio do Orphanato de Santo Antonio, da rua Barão de Itapagipe. Grupos de jovens percorrerão as ruas da cidade offerecendo flores aos transeuntes em troca de uma prata ou de um nickel para as pequenas asyladas do Orphanato dirigido pelas religiosas franciscanas. A população carioca sabe comprehender a nobre finalidade das obras verdadeiramente philanthropicas. E assim não negará um auxilio qualquer para as crianças necessitadas. O «clichê» focaliza um grupo de asyladas do Orphanato de Santo Antonio occupadas na confecção de flores para a collecta de hoje.

Da mulher, para a mulher

EMBLEMAS E INSIGNIAS

EXPRIMIR um pensamento, uma divisa, por meio de um graphico é uma arte que remonta a varios seculos. Puramente heraldica em sua origem, essa arte se estendeu, em nossos dias, ás insignias representativas dos clubs, das associações nauticas e sportivas, do mesmo modo que os brazões representam as armas das familias nobres.

Brazões e insignias são frequentemente reproduzidos em admiraveis bordados executados á mão segundo tradições immutaveis.

Certa de agradar ás gentis leitoras, publicamos varios modelos de insignias, ás quaes cada qual poderá adaptar seu nome ou suas iniciaes.

Conforme o fim a que se destinarem, serão bordadas a canutilho de ouro ou de prata, [illegible] ou brilhante, a seda ou a fio de linho ou algodão.

LIZI

GELATINA DE FRUCTAS

10 folhas de gelatina branca 5 folhas de gelatina vermelha; 2 cópos de agua fervendo; 1 1|2 cópos de assucar; caldo de 2 laranjas e um pouco da casca ralada; 2 claras batidas em néve; 1 cálice de licôr ou vinho do Porto.

Dissolve-se a gelatina na agua fervendo, põem-se os demais ingredientes e logo que tudo ferva côa-se por um panno ralo, préviamente escaldado.

Unta-se muito levemente uma bonita fôrma com aceite finissimo e despeja-se a gelatina, pondo-a a gelar.

Na hora de servir mergulha-se a fôrma um segundo em agua fervendo e vira-se sobre um prato proprio.

GUARNIÇÃO DE FRUCTAS

Fervem-se separadamente ameixas pretas, sem os caróços; damascos seccos, que se deixaram algumas horas de môlho em agua fria; cortam-se ao meio algumas rodellas de abacaxi em compota, sem o centro. Faz-se uma calda rala. Quando estiver fervendo, juntam-se as fructas com cuidado, para não as partir. Deixam-se ferver durante alguns minutos e retiram-se antes que percam o feitio. Deixam-se esfriar bem e guarnéce-se com ellas a volta da gelatina, pondo as ameixas no centro dos damascos e das fatias de abacaxi.

Deixa-se engrossar bem a calda, até ficar como um xarope, põe-se a gelar e despeja-se sobre as fructas, mas não sobre a gelatina.

Esta receita dá um doce pequeno, para 4 ou 6 pessoas. Também se póde fazer com a gelatina já preparada, de fructas diversas, que se vende em pacotes.

PARA O CONGRESSO EUCHARISTICO

Tambem passou pelo Rio, na última semana, sua eminencia o cardeal Hlond, arcebispo de Varsovia e primaz da Polonia, que viajava a bordo do «Oceania» e desembarcou nesta capital, onde permaneceu algumas horas, tendo aqui recebido expressivas homenagens dos nossos circulos sociaes e religiosos. As nossas gravuras focalizam: no alto, o cardeal Hlond a bordo do «Oceania», ao lado do ministro da Polonia, dr. Thadeu Grabowski, e de outras pessôas gradas; em baixo, um aspecto da recepção que o ministro Grabowski offereceu, no palacio da legação de seu paiz, ao eminente chefe da igreja poloneza.

APEZAR DOS PEZARES

(You're Telling Me) — Da PARAMOUNT

com W. C. Fields, Joan Marsh, Larry «Buster» Crubbe, Adrienne Ames e Louise Carter.

Sam Bisbee é um grande inventor. Mas o que elle descobriu de mais importante, até hoje, foi o modo de viver sem trabalhar. Aos proprios olhos, porém, e aos dos seus companheiros de farra, Doc. Dane e Charlie, Sam é o embryão de um Edison, que algum dia encherá de orgulho o solo que o viu nascer.

Sam tem uma filha, Paulina, de quem está enamorado Robert Murchison, de uma das principaes familias de Crystal Springs. Certa manhã, Sam volta á casa, muito mais alegre do que convinha. Justamente no momento em que alli está de visita a sra. Murchison; e tres gaffes commette o borracho, que se retira indignada a visitante, e a esposa logo censura a Sam por ter deitado a perder o casamento da filha.

Mas bem se importa Sam! Pois não acaba uma carta de lhe trazer noticia de que a America Tire Co. se interessa em alto grau por um dos seus recentes inventos, — o pneumatico á prova de furo?

Immediatamente se põe elle a caminho de Cleveland, para demonstrar o seu invento. Mas alli, ausente o inventor, alguem poz outro automovel no logar do delle, e assim, quando para provar o alto valor da sua descoberta, Sam dispara os cinco tiros de seu revólver, não são os seus, mas os alheios pneumaticos, que elle fura desoladoramente. Para maior desgraça, dois agentes de policia avançam na sua direcção, e não é sem grande trabalho que elle logra despistal-os.

Vencido pela adversidade, Sam tenta suicidar-se no trem que o reconduz a Crystal Springs, mas não é no gasnete proprio, e sim nas almofadas do trem que elle verte o liquido que lhe havia de dar o eterno somno. Pouco depois, olhando em volta, descobre uma mulher elegantissima em cujas mãos treme um frasco igual áquelle que, se não lhe houvesse vacillado o pulso, certamente lhe daria o perpetuo esquecimento de todas as ciladas da fortuna.

Sam corre em soccorro da linda desconhecida, e assim lhe conquista a sympa-

(Conclue na pag. 58)

GEORGES é o maior actor dos tempos modernos. Pelo menos assim crê elle proprio, e talvez seja mesmo elle a unica pessôa que tenha essa crença, pois que nem empresarios, nem directores, nem contra-regras, nem mesmo os outros artistas assim julgam. Ninguém quer reconhecer o seu genio, pelo que o pobre Georges fica sem contractos.

Suzanne tambem é artista, ou melhor, é uma creaturinha que quer ser artista á altura das melhores. E' loura, interessante.... Mas nem por isso consegue qualquer contracto tambem, embora vá batendo ás portas das agencias theatraes. E foi mesmo nessa peregrinação que se encontraram os dois "fracassos", e se tornaram conhecidos. Georges representa para Suzanne algumas scenas de uma peça que elle quereria representar, e se arvora em tutor dando-lhe conselhos para quando tiver de estrear. Elle diz que é uma peça em que elle vae estrear.... mas bem depressa Suzanne se apercebe do "bluff", e Georges acaba confessando que a unica coisa que encontrou foi uma offerta para uma ponta em um palco de um pequeno music-hall, em um numero de imitações femininas. E, infelizmente succedia que um mal estar o impedia de se apresentar ao trabalho daquella noite...

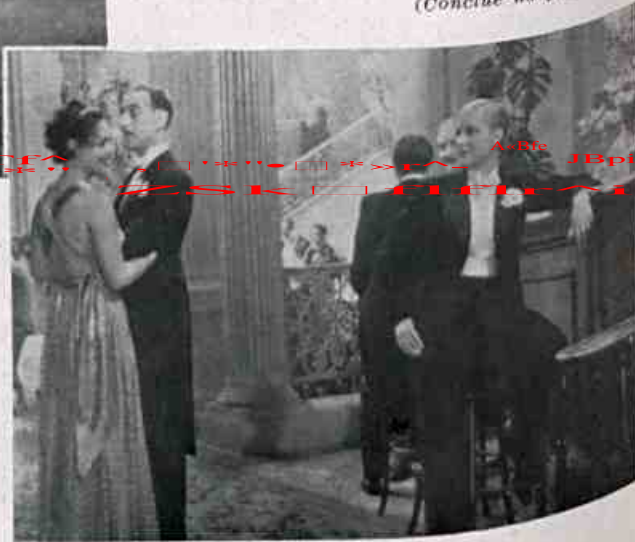
Que fazer então, naquellas circumstancia em que elle não poderia nem deveria perder aquella opportunidade? E' bem simples. Suzanne vae tomar o seu logar, e apparecerá no papel de "Georgette", o imitador. E o certo foi que naquella noite Suzanne se apresentou no pequeno palco, dançando

e cantando como uma "verdadeira" mulher, e leva o numero em triumpho até o fim, quando arranca a cabelleira e deixa apparecer a sua cabeça de "rapaz", os cabellos convenientemente cortados e "gommalinados".

Estava na platéa o celebre emprezario americano Pokerdass, que se enthusiasma pelo seu trabalho, e a contracta para uma tournée pelo estrangeiro. "Monsieur Georgette" passou a ser um grande successo, por onde passava, acompanhada sempre de Georges que a acompanha, para que ella não se esqueça do papel que deve representar na vida real.

Meg Lemonnier.
Carette.
A. Wolbruck.
Jenny Burnay.
Charles Redgie e
Paulette Dubost

Londres foi uma temporada de triumphos para Suzanne, sendo que ha ahi uma novidade — é que Georges se deixa apaixonar por Lilian, a pequena "speker", que annuncia cada numero novo do programma. O mais interessante

(Conclúe na pag. 55)

CASANOVA, O PRINCIPE DO AMOR

Da URANIA

com Iwan Mosjoukin, Jeanne Boitel, Magdeleine Ozeray, Marcelle Denya e Leda Ginelly

INNUMEROS films poderiam ser extrahidos das "Memorias de Casanova", o famoso aventureiro do seculo XVIII, que encheu a Europa de phrases espirituosas e seduziu um numero incalculavel de mulheres bonitas. A synthese de uma vida, tão rica em episodios movimentados, apresentava-se, por isso mesmo, como um trabalho singularmente singular. Mas, os seus traços mais caracteristicos foram retidos pelo director de scena, em "Casanova, o principe do amor" e elles são, sem duvida, sufficientes para reconstituir tão fielmente quanto possivel a curiosa figura de Jacques Casanova.

O principe de Ligne, que conheceu bem Casanova, nos deixou delle um retrato muito estranho: "Era um homem muito bello, alto, de construcção herculea, mas de tez africana; dos olhos vivos, em verdade cheios de espirito, denotando susceptibilidade, inquietude ou rancor, lhe davam um aspecto um tanto feroz." Disse ainda o mesmo principe que Casanova era um homem de muito espirito, de caracter e de conhecimentos — um espirito sem par, do qual cada palavra era um oraculo e cada pensamento, um livro."

De nascimento obscuro, o veneziano Casanova foi primeiramente confiado á guarda de um velho abbade, pois acreditava-se que se poderia fazer delle um sacerdote. Estudou então, com afinco theologia. Mas elle não tinha, de maneira alguma, vocação alguma para a vida religiosa. Não procurava coisa que brilhar junto ás mulheres e, já por esse tempo não lhe faltavam amantes. Teve, sob a sotaina, algumas aventuras escandalosas, nas quaes, aliás, alguns dos seus protectores tomaram parte com a displicencia de libertinos "blasés".

Casanova acreditou, por um momento, que a farda lhe fosse util. Mandou seu habito de monge ás urtigas e fez com que lhe déssem os galões de official. Mas, bem cedo a carreira das armas o desgostou e elle a abandonou.

Toda a vida de Casanova não é mais que um longo tecido de conjuncturas, cada qual mais extraordinaria que as outras. Passou, em pouco tempo, da mais horrivel miseria á opulencia. O dinheiro elle procurava junto aos grandes senhores cujas casas frequentava e a quem tinha o dom de agradar, e, por vezes mesmo, tambem junto ás mulheres. Despiu-se, nesse ponto de vista, de quaesquer escrupulos. O mesmo fez, exactamente, no jogo e no amor. Fosse qual fosse a situação de sua bolsa, não deixava de ter confiança em si proprio e se apresentava sempre com decencia. Quando a fortuna lhe sorria, vestia-se com gosto, com apuro e, por vezes, com estravagancia. Reinava, então,

(Conclue na pag. 58)

Guarnição para prateleira de cozinha bordada a linha vermelha, ponto de cadeia ou haste.

RÔLO DE CARNE

Massa: 2 chicaras de chá (rasas) de farinha de trigo; 4 colheres de chá de fermento Royal; 1|2 colher de chá de sal; 4 colheres de sopa de banha de porco; 3|4 de chicara de leite.

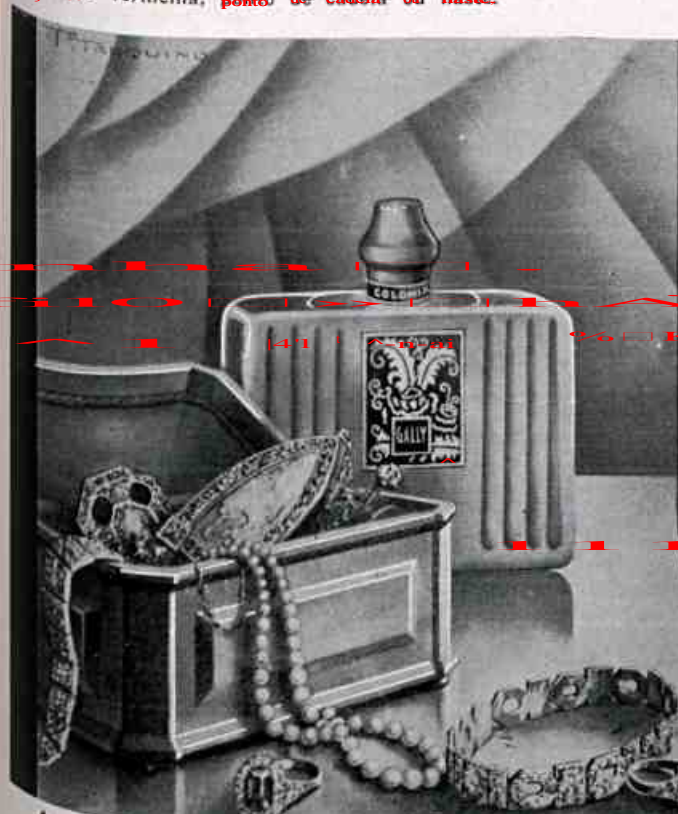
Peneire os ingredientes seccos. Ponha ao centro a banha e misture rapidamente com um garfo. Junte o leite até formar uma pasta macia. Espiche com o rôlo de abrir pasteis até a grossura de 1|2 centimetro. Espalhe sobre a massa o seguinte:

Recheio de carne:

1 1|2 chicaras de carne assada finamente picada; 1 colher de sopa de cebola bem picada; 3 colheres de sopa de môlho da carne assada; 1 colher de sôpa de farinha de trigo desfeita em 1|2 chicara de agua fria; sal para temperar. Léve ao fogo para ligar bem, espalhe sobre a massa (depois de frio) e enróle.

Córte em fatias de 2 1|2 centimetros de grossura. Colloque-as em assadeira untada de banha. Salpique com pedacinhos de manteiga e asse em forno quente durante uns 15 minutos.

Guarneça com pimentão de conserva e galhos de salsa e um pouco de môlho de carne que se prepara á parte.

ILZA

A VOZ DOS SINOS

NÃO ha voz que ecôe mais tristemente em minh'alma dolorida do que a voz plangente dos sinos.

Parece-me que em cada uma dessas campanulas frias e impassiveis de bronze se occulta uma alma que vibra e soluça, mal se lhe toque.

Quanto á tarde, á hora em que o sol se põe, os sinos tangem dolentemente o Angelus, parecem chorar saudosos as passadas gerações, que, de corações puros e almas simples, se ajoelhavam ao som de sua voz rezando a Ave-Maria.

Hoje, já quasi ninguem os ouve; sua voz apenas encontra éco nos corações que soffrem e que, como elles, choram as passadas illusões da vida, porem em silencio.

Por vezes elles tambem brincam alegremente; fazem assim como muita gente, que passa pela vida a gargalhar, mas sem que jamais lhe ouçamos a outra voz, a voz do coração.

Todavia, se a ouvissemos, seria como o soluçar plangente de um dobre a finados, chorando as mortas illusões, até então sepultas nesse tumulo ignorado, o coração.

LILA

PÃEZINHOS PARA SANDWICHES

4 chicaras de chá (rasas) de farinha de trigo peneirada; 2 colheres de chá de sal; 1 colher de sopa bem cheia de manteiga; 6 colheres de chá (bem cheias) de pó Royal. Misturam-se bem todos os ingredientes e amassa-se com 1 ½ chicaras de leite.

Fazem-se pãezinhos de feitio alongado, que se dispõem em taboleiros untados de banha. Meia hora depois pintam-se com gemma de ovo e assam-se em fôrno bem quente. Ao retiral-os do fôrno, emquanto ainda quentes, passa-se manteiga sobre elles.

BISCOITOS SAUDADE

6 gemmas cozidas; 20 gr. de farinha de trigo; 200 gr. de araruta; 200 gr. de manteiga; 100 gr. de assucar; 1 pitada de sal.

Desmancham-se as gemmas com um garfo, amassam-se bem com a manteiga, o assucar e as farinhas. Fazem-se biscoitos em fórma de S, e assam-se em fôrno regular.

BALAS CRIOULAS

Põe-se a ferver uma chicara de leite com 3 chicaras de assucar mascavo refinado. Côa-se por um panno ralo e deixa-se ferver até tomar o ponto de bala mólle. Afasta-se um pouco do fogo, junta-se uma chicara de nozes bem picadinhas ou passadas na machina, bate-se um pouco, junta-se 1 colher mal cheia de manteiga fresca, meia colherinha de vanilina e leva-se novamente ao fogo, mexendo sempre.

Toma-se uma pequena porção do dôce, que se põe em um pires com agua fria e deixa-se esfriar. Si soltar facilmente do pires, formando uma bóla macia, estará no ponto.

Retira-se do fogo, bate-se até começar a embranquecer, despeja-se sobre o marmore untado de manteiga. Antes de esfriar completamente cortam-se as balas, que se enrolam em papel impermeavel.

BISCOITINHOS VIDRADOS

1 prato de polvilho de mandioca peneirado; 1 chicara de chá de gordura fervendo, com a qual se escalda o polvilho. Juntam-se 2 colheres de assucar, uma pitada de sal e os ovos necessarios para dar a consistencia de enrolar. Sóva-se bem a massa e fazem-se argolinhas, que se põem a cozinhar em agua fervendo. Logo que bóiem, retiram-se com uma escumadeira e põem-se a escorrer numa peneira. Depois arrumam-se em uma assadeira e vão ao fôrno quente para seccar e corar.

São excellentes para chá.

ILZA

REMORSO

(CONCLUSÃO)

Chegava o inverno, cobrindo-se os campos de folhas mortas, e no leito [illegible] dos cimos as torrentes ululavam enfurecidas. Tingiu-se a paizagem de penumbras violetas e uma manhã os montes escuros appareceram toucados de neve. A neve endureceu os caminhos. De noite, como que chamando a lua, se ouviu o ladrar do lobo.

Desde meiados de novembro, Lourenço não deixava a choça. A despeito de sua vontade, o rheumatismo o retinha ali, como que amarrado a uma cadeira, deante do fogão. Os pés e as mãos se lhe haviam inchado, e o braço direito não lhe obedecia.

— De tudo isto eu estaria curado — resmungava o velho — si João Pedro me houvesse trazido os condemnados remedios que lhe pedi. Mas, como elle não quer ir á aldeia.

Chovia torrencialmente aquella noite, e o vento era tão forte, que as paredes da choça estremeciam. Por duas vezes o ar, que assobiava no buraco da chaminé, apagou a candeia.

A' hora do costume, appareceu João Pedro.

— Bôa noite, pae.

— Bôa noite nos dê Deus.

Lourenço estava sentado de maneira que tinha as costas voltadas para a porta. Houve um longo silencio. O moço começava a tirar a roupa, que trazia ensopada. Seu pae perguntou:

— Que fazes, filho?... Não acabas?

Voltou a cabeça. Immediatamente, com um gesto de surpreza, ajuntou:

— Quem vem comtigo?...

E levantou-se. João Pedro lançou um grito horrivel, sobrehumano...

— Que está dizendo o senhor? — rugiu.

O pae repetiu, franzindo as palavras, porque não conseguia ver bem.

— Não vem comtigo uma mulher?...

Embora diffusamente, distinguia ao lado de seu filho uma mulher, ou, melhor, uma sombra, de mulher: uma silhueta exangue, livida.... O velho ia apanhar a candeia, para ver melhor; mas não poude, porque o assombro lhe deteve a mão. João Pedro, cabellos eriçados, braços em cruz, repetia:

— Já a vejo!... Já a vejo!...

Cahiu de joelhos, com uma violencia que estremeceu as paredes, e em seguida cahia de bruços ao chão. Depois, com gestos desordenados, se levantou, abriu a porta e desappareceu na treva do campo. Uma violenta rajada de vento e de chuva invadiu a choça e matou a luz.

João Pedro vagou toda a noite; e quando, no dia seguinte, se apresentou na aldeia, era tal o desconcerto de suas attitudes e palavras, que as pessôas fugiam delle. E foi preso como louco...

Ha treze annos que isso occorreu, e elle ainda está no manicomio.

APESAR DOS PEZARES

(Conclusão)

thia, se bem não tivesse ella outro proposito senão o de fazer uma applicação de um pouco de iodo, e nada mais. Desta forma trava Sam relações com a princeza Lescaboura.

Dias depois, a chegada dessa princeza põe em grande torvelinho a villa de Crystall Springs, onde não acodem usualmente visitantes de tão alta categoria. A commissão de recepção, chefiada por Murchison Senior, envida os maiores esforços para acolher a nobre dama de tal modo que a faça ter em alto conceito o progresso, a cultura, o espirito de hospitalidade da população da villota.

Mas é um banho de gelo que a commissão de recepção recebe, quando a princeza, logo á chegada, declara que o principal objecto da sua visita é cumprimentar a Sam Bisbee. Não tem a commissão remedio senão conformar-se, e lá vae ella, com Murchison Senior á frente, á procura do borracheiro, em quem já muitos começam a ver um verdadeiro super-homem.

Outra surpreza maior está porem reservada á commissão: é que Tyre Tycoon, o presidente da American Tire Co. vae procurar a Bisbee e lhe offerece, pelo seu invento do pneumatico imperfuravel, a quantia de 20.000 dollars, depressa elevada, por artes da princeza, a um milhão de dollars, e ainda uma apreciavel percentagem sobre o volume das vendas.

Não é preciso accrescentar que Paulito e Robert se casam, e que em honra da princeza, Sam, com os seus inseparaveis Doc e Charlie, toma uma nova bebedeira, — esta a maior de toda a sua vida!

CASANOVA, O PRINCIPE DO AMOR

(Conclusão)

nos salões, tanto pelas suas maneiras, como pelo seu espirito. E isto foi longe, pois chegou a ser recebido ao pé dos mais famosos thronos da Europa. Por pouco honrosos que hajam sido os actos de Casanova, é forçoso reconhecer-lhe uma certa bondade, uma indiscutivel nobreza de proceder, e bem assim a sua generosidade e a sua gratidão. "No meio das maiores desordens de uma mocidade tempestuosa e de sua carreira de aventuras, por vezes equivoca, elle mostrou honra, delicadeza e coragem", disse delle, certa occasião, o referido principe de Ligne.

GEORGES E GEORGETTE

(Conclusão)

é que todas as noites vae assistir o espectaculo um joven inglez, Robert, que se sente attrahido para aquella que elle vê no palco, no papel de mulher, sendo sempre para elle uma decepção vel-a tirar a cabelleira para surgir... rapaz. Parece-lhe haver qualquer coisa que não está direito... E procurou desvendar o que fosse. Um rapaz com tanta seducção... tanta attracção... Robert o convida a um passeio. Leva-o a beber, a fumar, em summa a se portar como um verdadeiro homem, e durante esse tempo em que está sendo posta á prova, "Suzanne-Georgette" se enamora do joven rapaz. Foi por acaso que o joven inglez acabou por descobrir a verdadeira identidade do "rapaz" e então mais que ella já o amava, e procurou despertar-lhe ciumes.

Por outro lado, Lillian, muito desquete, leva o nosso George ao desespero, flirtando ostensivamente com o "sr. Georgette", si bem que tambem George, já desesperado, acabe por revelar á pequena a verdade a respeito de Suzanne. Acontece que uma noite um motivo qualquer retem Suzanne no hotel, impedindo-a de apparecer em scena. Para evitar o escandalo, George não hesita: elle veste as roupas de "Georgette" e executa o numero, com tal arte, que o successo é sem precedentes.

Tudo se descobre. George consegue afinal assignar um contracto magnifico, que o levará á celebridade, emquanto Suzanne, ao annunciar do seu papel, lhe vem o seu noivado com Robert.

"Tout est bien qui finit bien".

Escriptores e livros

Humberto de Campos — LAGARTAS E LIBELLULAS — Liv. José Olympio — Rio — 6$

CHRONICAS, como Humberto de Campos sabe escrevel-as. O commentario preciso, a idéa justa, o estylo magnifico na sua simplicidade crystalina. Assumptos os mais variados, o que torna a leitura agradavel, cheia de attractivos.

Por vezes, o academico desperta a emoção do leitor com a sua deliciosa philosophia, superiormente pontilhada de ironias.

Um livro que dispensa maiores referencias, consagrado pelo publico, em successivas edições.

Robert Irving Warshow — WALL STREET Liv. Cultura Brasileira — S. Paulo — 8$

ESTE volume narra a historia da Bolsa de Nova-York desde suas origens até a *debâcle* de 1930. Trata-se de uma leitura curiosissima, destinada a grande exito no meio brasileiro, onde apparece esta cuidada e perfeita traducção. O formidavel *crak* da Bolsa de Nova-York, em 1930, despertou a attenção do mundo para o pequeno local onde se ergue o edificio de proporções modestas, porem, famoso, da cidade dos millionarios.

Wall Street! Qualquer coisa de bello e de tragico! E nessa rua se jogava a sorte das nações, se decidia dos destinos dos povos.

Foi ahi que Robert Irving Warshow realizou a mais empolgante das reportagens de que ha noticia. Obra palpitante, onde nos apparecem os lances dramaticos do jogo da Bolsa. Os millionarios em formidavel luta. Fortunas que se evaporam em minutos, fortunas que refazem em segundos.

A batalha dos caminhos de ferro.

A expansão da economia norte-americana contada em todos os seus pormenores. Episodios que allucinam. Rockfeller, Vanderbilt, Morgan, Ford, todos os potentados do ouro flagranteados com um realismo surprehendente. Ahi, a felicidade do escriptor. *Will-Street* deixa de ser um livro arido, para tornar-se qualquer coisa de romanesco. Porque os combates do dinheiro são tão cheios de lances empolgantes como os torneios da Idade Media, dizem... Emfim, trezentas paginas que são lidas com avidez.

A parte material muito recommenda as Edições Cultura Brasileira.

Guy de Pourtales — VIDA DE LISZT Liv. Cultura Brasileira — S. Paulo — 7$

LEONOR DE AGUIAR e C. Fonseca traduziram para a *Collecção Cultura Musical*, organizada sob a direcção do prof. Mario de Andrade, do Conservatorio Musical de S. Paulo, o trabalho de Pourtales, que podemos classificar como verdadeira obra prima. Não se trata de uma biographia, apenas, escripta para satisfazer á curiosidade alheia. Acabo de lêr o livro todo, quasi de um folego, e sinto-lhe a alma, impregnada de doçura e enthusiasmo. E fico sabendo muita coisa que desconhecia desse formidavel genio da musica, "do bello adolescente que aos vinte annos já era lendario, desvairava as mais lindas mulheres da Europa, ganhava uma fortuna em cada concerto, e, ao morrer, deixou apenas sete lenços." Sete lenços! Para que? Seriam para estancar as lagrimas das muitas amorosas que deixou? E' curioso o que escreve Pourtales: "Esse homem forneceu as melhores anedotas do seu seculo. Da exaltação por elle creada, vivem ainda gerações de cabellos brancos. Foi, como diz a filha, um exemplo admiravel de generosidade. A gloria de Wagner foi obra sua. Porque este espirito fertilissimo, que escreveu mais de mil e quinhentas peças musicaes e explorou todas as sendas da harmonia, apagou-se voluntariamente atraz daquelle que julgava maior. Bayreuth, onde veio morrer num dia em que se representava *Tristão*, é uma estação de cura do ideal instituida graças a si."

A minha admiração por Liszt cresceu depois da leitura deste volume de Pourtales. Só não comprehendi bem a dedicatoria subscripta pelo autor, no seu periodo final... "Dedico-vos, pois, este livro, alma cynica e fatigada, que, apesar de tudo, conservaes o gosto das naturezas generosas preferindo a loucura á mediocridade, sabendo que são as musicas do coração as unicas das quaes a intelligencia jamais se cansa." Mas, por vezes, entre loucos, estamos melhor que numa tertulia de pessôas de muito juizo...

David A. Carneiro — CASOS E COUSAS DA HISTORIA NACIONAL — Alba ed. Rio — 6$

AS guerras civis animalizam o homem; por isso mesmo, são de uma ignobil crueldade. No Brasil, as lutas entre irmãos são exemplos vivos do que affirmamos.

Recolhendo os depoimentos dos que assistiram, de perto, a varios episodios, nada temos de nos orgulhar do heroismo que resultou no massacre de tantas reservas uteis ao paiz. O autor deste volume escreve sobre episodios historicos da revolução anti-florianista, fixando os aspectos da luta no territorio do Paraná, onde residiu. São impressões nitidas, narradas com singeleza, mas que por isso mesmo agradam.

O autor reconstitue o caso dantesco do barão do Serro Azul e seus companheiros, mortos de maneira barbara, atirados que foram pelos despenhadeiros do kilometro 65. As informações, os detalhes e esclarecimentos são preciosos para aquelles que desejam encontrar a verdade da nossa historia.

Uma leitura que suggére e ensina, util, em ultima analyse.

Excellente contribuição para os estudos das revoluções brasileiras, que precisam ser conhecidas nos seus verdadeiros aspectos, como lutas pessoaes que têm sido, quasi sem nenhum proveito para o paiz, que necessita de paz para trabalhar, evoluindo, em marcha natural.

A DECEPÇÃO SINGULAR DE MARIO

DE HYGINO BERSANE

A'S oito horas da noite, Wanda Lucia, descendo a rua do Ouvidor, alcançou a Avenida... Vivia naquella alma esse instante de atordoamento, que succede aos golpes adversos da fatalidade: Wanda Lucia fôra dispensada do logar de dactylographa, que occupava, havia dois annos, nos escriptorios de uma grande firma industrial.

Um temor panico a invadia ao pensar que a alguem iria affligir aquella situação: a sua velha mãe. Já parecia vêl-a, assustada, pelos cantos, a relembrar os dias distantes em que, para viver, Wanda costurava para a vizinhança, não conseguindo grandes coisas, mas, ao menos, ganhando para pagar o aluguel do quarto e a pensão... Ao mesmo tempo, vinha-lhe um sopro de confiança no futuro: não era uma inexperiente, soubéra fazer relações no commercio...

Assim meditando, Wanda Lucia chegou á Cinelandia e, para distrahir sua mágoa interior, poz-se a olhar os quadros com photographias dos principaes trechos dos films, essa nova modalidade da tentação de que nos falam as Sagradas Escripturas.

Passeando o seu tedio de desoccupado elegante, Mario Gentil — coincidencia da vida... — parou, tambem, junto aos quadros, até que, em dado momento, os seus olhos encontraram os de Wanda Lucia.

O "flirt" é a consequencia do acaso e uma cilada amavel armada aos sexos...

Conversaram. A sympathia é o primeiro passo para a confiança mutua e, por isso, Wanda Lucia acceitou o convite do rapaz para que assistissem ao film.

A's dez, deixando o cinema, Mario Gentil não podia comprehender a razão que o levava a agir honestamente com a companheira eventual. Duas ou trez vezes, antes de decidir-se, tentou, de si para si, desvencilhar-se do sentimentalismo que se apoderára de seu coração. Bem razão tinha o velho Machado de Assis ao dizer que "o coração humano é a região do inesperado"... Mario Gentil, despedindo-se, na esquina daquella rua pittoresca de Santa Thereza, da linda Wanda Lucia, praticava, pela primeira vez em sua vida, uma boa acção...

* * *

A virtude feminina é uma das relatividades mais constataveis deste nosso incomprehensivel mundo: vive em nossos sentidos e depende de nossas intenções. Se conseguimos apaixonar uma creatura que ainda conserve um minimo de illusões, o nosso respeito acabará por contagiál-a e, involuntariamente, ella se tornará digna de nós. Inversamente, a virtude apaixonada se submetterá aos nossos caprichos mais perigosos, uma vez que é verdadeira a affirmativa de Bourget: "*la pudeur, chez toutes, vertueuses ou non, commence ou finit l'amour*"...

Assim pensando, os amigos de Mario Gentil, reunidos no Club vaticinaram o casamento do mais insinuante colleccionador de aventuras sentimentaes...

* * *

Ha trez mezes que se desenrolaram os successos relatados. Como não mais encontrasse Mario Gentil, resolvi pedir noticias suas ao seu amigo mais intimo, Luis Ramos.

— Meu caro — disse este — não tenho preoccupações. Em trez mezes, na ordem sentimental, o mais que póde acontecer a um homem de espirito é — esquecer. Nessa pequena eternidade, apaga-se a lembrança da ingratidão da mulher que nos jurára "amor eterno", ou o desespero causado pela negativa systematica da que faria explodir de inveja os nossos amigos...

A "blague" inopportuna de Luis Ramos deixou-me desolado, e eu deliberei ir visitar Mario Gentil.

Encontrei-o afundado em uma poltrona. Recebeu-me com um sorriso que só a polidez me obrigava a não desmentir. Evidentemente, por traz daquelle sorriso, occultava-se um romance de tédio e soffrimento.

— Estive doente — pretextou. — E, se não avisei a vocês, é porque não era coisa de importancia e não valia a pena incommodar meus amigos por tão pouco.

Sorri e, não querendo fixar meus olhos sobre aquelle rosto nublado por uma angustia tão sincera, fiquei a olhar o cinzeiro em que jaziam innumeras pontas de cigarro...

A voz de Mario Gentil veiu tirar-me do embaraço constrangedor. Encarei-o. Já não sorria e, em um admiravel dominio de si mesmo, começou a sua narrativa:

— Sthendal, nas paginas profundas da "Naissance de l'amour", advertiu ser preciso ensinar aos jovens a crer na existencia do amor, para que pudessem defender-se de seus effeitos imprevistos. A advertencia devia ser feita aos homens, tambem... Mas os poetas que lemos, os pensadores que ouvimos proclamam com a morte do amor com tanta convicção, que, por fim, cedemos á suggestão generalizada... Depois, vencidos, não podemos evitar a emboscada que o travesso deus ardilosamente nos prepare... Nestes trez mezes, aprendi mais do que em trinta annos de vida. — A razão é simultaneamente simples e complexa: achei sempre facilidade em realizar meus desejos porque, até então, minha ambição se resumia em pedir-me o que eu podia comprar-lhe...

"Wanda Lucia, á porta do cinema, era a aventura banal. Wanda Lucia, duas horas depois, era o caso inedito da minha vida. Ah, não poder imaginar a minha afflicção ao partir, no dia seguinte, do ponto marcado, depois de ter esperado uma hora inutilmente! Nos dias que se seguiram, voltei, movido

GENTIL

Por uma esperança em que, paradoxalmente, eu não acreditava e, ao mesmo tempo, punha uma incondicional obediencia... Talvez, monologava eu, passageira doença a impedira de cumprir o seu promettimento. Tempo perdido... Restava-me ir á esquina daquella rua em que a deixára na noite do nosso encontro, mas a simples imaginação do ridiculo a que me expunha desarmava a minha vontade...

"Uma tarde, o correio trouxe-me a explicação do mysterio. A letra do subscripto, eu nunca vira, mas os apaixonados têm o sexto sentido, que é o presentimento. Nessa carta, Wanda Lucia pedia-me que nunca mais pensasse nella. Pronunciando meu nome casualmente, soubéra por alguem, naturalmente uma de minhas antigas relações, quem eu era: um volúvel, para quem um coração de mulher é um passatempo banal. Comprehendi que, por delicadeza, não escrevêra: um seductor sem escrupulos..."

Mario Gentil calou-se. Ia e vinha pelo aposento, quando, de subito, parando á minha frente, como se adivinhasse o meu pensamento, exclamou:

— Que decepção singular, a minha! Nas aventuras em que meu coração não tomava a menor parte, o acaso sempre me favoreceu. Quando tenho nas mãos o supremo [illegible], equivale a dizer a [illegible] bella e moça, o acaso nega-se a ajudar-me e, ainda mais, realiza o trabalho da destruição...

Mario Gentil, com a cabeça entre as mãos, deixou-se cahir sobre a poltrona. Emocionado, eu acompanhava no ar a fumaça do meu cigarro, que, subindo, a descrever no espaço figuras interessantes, [illegible] que logo se desfaziam, como symbolos da felicidade humana...

O ESTRANHO

— UM senhor deseja falar-lhe.

O director do famoso "trust" de tecidos" levantou a vista do balanço semanal.

— Que quer?

— E' um freguez.

O director Holler levantou-se e passou ao salão de vendas.

— O senhor deseja?...

— E' o director, sr. Holler?

— Para servil-o.

— Verdess, servidor do sr. Sou comprador da casa Lobez, de San Diego.

— Ah! dos grandes armazens Lobez!

— Supponho que o sr. conhece a nossa casa.

O director Holler fez uma reverencia cortez.

— Tratámos, varias vezes, de entrar em relações com os senhores.

— Sei-o. Talvez agora seja possivel chegar á concentração de um negocio. Tenho interesse em adquirir mercadoria que possa sêr entregue immediatamente. Necessitamos de roupa branca.

Ambos discutem sobre umas amostras que têm na mão.

— A mercadoria é bôa. Mas o preço é bastante elevado.

— Note que, no momento da entrega da mercadoria, o sr. receberá uma letra contra nossa casa. Permitte-me o sr. uma contra-offerta?

— Diga.

— Compraremos trez mil fardos de tecidos, trez mil de fio em peça e dois mil de sêda crúa. As peças de trinta metros. O preço deveria ficar uns seis por cento por baixo de sua ultima offerta.

O director Holler titubeou.

— O pedido somma mais de um milhão — continuou Verdess — importancia que lhe abonaríamos em 5 letras. A mercadoria amanhã ás 8 horas da tarde em ponto, prompta para embarcar na estação central. Dou-lhe uma hora para resolver.

— Não tem importancia — respondeu o director, com esquisita cortezia: — Acceito a sua proposta.

O contracto ficou estabelecido e confirmado por escripto, em duas vias, e devidamente firmado pelas partes.

O proprio director Holler vigiou a execução da ordem.

— Desculpe se o incommodo — disse, de repente, um estranho.

Holler voltou-se, surprehendido.

— Posso falar-lhe cinco minutos a sós?

— Sobre que assumpto?

— Permitte me que o diga em seu escriptorio?

Poucos minutos mais tarde, estavam sentados um defronte do outro.

— Bem, que deseja o sr. ?

— Em primeiro logar, quero expôr-lhe minhas condições. Posso prevenil-o contra um prejuizo sériissimo. O sr. me abonaria honorarios correspondentes a 10 por cento da somma que lhe evitarei perder. Desde já, me pagará essa importancia, unicamente ao constatar a aptidão de minha denuncia.

— Se o sr. realmente póde evitar-me um damno grave, acceito suas condições.

— Muito bem. O sr. acaba de vender mercadorias no valor de meio milhão, não é verdade?

— Como o sabe? Envia-o o meu banco?

— Não. Tambem conheço as condições de venda.

O director Holler ficou nervoso.

— Permitta-me uma pergunta: O que lhe importará tudo isso? O caso está perfeitamente em ordem.

— Estaria em ordem — rectificou o outro, levantando a mão — se a casa Lobez, de San Diego, houvesse comprado effectivamente a mercadoria. Mas acontece que ignora tudo isto. O comprador é um achacador do peor kilate. As letras são falsificadas.

— Não é possivel!

— Póde comproval-o facilmente.

— Como?

— Fale o sr., por telephone, a San Diego! Ou melhor mande um radiogramma. Dentro de meia hora terá a resposta.

Aos 30 minutos chegou o cabogramma:

"Verdess aqui completamente desconhecido. Não pensamos comprar nada. Comprador certamente larapio. Faça-o prender. Lobez — Sandiego".

O director Holler deixou cahir o despacho.

— O sr. prestou um grande favor á minha casa. Salvou-nos de um prejuizo tremendo. Desde já ganhou sua commissão.

Na tarde do dia seguinte, o director Holler passeava, para cima e para baixo, na plataforma da estação central de cargas.

Escondidos detraz de uns vagões, quatro agentes da policia esperavam.

Ouviam-se passos, que se approximavam cautelosamente.

Appareceu uma senhora.

— Attenção! — cochichou Holler.

Um carregador acercou-se delle.

— O director Holler?

— Sim.

— Mandaram-lhe esta carta.

Holler rasgou nervosamente o envelloppe. Leu:

"Distincto senhor. Desculpe-me si não posso attender a sua entrevista, mas o sr. já está ao par da situação. Asseguro-lhe que nunca pensei entregar-lhe letras apocryphas nem prejudical-o em mais de meio milhão, levando seus productos. Desejava apenas dar um pequeno lucro a meu irmão, o famoso detective particular que o sr. conhece desde hontem. Depois de haver conseguido tal proposito, dirigimo-nos immediatamente ao estrangeiro, donde lhe enviaremos nossas mais cordiaes saudações.

Att.° Ogd.° — Bornini, aliás Verdess".

JOHANUS ROESLER

O CRIME DO CÉGO

AGRADA-ME esta casa de arrabalde que aluguei ha trez meses. Está isolada de todas as outras vivendas, e os ruidos da vida que se agita em torno de mim só chegam aqui em écos longinquos, amortecidos e mysteriosos.

Nesse humido outomno, o perfume das folhas mortas entra pelas janellas e me embriaga, misturado ao aroma capitoso dos crysanthemos que florescem ao longo do caminho, apenas perturbados pelas emanações fortes das resinas dos pinheiros erguidos á beira do muro. Em meio deste socego, gozo melhor a tranquillidade de minha cegueira. Parece-me que conheço já o numero e a fórma das arvores que me rodeiam. Apalpei-as uma a uma, e as aves que cantam em redor de minha casa hão de acabar conhecendo e não temendo o cégo que, todos os dias, passa junto dellas.

Eis minha vida arranjada como eu desejára.

Ninguem perto de mim. De manhã, vem a empregada trazer-me os alimentos e arrumar a casa, para, á tardinha, voltar deixando-me tranquillo até o dia seguinte...

Um amigo veiu visitar-me, e disse:

— Não deves viver aqui sózinho. Esta casa tem uma apparencia fidalga e parece abandonada. Os ladrões poderiam fazer-te uma visita.

— Não tenho mêdo.

....

Tocaram a campainha, esta manhã. Eram nove horas. Segundo o meu habito quando não se annunciam, não respondi. Chamaram de novo, e, recostado á janella, pareceu-me que alguem tentava fazer gyrar a chave do ferrôlho da porta.

A' tarde, a manobra se repetiu. Agora comprehendo que o meu amigo tivera razão. Quando á noite voltei a sentir esses rumores, meus nervos ficaram um tanto excitados, mas aquillo bem podia ser causado pela neve demasiado fria ou pelo ruido monótono das folhas que tombam pesadas de humidade. Não sahi. Cerrei cuidadosamente a porta e permaneci em um quarto, tiritando um pouco. Seria bom accender fogo na chaminé? Mas, para isso, era preciso descer novamente, e o cansaso me entorpece e me pesa sobre o cérebro. Tenho até necessidade de pensar. Corro os dedos sobre as paginas de um livro, gravado especialmente para os que, como eu, não têm vista.

E' um conto de Barbey d'Aurevilly, funebre e desolador...

Andam pela porta do jardim... Foi um ruido muito fraco, imperceptivel, quasi, mas que me fez estremecer, como si todo um bando de salteadores invadisse minha residencia. Sim... Agora, andam pela areia da alameda que conduz á escada. Caminham desembaraçadamente, sem preoccupações. Os passos resôam nitidamente ao bater o cascalho fino... Agora um objecto metallico arranha os ferros interiores da fechadura. E' a visita indesejada que meu amigo me annunciára...

Continúo immovel. Escuto o barulho leve da porta a gyrar sobre seus gonzos, e, em seguida, passos suffocados que circulam, rapidos, sobre o ladrilho do vestibulo, e que em breve se espalham pela sala de descanso e pela bibliotheca. Ha exclamações de alegre surpreza. E por que não?... Com certeza encontraram no vestibulo minha collecção de medalhas, que para tal gente significa um bello achado.

São dois os individuos. Não me atrevo a negar que o medo faz correr por minha espinha dorsal um estremecimento gelido. Não tenho uma arma siquer ao meu alcance. Aliás, de que me serviria ella? Que póde valer o melhor revolver na mão de um cégo? Ha no vestibulo uma panoplia de espadas e punhaes japonezes. Como, porém, chegar até lá? E, sobretudo, como utilizal-os sem vêr?

Entretanto, superior á inquietude que me invade, vae surgindo em mim um sentimento de repugnancia e de horror por esses animaes humanos, que deslisam como larvas no interior de minha casa; que mancham com seu odioso contacto todos os objectos de minha intimidade; que passam, emfim, suas mãos de bandidos, mãos criminosas, sobre tudo quanto é meu, sómente meu. Oh, sim! O odio que inspira essa gente é mais forte que o terror! E' preciso castigal-os ferozmente, afim de que os outros lobos conheçam tambem o mêdo!

Sobem. Ouço-lhes os passos audaciosos. Aproximam-se... São dois... Não importa. A escuridão me ha de proteger. A luz de que se servem deve estar nas mãos do que vem adeante. Espero que a colloque em algum logar.

Occulto-me detraz da cortina. E' tempo. A porta de meu quarto se abre, e eu já ouço a respiração precipitada e breve de dois homens.

A lanterna bate sobre o marmore de uma consola proxima a mim e ambos se inclinam empenhando-se em forçar as gavetas de meu escriptorio. Já as abriram. Os miseraveis murmuram termos grosseiros deante do desengano de encontral-as vazios.

Estendo cautelosamente a mão direita. Ah! aqui está a lanterna! Um gesto brusco, e a atiro ao jardim, através dos crystaes quebrados com estrepito.

Um grito, um juramento e, no silencio que reinou de novo, subitamente, a respiração daquelles individuos denuncia o terror de que se acham possuidos.

E' preciso agir immediatamente, porque já os dedos nervosos de um ladrão tateiam um bolso procurando uma caixa de phosphoros. O outro deslisa até á janella, encostado á parede, tentando orientar-se. Invisivel e mudo, avanço rapidamente, e, com a visão interna que a natureza concede aos

(Continúa na pagina seguinte)

PROVA DE AMÔR — De Luisa Savoy

HEITOR, aquelle romantico rapaz loiro e imberbe, que se vestia como um figurino e se perfumava qual uma franceza, commettêra a maior loucura que póde commetter um homem são: — apaixonára-se...

E por quem? Pelo palminho de cara daquella moreninha ultra moderna, que fuma "Camel", toma aperitivos, e fala "argot"... Porem o amôr é cego... e, para os olhos enlevados de Heitor, nada mais perfeito que a menina de seus sonhos.

Mas eis que a pequena impõe uma séria condição:

— Só me casarei com um homem forte, de nervos de aço e reconhecido valor. Quero um companheiro que nada tema e do qual possa orgulhar-me, que saiba arriscar a vida. Um aviador, por exemplo, realizaria o meu ideal...

O rapaz, ajoelhado a seus pés em atitude romantica, empallideceu subitamente. Vôar... só em terra firme. Mas elle amava, e heroicamente resolveu fazer o immenso sacrificio.

Adquiriu um traje completo, elegantissimo, e um par de óculos dos mais finos. Chamou o ourives e encommendou duas azinhas de oiro para a lapella. Transportou-se ao campo de aviação, e, impeccavel na sua indumentaria, fez-se photographar nas mais variadas poses, deante dos mais possantes e modernos aviões. O primeiro passo estava dado.

Em seguida, contractou um professor, rezou uma Ave-Maria e embarcou no gigantesco pássaro prateado que rutilava ao sol...

O professor, para impressionar o alumno inexperiente, fazia no ar as mais arrojadas acrobacias... E o misero Heitor, o coração quasi parado dentro do peito, ouvia, opprimido, o rumo da helice, que o ensurdecia. Gottas de suor frio perolavam-lhe a fronte mais pallida que um cirio. Os olhos estavam parados nas palpebras humidas e geladas e os ouvidos zumbiam-lhe horrivelmente... E o estomago? Ah! o estomago revoltado, a querer subir-lhe garganta acima, ansioso por despojar-se de seu conteúdo!

Minutos de pavor a custo dominados...

Heitor não era um aviador innato. Fizéra o incrivel sacrificio por amôr... Mas si o coração bradava "Sobe!", o estomago dizia "Desce!"...

Findo a primeira aula, o rosto desfigurado pelas muitas emoções, metteu-se na cama, febril, tremulo, esverdeado, cadaverico. No seu delirio, imitando o propheta Jonas, que uma baleia enygmatica fez passar pela sua estreita garganta, Heitor foi engulido por enorme gavião, cujas pennas de prata faiscavam. A ave de rapina resfolegava sem cessar. E da garganta do pobre martyr do amôr escapavam multidões de estomagozinhos irônicos dançando uma sarabanda infernal...

.. ..

No dia seguinte, Heitor levantou-se, tomou de uma penna, e, no seu mais bello cursivo, escreveu á menina rompendo o compromisso.

O estomago vencêra... Como é fragil o coração humano!

O CRIME DO CÉGO

(C O N C L U S Ã O)

cêgos, minhas mãos não vacillam em encontrar um pescoço onde o sangue bate com precipitação covarde.

Que horror! Que desagradavel é a sensação da carne machucada, das arterias entumecidas que pouco a pouco vão cedendo á pressão de meus pollegares! Deus me perdôa!... Mas, que outra coisa podia eu fazer?

Houve um grito breve, rouco, horrivel! Os braços do homem se levantaram para abraçar-me. Mas era tarde. O outro, adivinhando a scena horrivel, tropeça allucinadamente contra os moveis, procurando a porta. Encontra-a, emfim, transpõe-na e, pegado á parede, se precipita escadas abaixo. Seus pés falseiam no primeiro degráo e o seu corpo rola pesadamente.

Corro, tambem, atraz delle. Nada póde deter meus passos. Conheço, os degraus um por um, tenho a consciencia perfeita da altura e distancia de todos os recantos e curvas de minha casa. Chego a tocar, o miseravel, que foge logo que alcança o jardim. Toco-lhe sómente para precipitar-lhe a fuga. Não vale a pena perseguil-o. O castigo do primeiro será bastante.

E, recostado ao batente, vejo-o extraviando-se das arvores que eu, sem a menor vacillação, evito todos os dias em meus largos passeios.

Volto a meu quarto para esperar que venha o dia e que passem pelo caminho os primeiros jornaleiros.

Que noite, santo Deus! Que noite! Com este cadaver a meu lado!... e meus dedos tão doloridos! Quanto tempo ficarão assim?...

B. VERNOU

LAURA parou em frente a um grupo symetrico de placas-reclame postas ao lado de uma porta onde os transeuntes passavam apinhados como páus de phosphoros numa caixa que custa 200 reis.

Correu os olhos lêu em letras de esmalte: "Castillo — advogado, 4º andar. Das 3 ás 6".

Para o 4º andar não havia elevador. Havia uma escada comprida como um noivado visto por uma sogra...

* * *

Emquanto Laura sóbe, façamos o que fazem os vizinhos. Commentemos...

Laura devia subir? Devia procurar por Castilho?

Não, não devia.

Castilho casou-se ha pouco, vive regularmente com a mulher, mas não esqueceu os dias felizes que viveu ao lado de Laura. E Laura é possuidora de uma belleza que fica gravada no coração eternamente, como os escriptos dos egypcios nas pedras.

Laura não devia subir, principalmente porque Castilho não esqueceu a ingratidão que ella lhe fizéra em abandonál-o por motivo futil.

E, em questão de amor, as ingratidões se convertem em odio — mas num odio que se transforma facilmente em amor forte, tão forte quanto o odio existente.

Ademais, Castilho casára quasi por vingança, quasi para suavizar o amor proprio offendido...

E Luiza — a esposa — suspeitava disso tudo e pellava-se por um flagrante... (1,70 de altura, ex-nadadora...)

FIDELIDADE...

DE ABEL MOSCHEN

* * *

Ao chegar á porta do advogado, Laura certificou-se si estava mesmo bonita. Compoz uma physionomia tristonha, e levou a mão ao trinco da porta.

O porteiro, typo do communista, interceptou-lhe os passos e perguntou:

— A quem devo annunciar?

Laura não respondeu e foi entrando...

* * *

— Que imprudencia! — disse Castilho, ao vêl-a. — Que vens fazer aqui? Não sabes que me casei?

— Vim dizer-te que me é impossivel viver longe de ti. Vim dizer-te que tenho soffrido muito, e que verifiquei amar a ti somente. Estou arrependida. Não quero que me desprezes. Embora não me dispenses a attenção de outrora, quero que me ames ainda um pouco. Só quero um pouco de felicidade. Um beijo de quando em quando; e que continúes a chamar-me de "meu amorzinho" — como o fazias antigamente.

Castilho sentiu que a amava muito ainda.

Teve impetos de lançar-se em seus braços. De pedir-lhe perdão. De enchêl-a de beijos, como o fazia antigamente.

Mas lembrou-se da ingratidão, e principalmente que, naquelle ermo, era nobre vingar-se um pouco.

(Continúa na pagina seguinte)

FIDELIDADE...

E, asperamente, disse:

— Saia, já daqui! Entre nós está tudo acabado. O que passou vae longe e não me interessa mais. Ademais, sou agora casado. Adoro minha mulher e não a troco por mil de tua qualidade! Que graça!... Enganar uma santa como Luiza! Não te enxergas?

Si Laura tivesse feito menção de sahir, Castilho teria impedido. Tel-a-ia enchido de beijos, teria dito que tudo era mentira, que a adorava mais ainda, e que estava agindo impulsionado pelo amor proprio magoado.

Laura continuou choraminguenta:

— Não sejas tão máu assim meu amor! Não me faças soffrer dessa forma! Que importa o teu casamento? Que importa tua mulher? Ella nunca ha de saber de nada. Dize, que me amas ainda, sim? Não sejas máu. Ou queres que me atire á calçada?

— Não. Isso não. No andar terreo ha um tôldo resistente, e te salvas na certa. Vae embora antes que chame a policia. Já disse que sou casado, que adoro extremamente minha esposa. Minha esposa dócil e meiga. (Aqui Castilho mentia escandalosamente).

— Ah meu bem... si não fosse o tôldo ser resistente... Mas deixemos disso. Dize que me amas. Esqueçamos tua mulher!

Castilho levantou-se e ameaçou-a:

— Saia já daqui! Estou dizendo-te que amo minha esposa...

Laura ficou com os olhos razos de agua.

E foi até a porta.

Castilho esperava por isso. E precipitou-se bruscamente para pedir-lhe perdão, para enchêl-a de beijos... Mas... estancou os passos no meio do caminho.

E' que uma porta se tinha aberto abruptamente, deixando ver a figura da esposa, (1,70 de altura.)

— Não lhe bata, meu bem! — disse a esposa. — Eu ouvi tudo atraz dessa porta. Não é preciso chamar a policia, nem bater-lhe... Perdôe a essa pobre coitada. Essa desvergonhada. Ella já teve uma bôa lição. Ficou sabendo o marido que tenho. Marido de confiança. Você, meu bem, precipitou-se para bater-lhe; mas não é preciso. Deixe essa pobre coitada. Eu sabia que ella viria atormental-o... e é por isso que tenho estado na espreita.

(conclusão)

E, virando-se para a "pobre coitada", continuou:

— Vá bater noutra porta, que com o meu marido não arranja nada.

Seguiu-se uma serie de nomes, que terminou quando Laura estava lá em baixo, no fim da escada...

Depois... abraçou o advogado, e, com os olhos cheios de lagrimas, se mostrou reconhecida pela fidelidade, pela confiança que dóravante depositaria no marido. Confiança forte como só adquirem os estabelecimentos inglezes.

Luiza prometteu ser mais docil e carinhosa. Tanto é que se foi embora logo...

* * *

No escriptorio voltou o silencio.

Depois, Castilho tirou o phone, e telephonou:

— Você já chegou em casa, meu bem? Quero que desculpe o que se deu ha pouco por causa daquella intrusa. Vae desculpar ter sido enérgico, ter sido bruto... Mas foi porque eu sabia que ella estava ouvindo tudo atraz daquella porta. Mas, agora, pode vir quando quizer. Minha mulher está despistada, por dez annos pelo menos.

— ...

— Que disse você? Ah, sim! Pode vir agora; mas não demore, meu bem...

EXAME. — Exemplifiquemos: si, amanhã, o senhor é avaliado, e, mais tarde, descobre-se que era innocente — que diria?

PERICO não havia nascido sem olhos nem sem braços. Occorria-lhe causa muito peor: tinha-se apresentado neste mundo sem fazer constar sua familiar procedencia. Contava apenas alguns mezes de idade quando figurou no numero de objectos perdidos na via publica de Paris.

Recolheu-o a administração publica, que o mandou para o Ballireau, pequeno Conselho bretão. Chegando alli aquelle estranho achado, a população local verificou tratar-se de um ser humano que estava completamente vivo entre os pannos que o envolviam. E nada, por conseguinte, tiveram que dizer delle. Apenas isto: De qualquer modo, não é desta região.

Como não tinha outra coisa a fazer, o pequeno cresceu. E quando tinha cinco annos, foi mandado á escola, para sua desdita.

Seus collegas se entendiam á maravilha para pregar-lhe peças e se divertir á custa delle. Comprehendia que a falta principal era delle: não era daquella região.

Ao completar os treze annos, a Beneficencia deixou de pagar a sua pensão. Elle já estava na idade de se manter por si mesmo. Emfim, era livre. Podia tomar o caminho que quizesse. Ninguem o privava de ser millionario, industrial ou jornalista.

Primeiro, sem se deixar embriagar pelas vantagens de sua emancipação, ia modestamente trabalhar nas lavouras, e continuou vivendo em casa de seus padrinhos. Por acaso, estes estavam pobres, e abandonados pelos proprios filhos. De maneira que Perico se tornou seu unico sustentaculo.

Os annos se accumularam, e esse moço, laborioso, honrado, e sobrio, só merecia uma reprovação: não era daquella região. Era o seu unico defeito.

Os forasteiros, ao vêl-o, exclamavam, admirados:

— BRAVO rapaz!... Porta-se bem. Tem uma conducta exemplar e uma natureza solida, alegre, que respira uma forte singeleza.

Com effeito: muito antes de attingir a sua maioridade, Perico estava cheio de vigor, quasi formoso, sorrindo ás promessas do porvir. Era louro, com uma fronte ampla, tinha os olhos azues, um nariz parisiense, ligeiramente arrebitado e a parte baixa do rosto como que arredondada de bondade.

SUBITAMENTE, numerosos incendios devidos a causas ignoradas, desolaram a comarca. Os aldeões temiam que fossem destruidas as suas propriedades, os seus predios, tudo quanto possuiam, pois, por ignorancia e avareza de seus donos, a maior parte não estava no seguro.

DESTINO

Quatro Conselhos reunidos, formando um oásis naquelle deserto, haviam sido victimas do terrivel elemento. Suas assembléas, de commum accôrdo, decidiram que era necessario constituir uma companhia inter-urbana de bombeiros, e os contingentes seriam organizados com homens da região. Ballireau tinha que figurar tambem na companhia, mas em razão de sua escassa importancia, não contribuiria senão com um unico homem.

Mas, uma difficuldade se apresentava: quem se prestaria a ser o bombeiro de Ballireau? Neste povoado todo mundo era muito apegado a seus interesses, e assim não havia quem quizesse alterar sua vida si não via um proveito, uma utilidade immediata ao final do caminho percorrido. Todos desejavam ver seus bens protegidos contra o incendio, mas ninguem se sentia com vocação para fazer funccionar a bomba e defender os bens dos outros.

Falava-se já num sorteio. Felizmente, o alcaide de Ballireau era homem de grande coração e sabia reagir contra o prejuizo. E dirigiu-se a Perico, dizendo-lhe:

— Não és desta região. Mas isso na verdade não significa nada. Tu serás o bombeiro do Conselho. Vives, ha muito tempo, em nosso povoado e nunca até hoje se levantou uma queixa contra ti, o que prova que és inteiramente digno de nossa confiança.

Como Perico se commovesse por tanta e tão benevolente lisonja, o alcaide, por sua vez, se enterneceu e sua eloquencia attingiu uma amplitude generosa.

— Fica sabendo, rapaz — exclamou — de que o sacrificio é a mais bella de todas as virtudes. É preciso que o homem se dedique aos seus semelhantes, e não se encerre no egoismo. Ora! Que importa a origem de cada um? Todos os homens são irmãos, sem distincção. Tu és corpolento e bem formado. Farás uma bôa figura entre os bons moços da companhia. Poderemos estar contentes do nosso bombeiro. Dar-te-emos o uniforme.

A mão leal do alcaide avançou e estreitou a de Perico, num aperto official.

— E' coisa decidida. A sympathia de todos os vizinhos está comtigo. De agora em deante, estou certo disso, todos terão estima e gratidão para o vosso bombeiro. Além do mais, estou convencido de que não deixarás de distinguir-te por qualquer acção meritoria. Poderás então contar commosco, meu amigo. Saberemos reclamar para ti as recompensas legitimas.

De Leon Frapie

E Perico acceitou. Aquella exhortação commoveu-o.

Deram-lhe o uniforme.

Domingos e dias de festa, á hora das diversões e dos descansos reconfortantes, á hora do baile alegre sob os velhos olmeiros, Perico abandonava Ballireau para se entregar ás manobras.

Os jovens cumprimentavam-no com gestos amistosos:

— Bôa viagem!... Até á noite...

Mas, á noite, ninguem dançava, ninguem se reunia.

AINDA houve outros incendios e Perico estava sempre no perigo. Achava-se muito natural aquillo. Perico não era da região e não tinha nada que perder.

Ninguem obrigatoriamente temia por elle, que não tinha paes verdadeiros...

Os outros bombeiros cumpriam seu dever com uma prudente circumspecção, porque o homem se deve, antes de tudo, á familia, e não se póde lançar como um louco ao perigo. Nunca faltou o arrojo ao bombeiro de Ballireau.

O chefe não deixava de gritar-lhe:

— Coragem, Perico! Para cima, rapaz!

Perico soffreu feridas e queimaduras. Mas teve a sorte de arrancar das chammas duas pessôas que indubitavelmente teriam perecido sem um prodigio de coragem.

Foram enviadas referencias á Prefeitura. O enthusiasmo popular chegou a se desencadear, e uns e outros se apressaram de tal modo a festejar a prevista resposta da autoridade central, que o Conselho de Ballireau se viu obrigado a reivindicar seu bombeiro, proclamando que Perico lhe pertencia de direito e de justiça.

Esperava-se a data de 14 de julho para a outorgação da ansiada recompensa.

Mas, eis que no dia 10, á noite, num incendio, no proprio Ballireau, o tecto de um edificio cahiu em cima de Perico. Quando o pobre bombeiro foi retirado de sob os escombros, estava morto.

A catastrophe causou geral consternação. E no dia seguinte, em todos os pontos da comarca, se discutia o funesto acontecimento, lamentando-se a perda de Perico.

"Tão bom — dizia-se — que não era para este mundo". "E tudo por causa de um maldito edificio, que se podia deixar arder"... "E a medalha de salvamento que ia receber"... "E os discursos que já estavam preparados"... E um cortejo que se ia formar com bandeiras...

Pobre Perico! Era muita desgraça!

Havia alguem que, ás occultas, fazia este commentario disparatado e deshumano: "Felizmente não era desta região". E todos moviam a cabeça pensando em que o accidente podia ter sido ainda mais espantoso. Que de extraordinario poude occorrer no dia do enterro?

O cura do Ballireau havia de celebrar um casamento precisamente á hora da ceremonia funebre e não podia acompanhar o cadaver ao cemiterio. O alcaide estava enfermo. O secretario tambem ia ao casamento. Os bombeiros dos Conselhos vizinhos tinham um concurso de exercicio de bombas. Os guardas do campo haviam sido chamados á cabeça do partido. O carteiro estava de serviço. O professor tinha aula. Os conselheiros haviam ido, uns ao mercado, outros resolver assumptos inadiaveis. Os padrinhos de Perico estavam paralyticos. E alguns vizinhos que poderiam ter comparecido ao enterro exclamaram, tácita e mutuamente: "Ora! Fulano e Sicrano hão de ir!" E, em resumo, ninguem foi.

De sorte que, após a missa, quatro homens agarraram o ataúde do bombeiro e se dirigiram ao campo santo, sós, como si levassem os despojos de um desconhecido. Era meio dia. Um sol abrazador obrigava todo o mundo a se acolher aos lugares sombrios. Só os conductores do feretro levantavam o pó com seus pés pesados.

O cemiterio estava situado longe da igreja.

Em meio do caminho elles depositaram o corpo no chão e pararam para descansar.

— Que condemnado! Como pesa! — disse um.

E um outro ajuntou:

— Que má sorte a nossa! Ter que nos cansar desta maneira por uma pessôa que, afinal de contas, nem era desta região!...

Uma mulher que ouviu o ruido appareceu no humbral da porta de sua casa, fez o signal da cruz e desappareceu em seguida.

Os homens se havia calado, fatigados, exhaustos. As janellas estavam fechadas. Um grande silencio, um silencio de immensidade reinava na campina. O ar estava embalsamado. As mariposas rondavam o morto, collocado sobre um panno branco.

A' sombra de uma porta, um velho cão pellado se achava extendido, a dormir profundamente. Quando os carregadores seguraram de novo sua carga, o cão olhou ao longe, á direita, á esquerda...

E, não vendo ninguem, se levantou penosamente, e, estirando a pata assim mesmo velho e pestoso, de cabeça baixa, chegou até o cemiterio, como si acompanhasse o feretro por respeito humano.

(Continuação do numero anterior)

Com effeito, nada havia a fazer senão apressar o casamento, pois segundo a lei ingleza, a mulher é dispensada de servir de testemunha contra o marido.

— Não pode ser outra coisa. Está resolvido o mysterio, concluiu o policia, comsigo.

Tinha chegado ás ruinas do castello. Dirigiu-se então para a "Hospedaria da Estrada" onde queria falar com Harry, antes de ir ficar á taberna, que agora habitava na qualidade de engenheiro.

Na corrente dos seus pensamentos, não reparou que era seguido por um homem. A certa altura voltou-se.

— Bill Kundry! exclamou surprehendido.

— Sou eu, senhor.

— Faz uma cara, como se alguem lhe tivesse feito algum mal, accrescentou o policia.

— E' verdade. O que para uns é felicidade, póde ser desgraça para mim.

Sherlock Holmes examinou o rosto sombrio do seu interlocutor. A lua illuminava-lhe em cheio a physionomia.

— Quer que lhe diga o que se passou?

Poesia da Noite

Silencio. Póz o tempo em sombras vesperaes,
sobre a bôcca da noite o dedo da ironia.
Somente de onde em onde, em pateos e curraes
urra saudoso o gado a saudade do dia.

Vagalumes clareando os verdes mattagaes
abrem azas de luz de linda phantasia...
Tremem cheios de susto os frescos vegetaes,
e ouvindo o psiu do vento a matta silencia.

No casebre do pobre há fogo no terreiro:
contra o frio—o calor; fumaça contra o insecto;
luz contra a escuridão,—sombra do sol fagueiro.

No céu, em pallidez, o luar turvo, esquisito.
E tristonho, e saudoso, e distante, indirecto,
alem, bate um trovão no bombo do Infinito!

FÉLIX AYRES

Os moedeiros

(SHERLOCK HOLMES

— Só se o senhor for bruxo, pois doutra fórma não poderá adivinhar o que me aconteceu ha alguns minutos.

— Deram-lhe uma noticia terrivel, disse o policia.

O rendeiro recuou dois passos no auge do espanto.

— Foi isso mesmo senhor...

— E vou dizer-lhe que noticia foi essa, continuou Holmes, approximando-se delle.

"Betsy Busley, ou antes, desde ha um quarto de hora, Betsy Kundry, disse-lhe o seguinte: se bem que seja hoje tua mulher, Bill Kundry, prohibo-te com tudo que te approximes de mim e que faças valer os direitos que tens sobre a minha pessôa, até que não pese sobre ti a suspeita de teres sido o assassino do sr. Johnston.

Bill Kundry deu um grito de terror.

— Eu não sabia, senhor, disse o rendeiro, que alguem estava junto de nós quando Betsy me disse essas palavras. Foi precisamente assim que ella falou accrescentando: Tenho ou não tenho motivo para ser desgraçada?

— Bastava-lhe que falasse, replicou Sherlock Holmes, para destruir essa suspeita. Mas ha um juramento que o inhibe disso, não é verdade?

O rendeiro hesitou e disse por fim:

— Não posso ficar mais tempo comsigo. O senhor descobre todos os segredos. Adeus!

— Espere! disse o policia, segurando-lhe no braço. Tome nota das minhas palavras: dentro de tres dias sua mulher cahir-lhe-á nos braços, e pedir-lhe-á perdão de ter suspeitado do senhor.

CAPITULO VII

O ATIRADOR DE FUNDA

Quando Sherlock Holmes entrou no seu quarto da "Hospedaria da Estrada", encontrou Harry dormindo numa poltrona. O discipulo não accordou. O policia dirigiu-se para a mesa em bicos de pés, tirou do bolso o enveloppe que achara nos degraus da egreja e examinou-o detidamente.

Dentro ha um maço de papeis todos do mesmo tamanho. O sobrescripto é dirigido a Lord Mister. Bem, tenho que me valer mais uma vez das minhas habilidades.

Agarrou numa chavena, deitou-lhe agua, e approximou-a da chamma do candieiro.

Falsos de Sheffield

—Por CONAN DOYLE

Os vapores não tardaram em formar-se. Então expôz o verso do sobrescripto á acção do vapor de agua e em poucos minutos estava de posse de todo o conteúdo. Examinou detidamente os papeis, depois abriu um pequeno estojo e tirou de lá uma agulha com que marcou cada folha em determinado sitio.

— Bem, murmurou o policia. Harry tem de partir amanhã de manhã para Ulster, a fim de metter esta carta no correio e mandar o telegramma que vou escrever.

Tornou a metter os papeis no sobrescripto e fechou-o cuidadosamente. Depois escreveu um telegramma.

— Agora, vamos ver qual de nós se enganou, disse comsigo.

Harry partiu effectivamente muito cedo, a cumprir as determinações do mestre. Por muito tempo ficou ainda o policia sentado na sua poltrona, fumando o seu cachimbo e meditando, envolto em nuvens de fumaça.

Finalmente chegou a uma conclusão.

— Só Bill Kundry pode ter perdido o envelloppe, monologou o policia. Ninguem teria confiado ao velho Busley o valioso objecto e a Betsy ainda menos. Não pode ser senão Bill Kundry. Mas um homem em que se não tinha confiança, um homem a quem se exige um juramento — como poderiam ter-lhe entregado essa carta? Impossivel! Mas neste caso, como chegaria elle á posse della!

Sherlock Holmes passeiava nervosamente no quarto.

— Se o homem tivesse confiança em mim, tudo ficava esclarecido, o assassinato, e o resto... Em todo o caso tenho de dispensar-lhe o auxilio e ir sósinho até ao fim. Agora é preciso descançar algumas horas; parece-me que vou ter um dia ou antes uma noite muito movimentada.

Estava um dia lindo. Na atmosphera completamente limpa de nuvens, havia uma temperatura quasi morna.

Sherlock em trajo de viagem e botas altas, disfarçado com uma barba postiça dirigiu-se á capella onde tinha combinado encontrar-se com Dick.

— Vamos ver se descubro o meu amigo corcunda, murmurou elle chegando em frente da capella.

Olhou em torno de si, mas não descobriu viv'alma. Podia agora, sem receio de ser observado, examinar novamente o terreno á procura do corredor subterraneo que communicava com as ruinas do castello.

Mas o seu trabalho não deu resultado.

O policia caminhou então meio desanimado através dos campos. Chegou a uma pequena elevação de terreno, coroada por um monte de pedras enormes.

— Talvez um poço antigo, disse comsigo. Com certeza, do tempo em que foram construidas a capella e o castello.

Não se enganara. A parede em torno do poço media alguns pés de espessura. Debruçou-se um pouco para calcular a profundidade.

— Ora esta! exclamou. Taparam-n'o decerto para evitar algum desastre; se bem que a agua não nasce d'este lado...

Cerca de um metro abaixo do nivel da abertura tinham collocado duas grandes lages, que tapavam completamente a entrada.

— E' curioso, comprehendo facilmente

(Continúa na pagina seguinte)

Creatura artificial

Não sei quem seja aquella magricela!
Tambem não me interessa a sua historia.
Quem tem vida tão frivola e simploria
de chás e tangos, nunca será bella.

Bem o indica seu typo de gazela.
O oxigenio dos cachos; toda gloria
Rachitica, da fórma transitoria,
quasi intangivel, que ella traz com ella.

Deus me livre, meu Deus, de moça assim,
que anda na rua ás quedas, de vertigem,
mais leve que uma folha de alecrim!

Bebe, a errada, pállida, franzina,
enfeita os olhos myopes de fuligem,
pinta os labios de vermelhão da China.

ESDRAS FARIAS

— E' curioso, continuou Sherlock. Numa das lages ha uma argola de ferro, e comquanto devesse estar roida pela ferrugem e pelo tempo, está pelo contrario polida, como se lhe agarrassem com frequencia.

De novo olhou em torno para certificar-se de que ninguem o observava. Como tudo estivesse deserto, saltou decidido por cima da parede.

Puxou a pedra pela argola, e como previra, levantou-a sem difficuldade, depondo-a sobre a lage.

— Cá está, murmurou de novo. Um subterraneo commodo e parece que muito frequentado. Deve ser pois aqui a entrada da communicação subterranea para o castello de Mister.

Certificou-se ainda uma vez de que ninguem explava a sua tarefa, e desceu rapidamente as escadas. Finalmente chegou ao chão.

E' um sitio muito frequentado, que eu gostaria de examinar melhor se tivesse trazido a minha lampada electrica. De resto, ou eu me engano muito, ou ainda esta noite terei tempo e occasião de o ver melhor.

Subiu de novo á superficie, collocou a lage no seu logar e encontrou-se outra vez ao ar livre.

De repente divisou junto a um accidente do terreno não longe do sitio onde se encontrava, o pequeno corcunda junto de um carrinho de pastor. Teve um sobresalto. Quem sabe se o tinham espiado ?

Comtudo o pastor parecia não ter dado ainda por elle. Divertia-se atirando com uma funda, objecto que quasi todos os pastores inglezes e escossezes possuem. De subito, quedou-se confuso; tinha visto Sherlock Holmes.

— Tens ahi o teu cachimbo? perguntou o policia approximando-se.

O rapaz tirou-o, resmungando, do bolso.

— Ah, bem. Tabaco é que tu não tens.

Encheu e tabaco o cachimbo do pastor, e pegou na funda.

— Tambem sabes atirar com ella? perguntou o homunculo com curiosidade, entre baforadas de fumo.

— Vamos vêr, respondeu o policia, pondo uma pedra na funda, que atirou na direcção do carro.

O corcunda ria satisfeito da impericia de Sherlock.

— Lá disso não percebes, ponderou elle. Tambem não admira: é muito difficil...

— Tu entendesse melhor com isso, hein ? perguntou o policia.

O pastor respondeu affirmativamente, num gesto cheio de importancia.

— E's capaz de acertar no carro? continuou Sherlock Holmes.

— Eu acerto sempre, respondeu o outro, com um brilho estranho no olhar.

— E's capaz de acertar no carro, onde eu te disser!

— Seu, sim senhor, se o alvo não fôr pequeno demais.

— Se fizeres o que dizes, é para ti este dinheiro.

E mostrou-lhe uma moeda de seis pence.

O pastor agarrou a funda.

— E' para já, exclamou elle.

Sherlock Holmes não cabia em si de contentamento. Dirigiu-se para o carro e traçou com um pedaço de giz um circulo bem visivel na madeira.

— E's capaz de acertar aqui ? perguntou com a voz alterada pela commoção.

— Tantas vezes quantas quizer.

— Bem. Se fores capaz de acertar tres vezes seguir com uma pedra nesta rodéla, ganhas tres moedas de prata. Calcula quanto tabaco poderás comprar com este dinheiro.

A physionomia do idiota illuminou-se.

— Toma lá esta pedra, continuou o policia, tirando um pequeno objecto do bolso do collete — o pedaço de silex que encontrára junto do cadaver de Carlos Jonhston.

O corcunda olhou desconfiado para ella.

— O senhor achou isto ? disse elle com um sorriso imbecil.

— Achei. Porque, ainda tens mais ? inquiriu Holmes cheio de interresse.

— O pastor deu uma palmada no sacco de couro que trazia a tiracollo.

— Tenho o sacco cheio, affirmou com expressão alvar.

Abriu o sacco e mostrou o conteúdo.

— Muito bem, disse o policia tirando de dentro algumas pedras.

O corcunda recuou cerca de trinta passos e firmou-se nas pernas. Sherlock observava com espanto a transformação que se operava na sua physionomia. A expressão idiota e indifferente desapparecera por completo, para dar logar a uma mascara de musculos contrahidos, como de uma féra. O pastor fez girar algumas vezes a funda sobre a cabeça; a pedra partiu silvando, ouviu-se um choque secco; o alvo, pouco mais ou menos do tamanho de uma cabeça humana, fôra attingido quasi no centro.

A força fôra tal que uma das arestas agudas do silex enterrou-se na madeira, sendo preciso que o policia empregasse algum esforço para extrahir o projectil.

Sherlock considerou alguns momentos pensativamente a impressão que ficara na madeira.

— Ha aqui nos arredores alguem que seja capaz de atirar uma pedra tão bem como tu ? perguntou elle por fim, entregando ao pastor uma moeda de seis pence.

O corcunda abanou a cabeça com seriedade.

— Ninguem, respondeu collocando na funda a segunda pedra. Pode perguntar a Dick.

Dick, era o nome do homem com quem ficara de encontrar-se á noite na capella.

— Ah ! Aquelle de barba preta e côr morena ?

O corcunda affirmou de novo com um gesto, e despediu a terceira pedra, com tanta habilidade como as primeiras.

— Vaes velo muitas vezes?

— Levo-lhe de comer todos os dias.

— O que?! todos os dias tens que descer acolá pela escada do poço? continuou rindo Sherlock.

— Todos os dias.

— Já lá estiveste hoje? inquiriu, sentando-se no chão.

— Dick já não trabalha, respondeu o corcunda.

— Mas trabalham os outros.

O pastor, cujo rosto readquirira a habitual expressão de imbecilidade, meneou a cabeça.

— Não senhor. Os outros tambem se foram embora.

— Mas voltam outra vez para o trabalho?

— Eu sei lá. Dick disse-me que não é preciso levar-lhe lá de comer.

Sherlock Holmes meditou um instante. Como poderia obter mais informações do pastor?

— Queres que bata em Bill Kundry? perguntou de subito.

O pastor largou a funda, deixou cahir o maxillar, e ficou um momento de bocca aberta, como que distrahido.

O cerebro doente do corcunda não podia apprehender facilmente a conversação.

— Dou uma tunda em Bill Kundry? insistiu o policia.

— Sim senhor, articulou o corcunda com difficuldade: Bata-lhe a valer...

— Elle tambem te bateu? continuou Sherlock Holmes.

O pastor encolheu ainda mais a cabeça entre os hombros, e teve um gesto de medo.

— Bateu, sim senhor. E Dick tinha-me promettido que ninguem me faria mal...

— Porque não lhe atiraste com uma pedra á cabeça? perguntou naturalmente Sherlock Holmes.

— Não o vi a tempo, senão...

— Senão tinhas-lhe feito o mesmo que fizeste ao Johnston, hein? continuou o policia offerecendo-lhe tabaco.

O corcunda ia já a retirar-se desconfiado, como um [illegible] surprehendido numa falta. Mas o tabaco attrahia-o irresistivelmente. Estendeu a mão para Sherlock Holmes.

— O sr. Johnston tinha-te batido tambem, não é assim?

O pastor olhou com medo em torno de si.

— Podes contar-me tudo. Dick não saberá de coisa alguma.

— O sr. Johnston não me bateu, disse o pastor baixinho. Dick disse-me que elle queria prender ao velho Busley, a Betsy e a mim, e depois na prisão teriamos de trabalhar sempre e passar fome, e eu nunca mais veria o meu rebanho nem o castello de Mister [illegible], e um bello dia appareceriamos todos mortos.

— E para elle vos não prender a todos é que tu ante-hontem pela manhã lhe atiraste com uma pedra á cabeça, hein?

O corcunda fez um signal significativo, e continuou a olhar desconfiado para o policia.

— Mas Dick disse-me que ninguem me faria mal, [illegible] elle.

Sherlock Holmes garantiu-lhe que ninguem pretendia fazer-lhe mal, e tentou arrancar mais algumas palavras ao pobre idiota. Vendo que nada mais conseguia, dirigiu-se para casa.

— Estes patifes prepararam bem as coisas, disse de si para comsigo. Se não encontro aqui o pastor com a [illegible] proprio me veria em difficuldades para resolver o mysterio.

— Ainda foi bem eu não ter cedido ás insinuações de [illegible] Mister [illegible], declarando Bill Kundry culpado e entregando-o á justiça. Agora já vejo claro neste caminho.

Depois de mandar um telegramma cifrado ao seu amigo Wilson, preparava-se para regressar á Hospedaria, quando se voltou para contemplar ainda uma vez o castello.

Subitamente estacou. Uma mulher errava pelos campos, com o cabello solto ao vento. Tirou do bolso um excellente binoculo e observou-a attentamente.

— Bem me parecia, murmurou o policia. Parece que procura alguem, e sou eu quem ella procura.

Voltou, tão depressa como poude, pelo mesmo caminho, afim de evitar o encontro dentro da aldeia.

A meia distancia do castello encontraram-se os dois.

Betsy dirigiu-se-lhe, lacrimosa:

— O senhor viu por acaso o senhor Holmes, o policia de Londres que está aqui ha alguns dias?

— Sou eu mesmo, disse elle, tirando a cabelleira e a barba postiça.

— Oh, sr. Holmes, supplicou Betsy, desfazendo-se em agrimas, salve-me Bill Kundry!

— Foi preso, disse elle naturalmente, como se o soubesse ha muito.

— Sim, sr. Holmes. E agora já o não posso salvar!

— Espere um pouco, Miss Betsy. Foi acaso um policia chegado de Londres com uma ordem de prisão quem prendeu Bill?

— Foi, sim senhor. Eu não resisto a esta desgraça; maldito ciume que o levou a praticar tão grande crime! E eu tenho-lhe tanto amor... O que eu sentia pelo sr. Johnston não era mais que a amizade e compaixão...

— Nesse caso suppõe que foi Bill o assassino do sr. Johnston?

(Continúa na pagina seguinte)

— Infelizmente estou certa disso; nessa mesma manhã viram-no curvado sobre o cadaver.

Sherlock pegou na mão da desolada rapariga.

— Seja franca. Sabe que eu sou apenas um policia amador, e ninguem me obriga a revelar á justiça tudo quanto sei. De resto, continuou sorrindo, a lei ingleza já não póde obrigal-a a ser testemunha contra... seu marido.

Betsy largou corando a mão de Sherlock Holmes.

— O sr. sabe, balbuciou ella.

— Ainda sei mais do que suppõe. Até sei quem era o phantasma do Castello de Milster, que expulsou primeiro o sr. Johnston e a mim depois...

— Oh! exclamou Betsy estremecendo. Bill atraiçoou-me!

— Não, atalhou o policia, que era a menina, já eu tinha adivinhado; o que eu não conhecia ainda eram as razões que tinha para proceder assim, e essas, foi Bill que m'as disse. Miss Betsy veiu para me salvar a vida, quando eu já estava quasi perdido, pois as emanações, que estou convencido serem de chloroformio, já me tinham atordoado.

— Sr. Holmes, exclamou Betsy, se julga que tem razão para me estar grato, salve Kundry. Que elle não compareça deante dos jurados, pois condemnal-o-iam irremediavelmente. Elle tem inimigos... quem sabe? inimigos altamente collocados, que querem a sua ruina a todo o preço.

— Tenha confiança em mim, assegurou Holmes. Eu salvarei Bill. Em todo o caso vamos lá até o castello.

CAPITULO VIII

NA PRENSA HYDRAULICA

Quando ambos chegaram ás ruinas do castelo destacou-se um homem da multidão e dirigiu-se a Holmes.

— Não esperavas por mim, decerto, meu caro Holmes.

— E' verdade, meu velho Wilson, não te costumas metter em negocios que estão por minha conta.

O inspector de policia sorriu algum tanto confuso.

— Tambem não foi por minha vontade que vim, disse elle.

— E' verdade. Lord Milster mandou-te vir, explicando-te que o caso do assassinato de seu irmão não estava entregue a mãos competentes. Disse-te que o assassino só poderia ter sido um certo Kundry, que uma testemunha affirmava ter visto na manhã do crime curvado junto do cadaver. Tu trataste de arranjar um mandado de prisão e vieste logo proceder á captura.

— E' realmente isso, declarou Wilson.

As pessoas que a noticia da prisão de Bill trouxera ali tinham formado grupo em torno dos dois amigos.

— Espero que reconheças essa prisão tão justificavel como eu proprio, continuou o inspector de policia.

Holmes olhou em torno. Entre a multidão distinguiu Dick, o homem com quem tinha combinado encontrar-se naquella noite junto da capella abandonada para proceder nos subterraneos do castello á reparação duma prensa hydraulica.

Junto delle estavam os dois companheiros que o acompanhavam na hospedaria de Ulster.

— Certamente, disse o policia em voz alta, tambem eu, depois de tudo que tenho ouvido, cheguei á convicção de que Bill é effectivamente o assassino que procuramos, e que se deve proceder á sua prisão sem mais delongas.

O inspector bateu amigavelmente no hombro do policia.

— Alegra-me que sejamos uma vez na vida da mesma opinião. Vês, se tivesses andado mais ligeiro nas tuas diligencias, tinhas agora a gloria de descobrir o assassino do sr. Johnston.

— Tens razão, concordou o outro. A gloria de descobrir em Bill o criminoso pertence a ti exclusivamente. E o que tencionas fazer agora?

— Vou transportar o preso para Londres, mas hoje já é tarde para isso. Por ora mandei-o metter num quarto seguro, aquelle em que morou o sr. Johnston.

— Bem sei, o quarto dos phantasmas, atalhou Holmes.

— Exactamente; mandei-o fechar alli, e a chave entreguei-a ha pouco á filha do guarda, que creio chamar-se Betsy.

Sherlock tinha um dominio extraordinario sobre os musculos physionomicos; mas não póde impedir-se de sorrir ao pensar em Bill fechado no quarto dos phantasmas que tinha varias sahidas secretas, e cuja chave fóra entregue a Betsy recem-casada com o preso.

— Porque te ris? perguntou o inspector a quem não escapara este gesto.

— Alegra-me que tenhas tomado medidas tão acertadas, replicou Holmes.

Mas tenho um pedido a fazer-te, meu caro Wilson; gostava de falar alguns minutos com o preso; sabes que ha muita coisa que não ficou esclarecida; por exemplo, com que instrumento foi praticado o crime. Se tomas a responsabidade, deixa-me falar com elle.

— Com todo o gosto; conheço-te, e sei o que podes fazer; talvez consigas daquelle teimoso uma confissão completa, e nesse caso sempre terás ganho alguma coisa aos olhos de Milster.

Holmes esteve pouco tempo com o prisioneiro e parecia muito satisfeito, quando tornou a encontrar o inspector.

(Continúa no proximo numero)

PREÇO DAS ASSIGNATURAS:

EM TODO O BRASIL:

(Porte simples)

Anno.... (52 ns.) ..... 48$000
Semestre (26 ») ..... 25$000

(Registada)

Anno.... (52 ns.) ..... 70$000
Semestre (26 ») ..... 36$000

PARA O ESTRANGEIRO

(Porte simples)

Anno.... (52 ns.) ..... 78$000
Semestre (26 ») ..... 40$000

(Registada)

Anno.... (52 ns.) ..... 115$000
Semestre (26 ») ..... 60$000

As assignaturas terminam e começam em qualquer mez.

FON-FON

Revista Semanal Illustrada

EMPRESA FON-FON e SELECTA S/A.

Director: SERGIO SILVA

Direcção, Redacção e Officinas:

62, Rua Republica do Perú, 62

(Antiga Assembléa)

Telephones: Administração: 2 - 4136

Director: 2 - 0377 Caixa Postal: 97

Endereço telegr.: FON - FON

Rio de Janeiro

Toda a correspondencia deve ser dirigida á

EMPRESA

FON - FON e SELECTA S/A.

Representante na Europa:

Comptoir International de Publicité Gargon & Levindrey
Rue Tronchet, 9 — France
— Paris VIII Ludgate Hill.
Londres.

Venda avulsa .... 1$000

Numero atrazado ...... 1$500

Os Romances de Fon-Fon

Constituem um bom passatempo, pelo muito que tem sua leitura de agradavel e instructiva. Seus enredos habilmente desenvolvidos pelo espirito creador do grande Michel Zévaco, que, admiravelmente, liga á parte historica aventuras de amor, e odios implacaveis, prendem a attenção do leitor, proporcionando-lhe horas de prazer. Essas obras interessantissimas, cuja collecção constitue um verdadeiro thesouro literario, são traduzidas e editadas pela Empresa "FON-FON" e "SELECTA" S. A. Na administração desta Empresa encontram-se as collecções de romances abaixo descriminadas que podem ser enviadas á quem as pedir, podendo as importancias respectivas serem remettidas em carta registrada com valor declarado, vale postal ou selos do Correio, para a Empresa "FON-FON" e "SELECTA" S. A. A descriminação abaixo está na ordem de leitura.

	Preço:	Pelo Correio
FAUSTA — 10 fasciculos	5$000	6$000
FAUSTA VENCIDA — 9 fasciculos	4$500	5$400
PARDAILLAN E FAUSTA — 8 fasciculos	4$000	4$800
AMORES DE NANICO — 8 fasciculos	4$000	4$800
O FILHO DE PARDAILLAN — 16 fasciculos	8$000	9$600
O FIM DE PARDAILLAN — 8 fasciculos	4$000	4$800
O FIM DE FAUSTA — 8 fasciculos	4$000	4$800
CAPITAN — 14 fasciculos	7$000	8$400
BURIDAN — 19 fasciculos	9$500	11$400
PONTE DOS SUSPIROS — 8 fasciculos	4$000	4$800
AMANTES DE VENEZA — 7 fasciculos	3$500	4$200
O CASTELLO SAINT POL — 9 fasciculos	4$500	5$400
JOÃO SEM MEDO — 6 fasciculos	3$500	3$600
HEROINA — 14 fasciculos	7$000	8$400
NOSTRADAMUS — 13 fasciculos	6$500	7$800
DON JUAN — 7 fasciculos	3$500	4$200
REI AMOROSO — 9 fasciculos	4$500	5$400
O RIVAL DO REI — 7 fasciculos	3$500	4$200
PASSAVANT — 9 fasciculos	4$500	5$400
MARIA ROSA — 8 fasciculos	4$000	4$800
FLORES DE PARIS — 20 fasciculos	10$000	12$000
FLORINDA A BELLA — 5 fasciculos	2$500	3$000
A RAINHA DO ARGOT — 13 fasciculos	6$500	7$800

Pedidos á Empreza

Fon-Fon e Selecta S/A

Rua Republica do Perú, 62 - Rio

TELEPHONE: 2-4136

ORF-LÉNE

LIQUIDO

facilita a permanente

o ORF-LÉNE é o progresso em productos para tingir cabellos

o ORF-LÉNE é o mais pratico para tingir cabellos brancos em todas as côres

com o ORF-LÉNE obtem-se as côres da moda

com o ORF-LÉNE tinge-se rapido e bem

o ORF-LÉNE liquido preenche os requesitos modernos

o ORF-LÉNE é o ideal applica-se espumando para evitar que escorra

Distribuidores para todo o Brasil

AMERICO & CIA.

(PERFUMARIA AMÉRICO)

Rua Sete de Setembro 93 tel. 2 4554

Preços especiaes para revendedores e cabelleireiros.